



Universidade do Porto
Faculdade de Direito

DÉBORA PATRÍCIA ALFAYA FERREIRA

COMPREENSÃO DOS PROCESSOS E FATORES DE DESISTÊNCIA DA DELINQUÊNCIA: ESTUDO EXPLORATÓRIO DE INDIVÍDUOS EM LIBERDADE CONDICIONAL

Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre Elaborada sob Orientação da
Mestre Josefina Castro

Junho de 2015

RESUMO

A desistência do crime, assim como o seu processo e os fatores que lhe estão associados, constituem um dos principais objetos de estudo da Criminologia na atualidade. De acordo com a literatura, a desistência é um processo dinâmico que consiste no declínio das ofensas, verificado com a desaceleração da frequência dos delitos, a redução da sua variedade, assim como da sua gravidade. São muitas as concepções que apontam fatores para a sua explicação, existindo consenso na ideia que resulta da interação entre fatores subjetivos, fatores estruturais e o significado atribuído aos acontecimentos de vida pelos indivíduos. Muitos são os autores que se versam no estudo das narrativas associadas ao processo de desistência, destacando-se a análise que é feita de acordo com o *explanatory style*. Este parte da concepção de que os indivíduos que atribuem causas internas, globais e estáveis aos acontecimentos de vida positivos, estarão mais envolvidos no processo de desistência do crime, sendo os mais otimistas em relação a este processo, e portanto, mais motivados para deixar de cometer delitos. Assim, a presente investigação, tratando-se de um estudo exploratório deste processo, tem quatro questões de investigação que foram definidas inicialmente: *i)* testar a hipótese segundo a qual as dimensões do *explanatory style* apresentam padrões diferenciados de discurso que se relacionam com o maior ou menor envolvimento no processo de desistência; *ii)* identificar os acontecimentos de vida e fatores que estão associados aos prognósticos favoráveis de desistência do crime; *iii)* identificar as principais dificuldades associadas aos prognósticos não favoráveis de desistência do crime; e *iv)* comparar as diferenças de perspectiva entre técnicos de reinserção social e indivíduos em relação ao estado do processo de desistência destes, fatores que o influenciam e dificuldades que se apresentam. A amostra foi constituída por dez indivíduos em acompanhamento por liberdade condicional em equipas de reinserção social. A recolha de dados foi feita através da combinação de métodos: análise documental, aplicação de inquérito por questionário aos técnicos de acompanhamento, e realização de entrevistas aos indivíduos. Os principais resultados da investigação mostram: a existência de uma associação dos padrões diferenciados de discurso aos dois prognósticos de desistência possíveis, favorável e não favorável; e a existência de fatores e dificuldades que lhe estão associados, consistentes com a evidência empírica existente. Apesar das suas limitações, o presente estudo é mais um contributo para a literatura acerca deste tema que parece estar agora a emergir.

Palavras-chave: *desistência do crime; explanatory style; padrões diferenciados de discurso; fatores de desistência do crime; dificuldades na desistência do crime, acontecimentos de vida, liberdade condicional*

ABSTRACT

The process of desistance from crime and the factors that are associated to it are a major object of study in Criminology nowadays. According to the literature, desistance is a dynamic process that concerns a slowing down in the frequency of offending, a reduction in its variety and a reduction in its seriousness. There are different views about the factors which can explain it. The authors agree about the idea that desistance is the result of the interaction between subjective factors, structural factors and how life events are perceived by the individual. Many other authors study the narratives associated to the process of desistance from crime, but it is highlighted the importance of the analysis made according to the *explanatory style*. Its assumption claims that individuals that attribute internal, global and stable causes to positive life events, are more involved in the process of giving up on crime. These individuals are more optimistic about that process and consequently, more motivated do desist. This investigation, which is an exploratory study raised four questions: *i)* test the hypothesis that explains that the dimensions of the *explanatory style* present different patterns of speech in relation to a greater or lesser attachment to the desistance process; *ii)* identify the factors and the life events that are associated to a successful process of desistance; *iii)* identify the difficulties in desisting from delinquency; and *iv)* compare the perspectives of probation officers and individuals about their process of desistance, factors, difficulties, and life events associated. The sample included ten individuals on probation. Data collection was made by the combination of methods: documental analysis, questionnaire survey to the probation officers, and interviews to the individuals. The main results of the investigation show: a relation between differential patterns of speech and the consideration of the probation officers about the process of desistance of the individuals, and the factors, life events and difficulties associated to it, consistent with the existing empirical evidence. Although the limitations of the study, the present research is a contribute to the literature about this emergent topic.

Keywords: *desistance from crime; explanatory style; differential patterns of speech; factors associated with desistance from crime, difficulties on giving up on crime, life events, probation*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientadora desta Dissertação de Mestrado, a Mestre Josefina Castro pela sabedoria, orientação e pela motivação para fazer mais e melhor, ainda que do seu jeito.

Agradeço às equipas da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e aos técnicos que colaboraram neste estudo, pela disponibilidade e pelo (valioso) tempo dispensado.

DEDICATÓRIAS

Aos meus pais, pelo apoio incondicional e por me lembrarem sempre da pequena guerreira que levo dentro.

Ao meu irmão Paulo e à minha cunhada Sofia, pela preocupação e pela curiosidade constante.

À minha sobrinha e afilhada Bárbara, por alegrar os meus dias há já um ano, mesmo nos momentos mais tristes.

A mis abuelos, que ahora miran juntos por mí.

À minha avó, porque nunca me esquecerei do miminho depois da escola.

Ao Dani, pelo amor e compreensão que me demonstra há mais de dois anos... E por sempre acreditar mais em mim do que eu própria.

Aos meus amigos, por não me deixarem baixar os braços nas adversidades e por todos os momentos vividos... Em especial, à Flávia, porque se não fosse ela, não estaria aqui. Por não me ter deixado desistir no primeiro ano da Licenciatura com as suas palavras e o seu apoio. E porque tudo acontece por uma razão... Força guerreira!

LISTA DE ABREVIATURAS

cf.	confer (confira)
e.g.	exempli gratia (por exemplo)
et al.	et alii (entre outros)
idem	(o mesmo)
i.e.	id est (isto é)
vs.	versus (em oposição)

LISTA DE SIGLAS

DGRSP	Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
E.P.	Estabelecimento Prisional

ÍNDICE DE MATÉRIAS

RESUMO.....	ii
ABSTRACT.....	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
DEDICATÓRIAS	v
LISTA DE ABREVIATURAS.....	vi
LISTA DE SIGLAS	vii
ÍNDICE DE MATÉRIAS	viii
ÍNDICE DE TABELAS.....	x
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I, <i>Enquadramento Teórico</i>	3
1. A Criminologia Desenvolvidamental	3
1.1) <i>Continuidade e Descontinuidade no Crime e na Desviância</i>	5
2. Desistência do Crime	10
2.1) <i>Fatores para a Desistência do Crime e os seus Modelos</i>	14
a) <i>Mudanças Sociais ou Estruturais no Indivíduo e Desistência</i>	18
b) <i>Mudanças Subjetivas ou de Agency no Indivíduo e a Desistência</i>	24
2.2) <i>Dificuldades no Processo de Desistência</i>	28
2.3) <i>Explanatory Style e Desistência</i>	30
3. Probation, Serviços de Reinserção Social e Desistência	34
CAPÍTULO II, <i>O Estudo Empírico: Metodologia</i>	40
1. Objetivos e Questões de Investigação.....	40
2. Metodologia	41
3.1) <i>Caraterização do Estudo</i>	41
3.2) <i>Constituição da Amostra</i>	42
3.3) <i>Métodos de Recolha de Dados</i>	43
a) <i>Análise Documental</i>	44
b) <i>Questionários</i>	45
c) <i>Entrevistas</i>	46
d) <i>Grelhas de Observação de Entrevistas</i>	48
3.4) <i>Procedimentos de Recolha de Dados</i>	48
3.5) <i>Procedimentos de Análise dos Dados e Exposição de Resultados</i>	50
CAPÍTULO III, <i>Resultados</i>	53
1. Caraterização da Amostra	53
2. Análise Caso a Caso.....	54

2.1)	<i>Indivíduo E1</i>	54
2.2)	<i>Indivíduo E2</i>	59
2.3)	<i>Indivíduo E3</i>	62
2.4)	<i>Indivíduo E4</i>	65
2.5)	<i>Indivíduo E5</i>	68
2.6)	<i>Indivíduo E6</i>	71
2.7)	<i>Indivíduo E7</i>	74
2.8)	<i>Indivíduo E8</i>	76
2.9)	<i>Indivíduo E9</i>	79
2.10)	<i>Indivíduo E10</i>	83
3.	Fatores e Acontecimentos de Vida Associados ao Prognóstico Favorável de Desistência do Crime	86
4.	Dificuldades Associadas ao Prognóstico Não Favorável à Desistência do Crime	89
	CAPÍTULO IV, Considerações Finais	91
5.1)	Conclusões e Discussão	91
	CONCLUSÃO	95
	BIBLIOGRAFIA	98
	ANEXOS	98
	ANEXO 1: Questionário	107
	ANEXO 2: Guião de Entrevista	112
	ANEXO 3: Declaração de Consentimento Informado	120
	ANEXO 4: Declaração de Afirmação de Intenção	122
	ANEXO 5: Categorias da Codificação das Entrevistas	124

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1) Exemplos de excertos das entrevistas dos indivíduos para cada uma das seis vertentes do Explanatory Style	33
Tabela 2) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E1	59
Tabela 3) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E2.....	62
Tabela 4) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E3.....	65
Tabela 5) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E4.....	67
Tabela 6) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E5.....	71
Tabela 7) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E6.....	74
Tabela 8) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E7	76
Tabela 9) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E8.....	79
Tabela 10) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E9.....	82
Tabela 11) Exemplos das dimensões do Explanatory Style em E10.....	86

A presente dissertação apresentada no âmbito do Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto inscreve-se na temática da desistência do crime e tem como objetivos específicos: a identificação de padrões diferenciados de discurso que se relacionam com o maior ou menor envolvimento no processo de desistência de acordo com o *explanatory style* testado por Shadd Maruna (2004); a identificação de acontecimentos de vida e fatores associados ao prognóstico de desistência favorável dos indivíduos, a identificação de dificuldades associadas ao prognóstico de desistência não favorável dos indivíduos, e perceber as diferenças de perspetiva entre técnicos de reinserção social e indivíduos em relação ao prognóstico de desistência destes, e os fatores e acontecimentos de vida, assim como as dificuldades associadas.

A investigação na área da desistência do crime é considerada muito embrionária, tendo registado uma maior evolução a partir das décadas de setenta, período no qual se verificou um interesse crescente por este objecto de estudo da Criminologia.

Não existindo qualquer investigação relacionada com a desistência do crime em Portugal, decidiu-se apostar no aumento do conhecimento científico acerca do assunto.

Tendo como ponto de partida a concepção geral de que a desistência ocorre como resultado da interação entre fatores subjetivos, fatores estruturais e o significado atribuído aos acontecimentos de vida pelos indivíduos, este estudo teve em conta a análise das perspetivas de técnicos de reinserção social e dos indivíduos em liberdade condicional, de forma a identificar os fatores referidos, e aferir o prognóstico de desistência de cada participante¹.

Assim, o estudo aplicou um questionário aos técnicos de reinserção social relativamente a dez indivíduos em acompanhamento por liberdade condicional, procurando aferir-se o prognóstico de desistência destes, tendo-se efetuado a estes indivíduos uma entrevista que abordava, de forma geral, o percurso de vida dos indivíduos, e em específico o seu percurso criminal.

O presente trabalho será constituído por quatro partes. Primeiramente, serão apresentados os principais conceitos e considerações acerca da Criminologia Desenvolvimental, ramo no qual se insere o estudo da desistência do crime. Passando

¹ É importante esclarecer que, quando se fala do prognóstico aferido a partir das narrativas dos indivíduos, não é um prognóstico no sentido estrito, mas uma análise a partir da concepção de Shadd Maruna, que associa determinados padrões discursivos à desistência do crime.

seguidamente para o enquadramento teórico do objeto de estudo, incluindo os achados inseridos nesta temática (Capítulo I).

Seguidamente, será descrita a investigação levada a cabo, começando por uma caracterização do estudo e enumeração das questões de investigação, passando para os procedimentos de seleção da amostra, métodos de recolha dados utilizados, e métodos de análise dos dados e exposição dos resultados (Capítulo II).

No capítulo III, serão apresentados os resultados desta investigação, subdividindo-se em: caracterização da amostra; análise caso a caso, incluindo as narrativas dos indivíduos e as apreciações retiradas dos questionários preenchidos pelos técnicos de reinserção social; fatores e acontecimentos de vida associados ao prognóstico favorável de desistência do crime; e dificuldades associadas ao prognóstico não favorável à desistência. Procura-se também a integração entre os elementos teóricos e empíricos

Por fim, no Capítulo V, serão sumariadas e discutidas as principais conclusões deste trabalho. Serão ainda apresentadas as principais limitações a este estudo e sugestões para futuras investigações, sendo desenvolvido também na conclusão.

1. A CRIMINOLOGIA DESENVOLVIMENTAL

O desenvolvimento do conhecimento científico sobre a desistência do crime é indissociável da Criminologia Desenvolvidamental. Uma vez que o tema central desta dissertação é a desistência, importa desenvolver brevemente o que é sabido nesta área da Criminologia.

A Criminologia Desenvolvidamental é considerada um dos ramos mais recentes da Criminologia, tendo sido mais desenvolvida a partir dos anos noventa do século XX, nomeadamente pela utilização de estudos longitudinais prospetivos², já que têm a capacidade de explorar inúmeras questões da Criminologia por resolver por parte das abordagens não desenvolvimentais (cf. Farrington, 2006; Liberman, 2008). Particularmente, facultam informação sobre sequências desenvolvimentais, mudanças individuais, efeitos de acontecimentos de vida, e efeitos dos fatores de proteção e de risco nas diferentes idades (cf. Farrington, 2003; Farrington, 2006; Liberman, 2008; Loeber & Le Blanc, 1990).

Assim, recorrendo especialmente a este tipo de estudos, a Criminologia Desenvolvidamental foca-se, sobretudo, na descrição e explicação do comportamento antissocial e delinquente ao longo da vida, considerando quatro dimensões principais: o desenvolvimento das ofensas e do comportamento antissocial, os fatores de risco e proteção nas diferentes idades, os processos, e os efeitos dos acontecimentos de vida no desenvolvimento do indivíduo (cf. Farrington, 2003; France & Homel, 2008; Le Blanc, 2005; Loeber & Le Blanc, 1990; Sampson & Laub, 1992).

Desta forma, as vidas dos indivíduos são estudadas ao longo do tempo, sendo dado particular destaque ao envelhecimento, aos efeitos de coorte³, ao contexto histórico, e à influência social das transições inerentes à idade; permitindo que se destaquem as causas individuais de iniciação da delinquência e idade de *onset*⁴, a participação e como os seus

² Os estudos longitudinais podem ser divididos em retrospectivos ou prospetivos, que como o nome indica, no primeiro caso, a investigação limita-se ao que já foi produzido, e no segundo, há um acompanhamento dos indivíduos no período presente e futuro (Liberman, 2008).

³ *Cohort Effects*.

⁴ Idade de início dos comportamentos delinquentes.

padrões se podem tornar mais frequentes e graves ao longo do tempo, e como estas condutas podem cessar (cf. Loeber & Le Blanc, 1990; Osgood, 2005; Sampson & Laub, 1992).

Os processos do percurso criminal do indivíduo, referidos acima, são caracterizados como dinâmicos, e são os seguintes: ativação, agravamento, e desistência. O primeiro refere-se às maneiras como é estimulado o desenvolvimento das atividades criminais uma vez iniciadas, focando-se sobretudo na adolescência, apesar de se saber que um *onset* ainda mais precoce não é algo raro. Sendo a agravação o segundo processo no percurso criminal, a sua principal característica é a escalada, tratando-se da transição entre ofensas menores para as mais graves com o progredir da idade (Loeber & Le Blanc, 1990). O terceiro processo, a desistência, sendo o tema central da dissertação, será desenvolvido mais tarde.

Existem várias constatações que parecem bastante generalizadas dentro da Criminologia Desenvolvimental.

A primeira assunção é que, com o progredir da idade os ofensores parecem desistir do crime, conforme é demonstrado pela conhecida curva idade-crime. De facto, dados oficiais de diferentes fontes e países confirmam que a linha da curva tem tendência a aumentar desde a infância tardia (por volta dos dez ou onze anos), sofre o pico das ofensas por volta dos dezoito, passando para um declínio a partir dos vinte anos, sendo que a curva conserva depois uma cauda longa, demonstrando que são poucos os indivíduos que se tornam ofensores que persistem durante a vida adulta (cf. Farrington, 2003; Le Blanc, 2005; Moffitt, 1993; Shapland et al., 2012; Thornberry & Krohn, 2005). No entanto, é necessário referir que, como Sampson e Laub (2003) defendem, o pico de ofensas em relação à idade nas curvas de idade-crime varia, por exemplo, com o tipo de crime considerado ou com o género dos ofensores, mas todas sofrem um declínio no início da idade adulta.

Outra noção geradora de consenso na Criminologia Desenvolvimental é o facto de se assumir que os acontecimentos prematuros, como o abuso sexual na infância, assim como os primeiros momentos de socialização, terão influência no comportamento presente dos indivíduos (cf. Farrington, 2003; Gottfredson & Hirschi, 1993; Moffitt, 1993).

Também gera consenso a ideia de que os fatores de proteção, potenciadores da desistência do crime, não são simplesmente o inverso dos fatores de risco que levaram ao início das carreiras criminais (cf. Farrington, 2007; France & Homel, 2008; Loeber & Le Blanc, 1990).

Ainda se considera, igualmente, que um início da delinquência prematuro prevê a existência de uma carreira criminal relativamente longa (cf. Farrington, 2003; Farrington, 2005; Moffitt, 1993).

Por último, sabe-se que os ofensores são geralmente versáteis, ao invés de se especializarem, apesar de existir algum grau de especialização conforme o avançar da idade, indiciando a desistência do crime (cf. Farrington, 2005; Loeber & Le Blanc, 1990; Smith, 2002).

Passar-se-á agora à explanação das posições acerca de um tópico que é inevitável discutir quando se trata da Criminologia Desenvolvidamental e da desistência: a continuidade e descontinuidade no crime e na desviância.

1.1) Continuidade e Descontinuidade no Crime e na Desviância

Um dos tópicos que gera maior discussão na Criminologia Desenvolvidamental é o facto de se questionar se o comportamento antissocial tem um carácter estável ao longo da vida ou se há lugar para transformações. No entanto, a verdade é que os autores muito dificilmente se conseguem posicionar num dos pólos.

Vários autores sugerem que o importante será olhar para ambas, a continuidade e a descontinuidade do comportamento delinquente em conjunto. A continuidade será mais visível ao nível interindividual, enquanto a descontinuidade se deverá mais a mudanças intraindividuais. (cf. Gottfredson & Hirschi, 1990; Moffitt, 1993; Piquero et al., 2012; Sampson & Laub, 1992; Smith, 2002).

Nas palavras de Piquero e os seus colegas (2012), *“There is strong continuity in antisocial behavior from childhood to adolescence to adulthood”* (p.20).

Parte-se então do pressuposto que as diferenças interindividuais no comportamento antissocial são estáveis ao longo do percurso de vida. Como Farrington (2005) explica, o cometimento de crimes num estágio da vida ditará uma maior probabilidade de delinquência em estádios posteriores.

A continuidade poderá ser diferenciada em dois tipos: a continuidade homotípica e a continuidade heterotípica (cf. Moffitt, 1993; Sampson & Laub, 1992). A primeira explica a continuidade de determinados comportamentos e atributos fenotípicos ao longo do tempo. Como exemplo temos a agressividade: existindo manifestações deste na infância, haverá mais probabilidade de acontecer também na idade adulta. Por contraposição, existe a continuidade heterotípica, i.e., a existência de um atributo genotípico que se presume que está na origem de

diversos comportamentos fenotípicos. Neste caso, um comportamento específico durante a infância poderá não predizer o mesmo comportamento mais tarde, mas poderá ser associado a outros comportamentos conceitualmente consistentes com o primeiro (Sampson & Laub, 1992). Este tipo de continuidade será, segundo Moffitt (1993), a que descreve o percurso desviante dos delinquentes denominados de *life-course persistent* na sua *Developmental Taxonomy Theory*: aos quatro anos mordem e batem, aos dez cometem furtos em lojas e existem registos de absentismo escolar, aos dezasseis começam a vender estupefacientes e a assaltar carros, passando a roubos e violações aos vinte e dois e, por fim, ao abuso de crianças e fraudes aos trinta anos de idade. Após os trinta, a disposição permanece semelhante, mudando a sua expressão de acordo com as oportunidades sociais que aparecem ao longo do percurso de vida.

Assume-se que o comportamento antissocial na infância prediz uma grande variedade de consequências negativas na idade adulta (cf. Farrington, 2003; Farrington, 2005; Moffitt, 1993; Sampson & Laub, 1992; Smith, 2002). Nas palavras de Smith (2002), “*the most disruptive child is likely to be the most serious and persistent adult offenders*” (p.703).

Especificamente, Moffitt defende esta hipótese na sua teoria nos delinquentes persistentes, sendo que estes representam cerca de cinco a seis por cento dos ofensores.

A continuidade nos comportamentos antissociais e delinquentes dos indivíduos relaciona-se com as funções neuropsicológicas do sistema nervoso na infância, que por sua vez são alteradas por diversos fatores. Apontam-se causas durante a gravidez, como o consumo de estupefacientes da mãe, hereditariedade e causas após o nascimento da criança, como a subnutrição ou até o abuso e negligência por parte dos pais (cf. Farrington, 2005; Moffitt, 1993; Smith, 2002; Thornberry & Krohn, 2005). Da mesma forma, também os défices nas funções verbais e executivas, como a atenção, a formação de objetivos ou o planeamento, assim como altos níveis de impulsividade, se encontram associados ao comportamento criminal extremo e persistente (cf. Moffitt, 1993; Smith, 2002).

Outra explicação para a continuidade do comportamento criminal é o próprio crime, uma vez que este pode modificar a probabilidade de enveredar pela delinquência no futuro. Denominando-se esta explicação como *continuidade cumulativa*, o crime poderá ser sustentado pela acumulação progressiva das suas próprias consequências, uma vez que a delinquência diminui o leque de oportunidades para uma vida normativa para o indivíduo. Assim, as ofensas terão uma tendência para aumentar após a primeira vez que é detetado. (cf. LeBel et al., 2008; Moffitt, 1993; Sampson & Laub, 1992; Smith, 2002; Thornberry & Krohn, 2005). Thornberry e Krohn (2005) dão o exemplo dos pares delinquentes: uma vez que o indivíduo se associa a

pares delinquentes, o crime tem tendência a aumentar, e este faz com que haja maior probabilidade de isolar o delinquente em redes sociais desviantes. Moffitt (1993) acrescenta que estes indivíduos são rejeitados socialmente: na infância pelo seu comportamento agressivo e imprevisível, e após a adolescência pela falta de lealdade e pela incapacidade de criar relações de amizade.

Smith (2002) enumera outros fatores que podem contribuir para a continuidade do comportamento criminal ao longo do percurso de vida: família e paternidade, grupo de pares, o *loop* ofensa-vitimização, impulsividade ou falta de autocontrolo (tal como foi referido anteriormente), processamento da informação social, e estrutura social.

Em relação à família e à paternidade, o exercício da parentalidade ineficaz, contribui para o desenvolvimento antissocial do indivíduo (cf. Farrington, 2005; Gottfredson & Hirschi, 1990; Smith, 2002; Thornberry & Krohn, 2005). No entanto, apesar de ser fortemente suportado pela evidência empírica que o funcionamento da família é frequentemente o início do processo que leva à continuidade do comportamento antissocial, não é explicado como essa continuidade é mantida uma vez que o adolescente e o jovem adulto se desloca gradualmente para fora da esfera de influência da família de origem (Smith, 2002).

É dado um papel muito importante aos pares para o desenvolvimento e continuidade do comportamento delinvente nos indivíduos. Uma vez que são alvo de práticas parentais ineficazes e o facto de pertencerem a um contexto social e económico baixo, levam a que estes fracassem a nível académico, que em conjunto com as condutas desordeiras, fazem com que sejam rejeitados pelos pares normativos (cf. Farrington, 2005; Moffitt, 1993; Smith, 2002). Desta forma, procuram o reconhecimento, envolvendo-se com pares antissociais, cometendo crimes, já que os indivíduos têm tendência de se associar a pessoas semelhantes (Smith, 2002). Os indivíduos encontram-se expostos a mais definições favoráveis ao desvio e menos favoráveis à normatividade. Estas trocas interpessoais variam com a intensidade e frequência com que os indivíduos se relacionam com os pares delinquentes (cf. Smith, 2002; Thornberry & Krohn, 2005).

Parecem existir indicadores de que há uma relação entre a vitimização e a delinquência, i.e., o facto de se ter sido alvo de um crime poderá levar a existência de um *loop*, que fará com que o indivíduo se torne delinvente. Existem três explicações para este caso: a própria aprendizagem, o cometimento de crimes como retribuição, ou o facto de ter sido um acontecimento traumático (Smith, 2002).

A continuidade do crime durante o percurso de vida também pode ser explicada pelo facto de os indivíduos terem concepções diferentes da sua imagem, do mundo e dos outros, tendo também crenças diferentes sobre o que é socialmente aceitável ao nível comportamental. Parecem ter distorções cognitivas, percebendo tudo que os rodeia de uma forma diferente dos outros (idem).

Também poderá ser explicada da forma mais básica: a delinquência é normalmente associada às classes sociais mais baixas, residentes em bairros com piores condições de vida, a denominada *underclass*⁵ (cf. Farrington, 2005; Smith, 2002).

Por último, em relação à continuidade poderá dizer-se que quanto mais fortes forem os défices, mais estáveis serão, e que os fatores causais de delinquência precoce tendem a ser estáveis (cf. Thornberry & Krohn, 2005; Wikström, 2005). De facto, o grupo de ofensores adolescentes que têm maior risco de continuar com a carreira criminal na idade adulta, são aqueles que durante a infância desenvolveram uma alta propensão criminal que se manteve na adolescência (Wikström, 2005). Congruente com esta ideia é a que Piquero e os seus colegas (2012) referem quando explicam que a *força* da continuidade das carreiras criminais aumenta linearmente ao número de atos delinquentes cometidos anteriormente.

Os mesmos autores que se posicionam do lado da continuidade das condutas criminais, também defendem a sua descontinuidade.

Por exemplo, Smith (2002) também se coloca a favor da descontinuidade do comportamento criminal durante o percurso de vida, uma vez que a probabilidade para ofender e as suas formas mudam com o avançar da idade. O autor explica três tipos de efeitos relacionados com a idade que poderão contribuir para a mudança no crime: os efeitos da idade, que constituem as mudanças que acontecem com o desenvolvimento do percurso de vida, independentemente do período de tempo e os aspetos geográficos; os efeitos dos períodos de tempo, que são as mudanças históricas que acontecem e que afetam todos os indivíduos igualitariamente, independentemente da idade, como por exemplo a Segunda Guerra Mundial; e os efeitos de grupo⁶, que são as mudanças que acontecem a todos os indivíduos que partilham determinadas características, pertencendo a um grupo, como por exemplo, terem nascido no mesmo período.

⁵ É descrito por Sampson e Laub (1992), assim como Smith (2002) como o estrato social mais baixo que é normalmente constituído pelos mais desfavorecidos e que se encontram dependentes de apoios sociais.

⁶ Smith (2002) denomina-os de *cohort effects*.

Outro caso é o de Moffitt (1993): apesar de defender que existe continuidade nos *life-course persistent delinquents*, afirma que existem aqueles indivíduos que apenas têm comportamentos antissociais temporariamente ou em determinadas situações, aos que denomina *adolescence limited delinquents*, sendo mais comuns na população. A esta categoria, Le Blanc e Fréchette denominam de transitórios ou temporários (Le Blanc, 2005). O comportamento antissocial destes indivíduos não é consistente, pelo que existem períodos livres de crime no seu breve percurso criminal, e parece que este depende dos mecanismos de reforço e punição adjacentes. Parece ser uma resposta adaptativa a circunstâncias contextuais (cf. Le Blanc, 2005; Moffitt, 1993).

Já Gottfredson e Hirschi (1990), apesar de não serem autores desenvolvimentais, defendem que a descontinuidade dos comportamentos antissociais e delinquentes se atribui, sobretudo, a características pessoais e não a acontecimentos exógenos. Para estes, os acontecimentos de vida como o casamento ou a paternidade têm pouco efeito sobre o comportamento criminal. O que existe é um declínio das taxas de criminalidade com a idade e inerente maturação (acompanhada por mudanças físicas, cognitivas e psicológicas), já que os indivíduos assumem papéis associados à idade adulta, que pressupõem responsabilidade (cf. Farrington, 2003; Gadd & Farrall, 2004; Gottfredson & Hirschi, 1990; Moffitt, 1993; Smith, 2002; Thornberry & Krohn, 2005). Isto acontece pela estabilidade das características pessoais, nomeadamente o autocontrolo, sendo que este dita a propensão criminal dos indivíduos: assim, quanto mais baixo o autocontrolo, maior a propensão criminal do indivíduo (Gottfredson & Hirschi, 1990).

Também se aponta que a desistência, i.e., uma possível expressão da descontinuidade, está relacionada com contextos desenvolvimentais, como o declínio da forma física e da força dos indivíduos com a idade (cf. Farrington, 2003; Loeber & Le Blanc, 1990).

Parecem existir alguns fatores que podem alterar a estabilidade social nos indivíduos, quer aumento-a ou diminuindo-a, levando por consequência à descontinuidade do comportamento criminal: o casamento, deixar o bairro ou a cidade onde habitavam, cumprir serviço militar, o emprego e desemprego, a transmissão da *underclass* e da dependência social entre gerações, a existência de comportamentos explosivos, e a falta de controlo na infância (cf. Farrington, 2003; Farrington, 2005; Farrington, 2007; Loeber & Le Blanc, 1990; Maruna & Roy, 2007; Moffitt, 1993; Piquero et al., 2007; Sampson & Laub, 1992; Sampson & Laub, 2005; Wikström, 2005).

Farrington (2003) defende a descontinuidade dos comportamentos antissociais e delitivos pelas mudanças de oportunidades, recompensas, custos e laços influenciados por acontecimentos de vida, assim como pelos constrangimentos externos (e.g. ter menos saídas recreativas, a redução do consumo de álcool, ou passar menos tempo com pares do sexo masculino) e pelo seguimento de modelos prossociais.

Por ultimo, também é dito a favor da descontinuidade, que a força dos fatores causais da delinquência diminui quando a idade de *onset* aumenta (há menos fatores causais, sendo menos estáveis ao longo do tempo menos extremos, e não estão tão relacionados), e que o número de fatores de proteção aumenta com o avançar da idade (cf. Piquero et al., 2012; Thornberry & Krohn, 2005).

Para além disso, alguns fatores causais do crime também podem ser compensados ou sofrer uma melhoria, afastando o indivíduo do crime (cf. Gottfredson & Hirschi, 1990; Moffitt, 1993; Piquero et al., 2007; Thornberry & Krohn, 2005).

2. DESISTÊNCIA DO CRIME

A descontinuidade do comportamento criminal expressa-se principalmente através da desistência do crime. “*Almost all offenders, even persistent offenders, eventually stop offending*” (Bottoms & Shapland, 2014, p.318), por isso a desistência do crime é considerada um dos principais objetos de estudo da Criminologia contemporânea.

A investigação na área da desistência do crime insere-se no estudo dos processos. Anteriormente fez-se referência aos outros dois processos a que Loeber e LeBlanc fazem alusão no seu artigo de 1990: a ativação e a agravação. Agora expor-se-á este terceiro processo, tema central desta dissertação.

A investigação da desistência enquanto processo tem o propósito de estudar o término das carreiras criminais, e sumarizar, predizer e explicar o decréscimo inerente até que a taxa de delinquência seja de zero, pelos subprocessos da desaceleração, especialização e regressão da escalada (cf. Farrington, 2007; Loeber & Le Blanc, 1990).

Primeiro de tudo importa esclarecer que a desistência não pode ser encarada como um acontecimento abrupto e causal, mas sim como um processo gradual e dinâmico (cf. Barry, 2013; Farrall, 2002; Farrall et al., 2011; Healy, 2010; Kazemian, 2007; Loeber & Le Blanc, 1990; Maguire & Raynor, 2006). De facto, como Loeber e Le Blanc (1990) explicam, a

desistência do crime, tratando-se do declínio das ofensas, transpõe-se na desaceleração da frequência dos delitos, na redução da sua variedade (existindo uma limitação a determinados tipos de crime), assim como da sua gravidade. Estes subprocessos são os que levam à cessação do crime, por inteiro ou em parte. Existe outro subprocesso que normalmente não é observável em alguns indivíduos, os *ceiling effects*⁷. Este diz respeito ao fenómeno no qual os delinquentes atingem um limite na gravidade dos delitos. Assim sendo, após atingirem a gravidade máxima, não existirá uma progressão desta, sendo normalmente acompanhada por uma redução da frequência do crime. O estudo destes subprocessos por separado poderá ser limitador, uma vez que há muita probabilidade de coocorrerem e de terem uma ligação entre si.

A desistência é considerada um processo difícil (Maguire & Raynor, 2006), podendo ter avanços e retrocessos, sendo descrito por intermitências, mediado pela instabilidade e incerteza (cf. Barry, 2013; Farrington, 2005; Healy, 2010; Kazemian, 2007). De facto, grande parte dos indivíduos falham em desistir nas primeiras tentativas: assume-se que a desistência é precedida por cessações temporárias e uma desaceleração da atividade criminal, podendo recomeçar, talvez por influência de acontecimentos de vida, como a separação da companheira sentimental ou com problemas de alcoolismo.

Mas há uma questão que se coloca: como é que a desistência temporária pode ser distinguida da desistência permanente? A resposta será que a probabilidade de término das carreiras criminais aumenta quanto mais tempo tenha passado desde a última ofensa cometida e com a frequência anterior dos atos criminais (Farrington, 2007).

Apesar de ser considerado que, todos os ofensores cometem menos crimes à medida que envelhecem (cf. Farrington, 2005; Morizot & Le Blanc, 2007; Sampson & Laub, 2005), há uma impossibilidade em classificar a desistência de um indivíduo como definitiva (Maruna & Roy, 2007).

Não existe consenso quanto à definição de desistência, tendo sido sugeridas várias na literatura acerca do tema (cf. Kazemian, 2007; King, 2013b). Kazemian (2007) resume algumas delas: Meisenhelder definiu-a como o desapego com sucesso do padrão de comportamento criminal desenvolvido previamente, sendo reconhecido subjetivamente; Uggen e Kruttschnitt definem a desistência como uma mudança de um estado de ofensa para um estado de não-ofensa e posterior manutenção; Bushway e os seus colegas classificam-na como o processo de redução da taxa de delinquência de um nível diferente de zero para zero; e, de acordo com Maruna, a

⁷ Efeitos de tecto.

definição de desistência deverá prestar mais atenção à manutenção do estado de não ofensa, em vez de dá-la ao momento exato da terminação (p.7). O mesmo autor (2012) define a desistência como a ausência de um comportamento por parte de indivíduos que tinham estabelecido esse tal padrão de comportamento. De facto, um desistente não é definido por ter uma característica em particular, mas sim pela ausência continuada desta durante um período de tempo, i.e., o não cometimento de crimes (Farrall, 2002). Já Bottoms e Shapland (2014) defendem que se trata de um processo de aprendizagem de como viver uma vida normativa quando se viveu tanto tempo na criminalidade. Farrall e os seus colegas (2010) classificam a desistência do crime como um processo comum, que se encontra relacionado com as mudanças no estilo de vida dos indivíduos e com as decisões que estes tomam em função das suas ações. Segundo Morizot e Le Blanc (2007), é considerado um processo normativo, uma vez que mais tarde ou mais cedo, e quer por uma circunstância ou por outra, todos os indivíduos desistem do crime. Fitzpatrick (2011), tal como Maruna, defende que para a definição de desistência o que importa não é o momento em que termina o cometimento dos crimes, mas sim o processo de manutenção que lhe está inerente, apesar dos obstáculos e frustrações, sendo uma questão de superação ou resiliência. Por fim, Tripodi e os seus colegas (2010) consideram que é um processo de mudança comportamental que envolve motivação, mudança, e manutenção desta.

A definição mais aceite é a que já foi apresentada acima de Loeber e Le Blanc (1999), até porque foi operacionalizada: tratando-se de um processo, integra quatro dimensões – frequência, versatilidade, gravidade e efeitos de tecto. Afirmam que antes da atividade criminal cessar completamente, o *lambda*⁸ declina, ou seja, há uma redução desta, sendo que os ofensores se tornam mais especializados e cometem crimes menos graves, atingindo o limite da gravidade dos delitos, até que desistem definitivamente (cf. Kazemian, 2007; Loeber & Le Blanc, 1990).

No entanto, existe ainda assim falta de consenso, tornando as generalizações empíricas difíceis de alcançar no estudo da desistência do crime.

Ainda no seguimento da ideia de inexistência de consenso no que toca à definição de desistência, é defendido que nesta podem ser consideradas: a desistência primária e a desistência secundária. Enquanto a primeira se trata de um hiato na atividade criminal, a desistência secundária é um processo que se caracteriza por ser a longo-prazo. Esta segunda fase consiste num reenquadramento da identidade pessoal dos indivíduos, pressupondo um novo *eu*

⁸ Frequência individual das ofensas.

convencional: os indivíduos assumem um papel de não-delinquente (cf. Barry, 2013; Farrall, 2002; Farrall, 2004; Healy, 2010; Maruna, 2012). A investigação que se centra na desistência primária é de extrema importância, uma vez que explora o momento imediatamente após a tomada de decisão de desistir do crime (mostrando quando é que os indivíduos estão preparados para desistir). Desta forma, podem indicar-se que intervenções se deverão fazer junto do indivíduo, de modo a que o período livre de crime se prolongue, encaminhando-se para a desistência secundária (King, 2010). Fox (2014) fala ainda de uma desistência terciária, que se manifesta pelo sentimento de pertença na sociedade.

Já Burnett apresenta dentro do processo de desistência três tipologias de indivíduos: *non-starters*, que renegam vincadamente que são delinquentes e, de facto, têm menos condenações que os restantes delinquentes; *avoiders*, cujo objetivo é apenas evitar a prisão; e *converts*, aqueles que fazem uma ponderação entre custos e benefícios do crime. Entre estes grupos existem diferentes níveis de confiança e motivação, sendo que é no último grupo onde se verifica maior sucesso para alcançar a desistência do crime (McNeill, 2006).

Apesar do crescente interesse por esta temática, muitos autores ainda consideram o seu conhecimento limitado, sendo classificado como embrionário, nomeadamente no que toca aos processos causais que subjazem à desistência (cf. Kazemian, 2007; Loeber & Le Blanc, 1990; McCulloch, 2005). Há um descuido do estudo de outros períodos da idade dos indivíduos que não a infância e a adolescência, nos quais frequentemente se dá o início das carreiras criminais, deixando pouca atenção para desistência, apesar de se encontrar um progresso bastante significativo (cf. Osgood, 2005; Shapland et al., 2012).

Conforme desenvolvem Farrall e Maruna (2004), o estudo científico em profundidade da desistência começou com a investigação dos Glueck na primeira parte do século XX, apesar de não ter sido até à década de setenta e oitenta que emergiu o verdadeiro interesse por este tema em específico⁹. Após este período, existiram alguns estudos longitudinais no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. Sam King (2010) menciona o *Philadelphia Birth Cohort Study* e o *Cambridge Study in Delinquent Development*. No entanto, os maiores progressos na investigação acerca deste tema ocorreram nas últimas duas décadas, com autores como John Laub, Robert Sampson ou Shadd Maruna, tendo-se versado nos motivos pelos quais os indivíduos desistem e como são capazes de o fazer em diferentes fases das suas vidas. Ao invés de se debruçarem nas diferenças interindividuais, o interesse passou para o lado das diferenças

⁹ Foi até nesta altura que se começou a utilizar o termo de desistência do crime.

intraindividuais das carreiras criminais dos indivíduos (cf. Farrall, 2002; McGloin et al., 2011; Siennick & Osgood, 2008).

Apesar dos mais recentes progressos, reclama-se ainda mais investigação que se verse sobre como a desistência é percebida e experienciada por parte dos indivíduos (Kazemian, 2007).

As investigações realizadas na área, geralmente, têm como base conjuntos de dados das carreiras criminais dos indivíduos ou em dados retrospectivos de estudos já realizados, tendo como foco a influência dos fatores sociais e pessoais no processo de desistência, sendo o papel das intervenções judiciais na desistência pouco explorado (Farrall, 2002). A desistência pode ser examinada de acordo com três abordagens: desde os dados oficiais (ainda que estes poderão ser enviesados pelas prioridades das políticas criminais, por erros de denúncias e pela administração da justiça criminal); desde as narrativas e entrevistas; ou desde questionários de delinquência autorrevelada, que denotam mudanças no comportamento criminal dos indivíduos (cf. Loeber & Le Blanc, 1990; Massoglia & Uggen, 2007).

2.1) Fatores para a Desistência do Crime e os seus Modelos

É certo que o processo de desistência do crime implica o que é denominado de *knifing off*¹⁰ que existe entre o passado e o presente de cada indivíduo, quando existe oportunidade para que tal aconteça. O *corte* é feito em relação ao passado, aos papéis antissociais, às associações a pares desviantes, às desvantagens, ao estigma social e às oportunidades antissociais (cf. Maruna & Roy, 2007; Moffitt, 1993; Piquero et al., 2007). Todas elas denotam uma separação do passado com o presente e um desaparecimento das opções que predominavam no passado: há uma *amputação* do papel de delinquente ou das dificuldades legais e sociais associadas ao crime (cf. Maruna & Roy, 2007; Piquero et al., 2007).

Para além de existir um *corte* com o passado, este é sempre acompanhado por uma espécie de guião para o futuro, claro e livre do crime, indispensável, para que haja uma verdadeira mudança no comportamento do indivíduo. No caso de não existirem estes guiões, as tendências criminais dos indivíduos poderão ser acentuadas (cf. King, 2010; Maruna & Roy, 2007; Moffitt, 1993; Piquero et al., 2007). De facto, tal como King (2010) afirma, seguindo o pensamento de Maruna, “*evidence suggests that successful desisters tend to have a plan that they adhere to*” (p.8).

¹⁰ Corresponde ao conceito de *corte*. É um dos conceitos mais importantes introduzidos na Criminologia nos últimos vinte anos.

Diferentes autores apontam diversos fatores potenciadores da desistência do crime, pressupondo uma classificação dos mesmos. Das classificações existentes, é a defendida por King (2010), LeBel e os seus colegas (2008) ou Bottoms e os seus colegas (2004) a mais comumente divulgada.

Segundo Sam King (2010) existem três tipos de fatores que contribuem para a desistência do crime: os estruturais, os de *agency*¹¹ e os integrados.

Os primeiros são relativos ao contexto social no qual a desistência ocorre. As concepções que defendem que a desistência se deve a estes são denominados de Modelos Estruturais¹². Estas enfatizam o papel dos laços e controlos sociais informais em fomentar o compromisso com a normatividade (Barry, 2013). King (2010) afirma que estes modelos explicam a desistência do crime pela ocorrência de acontecimentos de vida que alteram os contextos sociais, que por sua vez, provocam mudanças na maturação e *agency* do indivíduo. Serão estes acontecimentos de vida, que estão fora do controlo do indivíduo, que determinarão o sucesso do processo de desistência, sendo que os fatores subjetivos terão pouca ou nenhuma relevância neste (LeBel et al., 2008).

Os fatores de *agency* englobam tudo o que é valores, atitudes e outras características dos indivíduos. Segundo Barry (2013), também incluem a idade, já que pressupõem a inevitabilidade da maturação, que provoca mudanças nas outras dimensões mencionadas. As concepções que atribuem a desistência a estes fatores são os Modelos de *Agency*¹³. Estes explicam que a desistência do crime é um ato da escolha racional do indivíduo: deixam de cometer crimes porque têm um plano alternativo para o seu futuro e julgam as ações do passado como moralmente erradas e incompatíveis com o seu plano de futuro (cf. Farrall et al., 2009; LeBel et al., 2008). O ponto-chave nestes modelos é a forma de pensar dos indivíduos. Assim, fatores externos ao indivíduo (i.e. os fatores sociais) não estão associados ao sucesso do processo de desistência, ou apenas acontecem pela forma de pensar e agir daquele. No primeiro caso, os fatores sociais são irrelevantes uma vez que haja uma decisão de parar de cometer crimes; já no segundo caso, os mesmos fatores sociais poderão ter influência, uma vez que são inerentes às decisões dos indivíduos (pelo que deverá haver sempre uma decisão do indivíduo que suporte as mudanças sociais). Em qualquer caso, para estas teorias “*the subjective mindset is both a necessary and a sufficient condition for going straight*” (LeBel et al., 2008, p.139).

¹¹ Definida por Matza como a capacidade de ação, poder sobre o ato ou vontade (Sampson & Laub, 2005).

¹² LeBel e os seus colegas (2008) catalogam estas teorias de *Strong Social Model*.

¹³ LeBel e os seus colegas (2008) catalogam estas teorias de *Strong Subjective Model*.

Por último, os fatores integrados são uma combinação de elementos dos dois tipos anteriores, que correspondem aos Modelos Integrados¹⁴. Estes surgem pelas críticas que foram feitas aos dois últimos, sendo a discussão denominada de *Structure-Agency Debate*, que colocava o indivíduo ou como um mero autómato reduzido às circunstâncias sociais nas quais se inseria, ou um agente totalmente autónomo e dotado de livre-arbítrio, apto para controlar todas as situações da sua vida (cf. Bottoms et al., 2004; King, 2010, Maruna & Roy, 2007). Os dois tipos de fatores não podem ser desassociados, existindo então a necessidade de dissipar esta dicotomia entre determinismo e *agency* (cf. Cid & Martí, 2012; Dufour & Brassard, 2014; Healy, 2010; LeBel et al., 2008). Os Modelos Integrados combinam as dimensões dos dois tipos de modelos referidos anteriormente, e exploram a sua interação: a desistência ocorre quando as mudanças ao nível da *agency* levam à procura de alterações no contexto social no qual os indivíduos se inserem, já que estes pretendem encaminhar-se para um estilo de vida prossocial, exigindo a adoção de papéis igualmente normativos. Assim sendo, a desistência não pode ser considerada fora do contexto social no qual ocorre (cf. Barry, 2013; Bottoms et al., 2004; Cid & Martí, 2012; Healy & O'Donnell, 2008; King, 2010; King, 2013c).

Muitos são os autores que se posicionam nesta última linha concetual, uma vez que consideram que a *agency* do indivíduo é exercida dentro dos contextos, oferecendo-lhe novas oportunidades (cf. Bottoms et al., 2004; Farrall et al., 2010; Maruna & Roy, 2007). Já outros autores consideram que ambos fatores têm influência, no entanto, defendem que a *agency* será a dimensão mais importante na promoção da desistência (cf. Liem & Richardson, 2014; Maguire & Raynor, 2006; Paternoster & Bushway, 2009; Piquero et al., 2007). De facto, Liem e Richardson (2014) distinguem os desistentes como aqueles que assumiram que as suas próprias decisões seriam mais importantes para o processo de desistência do que as circunstâncias e dificuldades sociais que teriam, tendo adquirido o sentido de *empowerment*¹⁵.

Morizot e Le Blanc (2007) sugerem que existem três hipóteses teóricas que podem explicar a desistência do crime (explicando apenas as duas primeiras): abordagem sobre a maturação (ou autocontrolo), a abordagem do controlo social e a abordagem da tomada de decisão racional (ou cognitiva). A primeira abordagem sugere que a desistência acontece com o envelhecimento dos indivíduos, não sendo o resultado das influências do meio. Ocorre, então, com a maturação dos indivíduos, sendo acompanhada por mudanças ao nível físico, cognitivo e psicológico (nomeadamente ao nível do autocontrolo), sendo esta uma explicação ontogénica

¹⁴ LeBel e os seus colegas (2008) catalogam estas teorias de *Subjective-Social Model*.

¹⁵ Empoderamento.

da desistência. Assim sendo, a desistência ocorre também quando o indivíduo tem mais autocontrolo nas suas decisões e ações. É importante referir que Rocque (2014) defende que a maturação acontece em idades diferentes de pessoa para pessoa, sendo que outros nunca chegam a madurar. A segunda explicação, relativa ao controlo social, defende que quanto mais os indivíduos estejam envolvidos em papéis convencionais na sociedade (e.g. de homem casado, de pai ou de trabalhador), maior probabilidade têm de desistir do crime. Assim, quanto mais forte sejam os laços que ligam os indivíduos a instituições, crenças, normas e valores, maior será o seu afastamento do crime. Há neste caso uma espécie de controlo informal que constrange o indivíduo e que os levam a atuar de forma normativa.

Rocque (2014) também oferece a sua classificação dos modelos da desistência do crime. Subdivide-os em *Pure Age-Based Theories*; *Biological Perspectives*, *Cognitive and Neurological Work*; *Psychological and Psychosocial Theories* e *Sociological Theories*. As primeiras explicam a desistência do crime pelo inevitável envelhecimento do organismo, sendo este algo normativo, que acontece a todos, independentemente dos fatores sociais. As perspetivas biológicas, cognitivas e neurológicas apontam para o acontecimento de mudanças na transição entre a adolescência e a idade adulta pela melhoria do funcionamento do cérebro. É uma perspetiva pouco explorada, contando com poucos seguidores. Dentro das terceiras teorias mencionadas, existem duas linhas de pensamento: a primeira, defendida por Shadd Maruna, trata-se da perspetiva da transformação cognitiva, da *agency*, e da identidade, que explica que a desistência ocorre quando os indivíduos deixam de ver-se como ofensores, sendo a identidade moldada por fatores externos como a estigmatização e as *cerimónias de degradação* e a vontade de perseguir caminhos diferentes (sendo necessária a *agency*); a segunda é a perspetiva da personalidade, tendo a maturação psicossocial, que implica responsabilidade, temperamento e tomada de perspetiva, o papel predominante no processo de desistência. De igual forma, as teorias sociológicas também se subdividem em duas linhas: a primeira, que conta com o suporte de Stephen Farrall, que implica o compromisso cívico e a transição para a idade adulta, que afirmam que os desistentes tendem a querer ser bons cidadãos, envolvendo-se em questões de cidadania e direitos e deveres cívicos, existindo uma reintegração cívica; a segunda explica a desistência pelas relações e papéis sociais dos indivíduos, que implicam determinados *turning points*¹⁶, defendidos por Sampson e Laub.

¹⁶ Pontos de viragem.

O que é certo é que, de uma maneira geral, todas as classificações englobam os mesmos fatores. Posto isto, resta apenas reforçar a ideia que existe consenso na literatura no que toca à interação entre fatores sociais (incluindo os *turning points*) e os fatores subjetivos ou de *agency*: o mesmo *turning point* poderá ter um impacto diferente dependendo do nível de motivação, abertura para a mudança e interpretação deste por parte do indivíduo (cf. LeBel et al., 2008; McNeill, 2006; Paternoster & Bushway, 2009).

Importa também referir em relação aos fatores associados à desistência do crime, que alguns autores confiam em que os mesmos fatores que causam o *onset* das carreiras criminais são causadores da desistência (e.g. da mesma forma que os indivíduos podem começar a delinquir pela associação a pares delinquentes, também poderão deixar de o fazer pelo afastamento desses pares antissociais e aproximação a pares normativos) (Forrest & Hay, 2011). Contrariamente, outros autores defendem que os fatores associados à desistência, não são só o reverso dos que levaram ao início das carreiras criminais, existindo uma causalidade assimétrica.

Existe então a necessidade de identificar fatores de proteção que podem potenciar o término da delinquência: importa preservá-los, uma vez que aproxima mais os indivíduos de uma vida normativa, não significando que a sua ausência conduza obrigatoriamente ao cometimento de crimes (cf. Farrington, 2007; France & Homel, 2008; Loeber & Le Blanc, 1990).

Seguidamente, serão explorados com maior profundidade as mudanças e fatores sociais ou estruturais, e individuais ou de *agency* associados ao processo de desistência do crime.

a) Mudanças Sociais ou Estruturais no Indivíduo e Desistência

Existe a assunção de que no caminho entre o crime e a conformidade há a influência de mudanças nas circunstâncias sociais do indivíduo (cf. Healy, 2010; LeBel et al., 2008; Sampson & Laub, 2005): são aquelas que podem ser fielmente mensuradas, i.e., instituições, eventos e processos (e.g. o casamento, o emprego ou a paternidade).

Há consenso em torno da ideia que existe um fator estrutural de cada indivíduo que parece influenciar o processo de desistência: a idade (cf. Barry, 2013; LeBel et al., 2008; Sampson & Laub, 2005). A maior parte dos ofensores persistentes abandonam a atividade criminal, ou desistem do crime conforme envelhecem (LeBel et al., 2008). No entanto, a idade não provoca por si só a desistência, é sim um indício de outros fatores (e.g. o casamento ou a

paternidade, mais comuns na idade adulta) (cf. Farrington, 2003; Gadd & Farrall, 2004; Gottfredson & Hirschi, 1990; Moffitt, 1993; Smith, 2002; Thornberry & Krohn, 2005).

Já segundo Sampson e Laub, a desistência acontece por meio de *turning points* estruturais, como o casamento, a paternidade, a manutenção de um emprego estável, começar uma carreira militar, terminar a escolaridade obrigatória, ou a mudança de bairro de habitação, sendo que todas implicam uma integração na sociedade (cf. Farrington, 2003; Farrington, 2007; Loeber & Le Blanc, 1990; Maruna & Roy, 2007; Moffitt, 1993; Piquero et al., 2007; Sampson & Laub, 1992; Sampson & Laub, 2005; Wikström, 2005). É dito que as três instituições que mais força têm no processo de desistência são a militar, a prisão e o casamento (cf. Maruna & Roy, 2007; Siennick & Osgood, 2008). Cada um destes acontecimentos de vida que os autores indicam criam uma situação que trava as oportunidades criminais e também motivam para a desistência, ajudando a manter o comportamento livre de crime (Webster et al., 2006).

Estes acontecimentos *cortam* o passado do presente; proporcionam supervisão e monitorização, assim como oportunidades sociais; pressupõem uma mudança e estruturam as atividades de rotina dos indivíduos; e permitem uma transformação de identidade (cf. Farrall, 2002; Farrington, 2007; Maruna & Roy, 2007). No entanto, é necessário referir que Sampson e Laub consideraram que estes poderão ter causas exógenas, i.e., poderão acontecer por acaso, não sendo o resultado de decisões ponderadas ou preferências dos indivíduos. Acrescentaram depois, que há uma interação destes com a *agency* do indivíduo: estes são participantes ativos na construção do seu percurso de vida (LeBel et al., 2008).

Começar-se-á por tratar, primeiramente, do serviço militar. Autores como Elder e Caspi e Sampson e Laub comprovaram a importância do serviço militar no processo de *knifing off* e, por conseguinte, na desistência nos indivíduos americanos que participaram na Segunda Guerra Mundial, assim como noutros conflitos que exigiram intervenção militar. O facto de cumprirem o serviço militar pressupõe a assunção de papéis que requeriam responsabilidade e maturidade, principalmente em jovens desfavorecidos, já que foram afastados de influências negativas e comportamentos antissociais, criando novas relações com pares, novas expectativas, regras e estruturas. Estando longe do seu lar, das companhias do passado, no fundo, do seu *background*, houve oportunidade para que existisse uma distância em relação às suas vidas no passado, assim como das suas identidades, tendo possibilidade de considerar novas alternativas de vida (cf. Maruna & Roy, 2007; Sampson & Laub, 2005).

Da mesma forma, a prisão surge como uma forma de afastamento do ambiente antissocial dos quais os indivíduos fazem parte, e também como um local de transformação. O

que aparenta ser um aspeto negativo do encarceramento, e que se pode considerar uma dificuldade para o processo de *knifffing off*, é o facto de os ex-reclusos poderem ser alvo de um estigma social, sendo vistos com desconfiança e com certa reserva. Apesar de alguns defenderem que o encarceramento poderá ter um efeito muito pouco significativo ou nulo na desistência do crime a longo-prazo, outros ressaltam a sua importância, nomeadamente pelo tempo proporcionado para pensar dentro da prisão (Shapland et al., 2012). De qualquer das formas, o encarceramento permite, pelo menos, uma cessação temporária da atividade criminal, que poderá tornar-se numa desistência permanente do crime (Maruna & Roy, 2007).

Dos três *turning points* mencionados, talvez seja o casamento aquele que exige maior volição por parte do indivíduo, uma vez que são os próprios que escolhem casar-se, com quem casar-se e quando casar-se. O casamento implica mudanças ao nível subjetivo (e.g. mudanças no pensamento e de valores), assim como ao nível objetivo (e.g. mudança de residência para um bairro normativo), pressupondo um controlo social informal (cf. Farrall et al., 2008; Sampson et al., 2006; Siennick & Osgood, 2008). É frequentemente associado a uma variedade de benefícios na idade adulta, principalmente se este for com um parceiro prossocial (cf. Farrall et al., 2008; Morizot & Le Blanc, 2007; Sampson et al., 2006) – esta é uma ideia bem aceite, ainda que controversa, por vezes. Apesar disso, são muitos os estudos que se interessaram por esta temática, destacando-se autores como Nieuwebeerta, Farrington, Osgood e Sampson e Laub. O interesse pelo estudo dos efeitos do casamento na desistência começou quando se denotou no discurso dos indivíduos a influência que este tinha tido na sua carreira criminal. No seu estudo, Sampson e os seus colegas (2006) registaram durante uma entrevista a um indivíduo uma afirmação que ressaltava esta influência: “*If I hadn’t met my wife at the time I did. I’d probably be dead. It just changed my whole life... that’s my turning point*” (p.467).

São apontados quatro processos que podem acontecer quando a desistência é influenciada pelo casamento:

- i) há uma mudança no comportamento criminal pela ligação ou laços sociais que se formam, que implicam apoio mútuo e que obrigam os indivíduos a comportarem-se de determinada maneira ou que contêm os comportamentos delinquentes pela ponderação entre custos e benefícios do crime;
- ii) o casamento pode levar à mudança de rotinas do indivíduo e padrões de associação aos pares;
- iii) o casamento pode implicar o controlo social informal por parte do parceiro, para além do apoio prestado – “*many wives in this era also took control of the planning and*

management of household activities and acted as informal guardians of their husbands' social lives” (Sampson et al., 2006, p.468);

iv) o casamento proporciona um leque de identidades que podem alterar a percepção do *self* de cada indivíduo, pela transformação cognitiva (cf. Piquero et al., 2007; Sampson et al., 2006; Siennick & Osgood, 2008).

Estudos recentes, como o de Theobald e Farrington (2009), demonstram que as ofensas dos indivíduos após o primeiro casamento diminuem, quando este acontece precocemente (entre os dezoito e os vinte e quatro anos de idade) e dura pelo menos cinco anos.

Da mesma forma, situações análogas ao casamento também parecem ter influência no processo de desistência do crime. Os estudos indicam que a coabitação diminui a delinquência, mas que esta diminuição é maior quando há casamento (cf. Siennick & Osgood, 2008; Theobald & Farrington, 2009).

De maneira geral, o casamento parece influenciar o comportamento entre os indivíduos, especialmente aqueles mais perturbados ou com *backgrounds* de alto risco. Isto não significa, no entanto, que o casamento seja um acontecimento que proporcione uma transformação milagrosa ou que esta seja definitiva, uma vez que pode sempre existir recidiva (Sampson et al., 2006).

Em seguimento do segundo processo que pode acontecer quando o casamento influencia a desistência, acima indicado, é importante referir que existem outros aspetos que se podem relacionar com a mudança de rotinas e padrões de associação aos pares.

Existem bairros ou locais específicos para a ocorrência de comportamentos criminais, já que podem influenciar os desejos, motivações e as próprias habilidades para cometer atos criminais: alguns locais, como bares ou até a rua, poderão ter um efeito negativo no indivíduo, enquanto outros sugerem que *cortou* com o crime, como locais de trabalho com boa reputação ou outras associações cívicas *convencionais*, como as igrejas (cf. Farrall et al., 2011; Farrington, 2005; Webster et al., 2006). Quando os indivíduos iniciam uma relação sentimental estável ou se casam, poderá existir uma mudança de rotina, que implica uma mudança também nas atividades que desenvolvem e, por conseguinte, nas pessoas com quem se relacionam e nos locais que frequentam (cf. King, 2010; Maruna & Roy, 2007). Há assim, em relação ao afastamento de determinados locais o que Maruna e Roy (2007) denominam de *cura geográfica*.

No que toca às associações a pares antissociais, não só poderá existir um afastamento, como um completo abandono destas relações, como Maruna e Roy (2007) explicam, um

divórcio das ruas, podendo sempre haver uma reaproximação. Bottoms e Shapland (2014) denominam de *autocontrolo diacrónico* ao afastamento propositado dos pares delinquentes e as mudanças de rotina para evitar determinadas situações. A desistência também poderá ser potenciada pela mudança para um local onde sejam proporcionadas mais oportunidades ao nível social¹⁷ (King, 2010).

Associada ao casamento, também a paternidade parece ter um papel influente no processo de desistência do crime (Farrall, 2002). A paternidade poderá ter muita influência neste processo se o indivíduo estiver comprometido, e seja responsável pela educação e bem-estar do descendente (cf. Loeber & Le Blanc, 1990; Siennick & Osgood, 2008; Morizot & le Blanc, 2007), ou simplesmente porque as obrigações parentais farão com que os indivíduos tenham menos tempo para estar com pares desviantes e enveredar por atos delinquentes (Siennick & Osgood, 2008). No entanto, parece que a paternidade tem um papel menos importante que o casamento na desistência, já que, por exemplo, os filhos não poderão exercer um controlo sobre o indivíduo e as suas ações, restando apenas o significado que este atribuirá ao facto de ser pai (idem).

A existência de um suporte familiar é um fator muito importante no processo de desistência: para além de poderem proporcionar condições materiais aos indivíduos (e.g. proporcionar uma habitação), os familiares também poderão motivá-los e apoiarem no reencaminhamento das suas vidas e na reinserção na sociedade. O facto de o indivíduo fazer parte de um agregado familiar estável e onde impera a compreensão e o apoio, é tido como um fator de proteção, i.e., os laços sociais que os unem devem ser reforçados e mantidos (Cid e Martí, 2012). Os mesmos autores referem-se a este fator como um *returning point*: porque são laços que já existiam, não sendo novos (e.g. como o caso do casamento), e porque a motivação que os indivíduos possuem poderá dever-se a estes e tratar-se de uma recompensa pelo seu apoio.

É importante referir que não é a existência de uma relação sentimental ou familiar que influencia os indivíduos a desistirem do crime, mas sim a qualidade desta, pelo que necessitam de manutenção e cuidado (cf. Bottoms et al., 2004; Forrest & Hay, 2011; Siennick & Osgood; Weaver & McNeill, 2014). Assim, os indivíduos por receio a desiludir, afetar negativamente e perder os entes queridos que os rodeiam, vão proceder mais cautelosamente. A isto chama-se de *relational reflexivity* (Weaver & McNeill, 2014). Quanto mais os indivíduos invistam nas

¹⁷ Poderá tratar-se de mudanças para locais com maior capital social.

relações, menor será a probabilidade de as prejudicar por comportamentos não normativos (cf. Bottoms et al., 2004; Forrest & Hay, 2011; Weaver & McNeill, 2014). Assim: “*in simpler terms, our social relations shape our behaviors, our identities, and our sense of belonging*” (Weaver & McNeill, 2014, p.10).

A manutenção de um emprego estável também se encontra associada ao afastamento dos comportamentos criminais. Apesar da relação de causalidade não ter sido estabelecida satisfatoriamente, como é demonstrado em estudos como o de Tripodi e os seus colegas (2010) e sendo suportado por outros autores como Farrall e os seus colegas (2009), existem indicadores que mostram que este fator tem um papel importante para que o indivíduo desista do crime. Segundo Weaver e Weaver (2013), o emprego por si só não desencadeia a desistência, o que a potencia são os benefícios que advêm deste, e a maneira como estes interagem com as prioridades e objetivos dos indivíduos. Existem alguns motivos pelos quais isto acontece: enquanto Farrall (2002) destaca o facto do emprego proporcionar recursos sociais e económicos importantes, e a criação de uma rotina que afasta os indivíduos de atividades associadas ao crime, tal como acontece com o casamento, Weaver e Weaver (2013) destacam o facto de o emprego dar uma imagem do que é aceitável e respeitável. Sampson e Laub descrevem os indivíduos desistentes como trabalhadores áduos e com bons hábitos de trabalho (Farrall, 2002). Assim como as relações sociais que o indivíduo tem, o emprego também necessita que este atue prudentemente para mantê-lo (cf. Bottoms et al., 2004; Siennick & Osgood, 2008).

Shapland e Bottoms (2011) apontam um facto curioso e que não é habitualmente referido na literatura acerca do tema: os indivíduos, para além de cometerem crimes, também têm dimensões normativas na sua vida (e.g. educam os filhos, têm atividades de lazer, entre outros), sendo que estas poderão influenciar positivamente o processo de desistência. Afirmam que mesmo os ofensores persistentes fazem outras coisas para além de pensar e cometer crimes, ou seja, a maior parte destes envolve-se em práticas e rotinas do dia-a-dia semelhantes às de qualquer outra pessoa.

Outros autores acreditam que a desistência está associada à mudança das necessidades dinâmicas dos indivíduos (associado ao modelo RNR¹⁸). Estas mudanças acontecem cerca de seis meses depois de iniciarem o período de liberdade condicional, nomeadamente no que toca à rede criminal, à família, grupo de pares e tempo dispendido em atividades antissociais (sendo

¹⁸ Risk-Need-Responsivity.

que outras necessidades são mais difíceis de alterar, necessitando cerca de doze meses) (cf. Barry, 2013; Wooditch et al., 2014).

Também se apontam como fatores estruturais o *corte* com as desvantagens sociais do passado, já que podem ser satisfeitas necessidades ou podem ser compensados os défices sociais destes. Isto pode acontecer por meio da escolarização, do treino e do desenvolvimento de capacidades individuais. Por outro lado, pela forma como as dificuldades associadas ao crime são ultrapassadas, também é possível afirmar-se que existe um *knifffing off* com o estigma de ser delinquente, que evita o cometimento de novos crimes (cf. Maruna & Roy, 2007; Piquero et al., 2012). Esta ideia segue a linha de pensamento da Teoria da Etiquetagem de Becker: o *corte* com o estigma pode representar um processo de *desetiquetagem* (Maruna e Roy, 2007). Já quanto às oportunidades, quando há uma situação de *corte* são postos limites à *agency* dos indivíduos e à sua liberdade de escolha: quando se desiste do crime, pelo leque de escolhas que são feitas, limitam-se as oportunidades para delinquir, e potenciam-se aquelas que permitem desenvolver uma vida normativa. Por último, é defendido que a própria desistência é uma experiência de *knifffing off* (cf. Maruna & Roy; Piquero et al., 2012).

Para alguns, a desistência da delinquência acontece quando os indivíduos se apercebem que a sua situação não é a ideal (pelas consequências negativas do crime ao nível da saúde, liberdade e emprego) ou que existem possibilidades melhores para a sua vida (cf. Barry, 2007; Bottoms & Shapland, 2014; Farrall et al., 2009). Barry (2013) classifica esta desistência como *wishful thinking*, i.e., por querer mudar e não porque essa mudança já tenha acontecido (criando assim *turning points* potenciais, de modo a evitar os custos que apuraram na sua ponderação de custos e benefícios do crime). Para mudarem esta situação, existe a necessidade de efetuarem ajustamentos nas suas vidas e nas suas rotinas. Contudo, podem surgir obstáculos que poderão travar esta mudança, principalmente económicos, como a falta de capital monetário, o surgimento de oportunidades de dinheiro fácil através de atividades ilícitas, a falta de trabalho, ou, simplesmente, o prazer que o crime lhes proporciona. Estes obstáculos poderão ser ultrapassados, surgindo na vida do indivíduo padrões de atividades que tomam forma e se tornam em rotinas, pressupondo uma mudança ao nível da sua avaliação moral acerca dos seus comportamentos no passado (Barry, 2013).

b) Mudanças Subjetivas ou de Agency no Indivíduo e a Desistência

À medida que a investigação sobre a desistência do crime se tem desenvolvido, nomeadamente a qualitativa, percebeu-se que havia a necessidade de explorar não só as

mudanças sociais, mas também as mudanças subjetivas que ocorrem, como a motivação ou o autoconceito, já que estas também parecem ter um papel predominante na desistência do crime (LeBel et al., 2008).

Segundo LeBel e os seus colegas (2008), as mudanças subjetivas referem-se a termos cognitivos, internos, de *agency*, ou de identidade. Acrescentam que estas mudanças se efetuam na maneira como os indivíduos experienciam, compreendem, interpretam, e dão sentido ao mundo que os rodeia.

A primeira questão que se levanta é a do debate *The Chicken and the Egg*: o que vem primeiro – as mudanças sociais ou as mudanças subjetivas? Alguns autores encaram as mudanças subjetivas não só como inerentes às mudanças sociais, mas também como desencadeantes e como determinantes em como as primeiras serão percebidas. Como Dufour e Brassard (2014), que consideram que existem fatores que precipitam a desistência (*agency*) e fatores que apenas têm influência quando já existe a decisão de desistir (estruturais), e que ambos são necessários para que o processo de desistência tenha lugar. Já outros, como Sampson e Laub, vinculados defensores da desistência por meio de *turning points*, acreditam que as mudanças subjetivas dos indivíduos têm pouca relevância neste processo (cf. McNeill, 2006; Sampson & Laub, 2005). Independentemente da importância ou ordem que se dá a uns ou a outros, deverá ser assumido que ambos serão necessários para um processo de desistência com sucesso (Cid & Martí, 2012).

Primeiro de tudo, deve-se indicar o fator mais óbvio: a resolução de problemas existentes, como por exemplo, sociais ou familiares. De facto, Farrall (2004) afirma que “*one of the most consistent findings of the literature on the termination of criminal careers concerns the successful resolution of obstacles to reform by the would-be desister*” (p.192). No entanto, há autores como Maguire e Raynor (2006) que defendem que a resolução de problemas poderá não ser suficiente para a promoção da desistência, pelo que existe a necessidade que os indivíduos adquiram novas capacidades e aptidões apropriadas para a adoção de um novo estilo de vida, de forma também a aceder a novas oportunidades. Sendo assim, precisam de adquirir capital humano, i.e., as tais capacidades e aptidões e capital social, ou seja, recursos sociais e culturais.

A motivação e a autoconfiança são fatores-chave no processo de desistência do crime, já que influenciam a forma como os indivíduos encaram as mudanças na sua vida, quer positivas quer negativas, assim como as dificuldades que se apresentam (cf. Bottoms & Shapland, 2011; Farrall, 2002; Farrall, 2004; Maguire & Raynor, 2006; Piquero et al., 2007).

Em seguimento desta ideia, Bottoms e Shapland (2014) afirmam que o mais importante para que o processo se desenvolva é o compromisso de mudança do indivíduo dentro das circunstâncias sociais nas que se insere, sendo o passado importante mas não decisivo na hora de voltar a cometer novos crimes.

Parece ser que a motivação é modificável, é um fenómeno interpessoal (que acontece e altera as circunstâncias dos contextos de relações humanas), é normalmente específica, e intrínseca – potenciada –, ao mesmo tempo que extrínseca – *instalada* no indivíduo (Burnett, 2004).

Mas a questão que se coloca é: porque estão os indivíduos motivados a deixar de cometer crimes? Alguns exemplos serão: a vontade de evitar consequências negativas das práticas criminais (e.g. ferimentos graves ou a própria morte); a consciência de que os ganhos financeiros legítimos superam os ganhos obtidos através da atividade criminal; a opção por uma vida mais calma; ou o começo de uma vida comprometida com uma relação estável (Farrall, 2002).

Portanto, aqueles indivíduos que querem desistir do crime e têm possibilidades ou capacidades para fazê-lo, têm maior probabilidade de consegui-lo efetivamente. Assim, para além da motivação, será necessário que se criem condições para que o indivíduo consiga ter comportamentos normativos, papel no qual os serviços de reinserção social, a família e o grupo de pares são extremamente importantes (idem).

LeBel e os seus colegas (2008) apontam quatro fatores subjetivos que podem influenciar o processo de desistência do crime: esperança e autoeficácia, vergonha e remorso, estigma interiorizado e a possibilidade de identidades alternativas. A primeira refere-se à perceção e confiança dos indivíduos em que os seus objetivos pessoais serão alcançados. Enquanto os indivíduos no ativo na sua carreira criminal tendem a ter este traço pouco desenvolvido, os desistentes mantêm-se otimistas e percecionam-se como possuidores de controlo em relação ao seu futuro, tendo convicções fortes acerca do seu valor e sobre o seu porvir. A vergonha e o remorso representam uma alternativa à perceção do passado dos delinquentes no processo de desistência: indivíduos envolvidos neste processo têm tendência a arrepender-se dos seus comportamentos do passado, perspetivando um comportamento no presente e no futuro conforme às suas crenças morais e tolerância moral na atualidade (cf. LeBel et al., 2008; King, 2010). De facto, alguns estudos indicados pelos mesmos autores constataam que a principal razão que os indivíduos reportam para deixar de cometer crimes é a vergonha e o remorso quanto aos seus atos delinquentes. Quanto ao terceiro fator indicado, o estigma interiorizado,

poderá dizer-se que acontece quando o indivíduo tem consciência do desvalor dos atos delinquentes cometido, contribuindo para a desistência na medida em que este tem a vontade de se afastar de comportamentos semelhantes. Finalmente, as identidades alternativas surgem como resposta ao estigma interiorizado: o indivíduo terá então de adotar uma identidade diferente daquela que tinha no passado, sendo os seus comportamentos antissociais incompatíveis com esta, promovendo as ações normativas (LeBel et al., 2008). Há um distanciamento em relação aos comportamentos do passado: o facto de se desenvolver uma identidade alternativa e se perceber os atos do passado como incongruentes com esta, facilita e reforça a decisão de desistir do crime (cf. King, 2013a; Gadd, 2006).

Sabe-se ainda que o processo de desistência do crime passa por transformações cognitivas que se refletem nas narrativas em dois níveis: por meio da percepção de identidades alternativas e pela demonstração de autoeficácia, i.e., a habilidade de ultrapassar as circunstâncias que explicaram as ofensas do passado (cf. Cid & Martí, 2012; Farmer et al., 2012; Gadd, 2006; Gadd & Farrall, 2004; King, 2010; Maruna et al., 2004; Weaver & Weaver, 2013). Quando se adotam narrativas diferentes em relação ao passado, há uma diferenciação entre o discurso deste período, marcado pela conduta criminal do indivíduo, e do presente, marcado pela normatividade. Há, de igual forma, um distanciamento em relação aos comportamentos do passado e, conseqüentemente, ao discurso correspondente (cf. Farrall et al., 2006; Gadd & Farrall, 2004; King, 2010; King, 2013b). Farrall e os seus colegas (2010) consideram que o momento no qual os indivíduos começam a perceber claramente as suas ações do passado como inadequadas, afastando-se delas, se trata de um *turning point*, sendo que se denota na narrativa destes uma mudança. Por conseguinte, há a adoção de uma nova identidade, acompanhada por um novo sentido de ação moral¹⁹, que orienta o presente e futuro dos indivíduos (Gadd, 2006). Em suma, as pessoas que cessam a atividade criminal fazem mudanças identificáveis na sua identidade pessoal, narrativa, e produzem um novo *self* melhorado que não é coerente cognitiva ou emocionalmente com o crime (Liem & Richardson, 2014).

Para Maruna, há três fatores potenciadores da desistência ao nível subjetivo: o estabelecimento de um *eu* verdadeiro, ter uma percepção otimista em relação ao autocontrolo que se tem do próprio destino, e o desejo de ser produtivo e de devolver algo de bom à sociedade (Farmer et al., 2012).

¹⁹ À que King (2013b) denomina de *moral agency*.

Barry (2007) indica outros fatores considerados menos importantes, como melhorar a autoestima, ou focar-se nas queixas pessoais e emocionais dos indivíduos. Em suma, alerta para a necessidade de ouvir mais as necessidades e desejos dos ofensores.

Por último, Farrall (2002) menciona um fator que não é muito indicado pela literatura existente: traumas associados aos crimes cometidos no passado (e.g. ter sido ferido durante o cometimento do crime), que poderão dissuadir o indivíduo de novos atos criminais. Acrescenta-se ainda o cansaço que os indivíduos acabam por experienciar por passar grande parte do tempo encarcerados, e a consciência de que poderão ser alvo de penas de prisão mais longas. Estes fatores poderão contribuir para a escolha de desistir do crime quando o indivíduo faz a ponderação entre custos e benefícios deste (cf. Farrall, 2002; Shapland et al., 2012).

2.2) Dificuldades no Processo de Desistência

Contrariamente, alguns aspetos apresentam-se como dificuldades que podem travar o processo de desistência do crime.

Farrall e os seus colegas (2010) colocam em três categorias estas dificuldades: económicas (e.g. não ter um emprego estável); relacionais (e.g. reconstrução de laços sociais com o parceiro ou com a família após o período de reclusão); e emocionais (e.g. aprender que contextos sociais serão recomendáveis para antigos delinquentes e quais não o serão).

Alguns dos fatores apontados são: a mudança constante de emprego ou a sua falta (cf. Farrall, 2002; Maruna, 2012; Tripodi et al., 2010), a influência negativa do grupo de pares, e a hostilidade em relação ao acompanhamento por parte dos serviços de reinserção social. São acrescentados também a mudança constante de habitação, o desemprego, o consumo de drogas e álcool, e os défices de aprendizagem como travões do processo de desistência (cf. Farrall, 2002; Farrall, 2004, LeBel et al., 2008). Outros indivíduos encontram obstáculos para reatar os laços familiares que foram, de certa forma, quebrados aquando do seu aprisionamento, enquanto outros têm a necessidade de excitação ou combate ao aborrecimento. Outras dificuldades apontadas são a perseguição policial e, inclusivamente, o próprio registo criminal dos indivíduos (LeBel et al., 2008).

Anthony Bottoms e Joanna Shapland (2011), assim como LeBel e os seus colegas (2008) indicam os problemas económicos como a principal dificuldade no processo de desistência, acrescentando estes últimos que são fatores que derivam noutras dificuldades.

Como indicado acima, a falta de um emprego que possa garantir algum sustento poderá apresentar-se como uma dificuldade: porque estiveram algum tempo sem estarem ativos

profissionalmente, faltando experiência de trabalho; porque as redes e conexões a potenciais empregadores são prejudicados; e pelo próprio estigma que sofrem por terem estado reclusos (cf. Farrall, 2002; Maruna, 2012; Tripodi et al., 2010).

De facto, como Maruna (2012) afirma, o principal impasse dos indivíduos quando são libertados e estão à procura de emprego é provar aos empregadores e à sociedade em geral que não são o tipo de pessoa que eram no passado. Para evitar este tipo de situação, da mesma forma que para os ofensores existe uma *credencial de criminalidade*, i.e., o CRC²⁰, também deveria existir uma *credencial de reabilitação*, uma espécie de carta de recomendação que afiançará a desistência do crime por parte dos indivíduos. Da mesma forma, o que é chamado de *cerimónia de degradação*, que categoriza o indivíduo que comete crimes como um criminoso, também deverá existir para o desistente, como um *ritual de reintegração*, que lhe concederá a imagem de cidadão conforme à norma. Isto acontece porque como seres sociais, a percepção do *eu* por parte dos indivíduos se reflete em grande parte pela maneira como os outros os percebem (Maruna, 2012).

Assim, o próprio passado de encarceramento dos indivíduos também se apresenta como uma dificuldade para que o processo de desistência tenha sucesso: não só pelo estigma que podem sofrer, como foi referido anteriormente, mas também porque a prisão afasta grande parte das oportunidades prossociais e incrementa a exposição a novas oportunidades antissociais (uma vez que as próprias instituições de encarceramento são conhecidas como *escolas do crime*) (cf. Farrall, 2002; Farrall et al., 2010; LeBel et al., 2008; Maruna, 2012; Tripodi et al., 2010). Há lugar a uma desvantagem social cumulativa: “*criminal behaviour generates its own continuity by spawning a ‘chimera’ of action–reaction sequences and incrementally mortgaging the individual’s future by generating negative consequences for his or her life chances*” (LeBel et al., 2008, p.134).

Já ao nível subjetivo, Healy e O’Donnell (2008) apontam a fraca motivação ou a falta dela.

Todos estes problemas ou obstáculos têm tendência a travar o processo de desistência dos indivíduos e, consequentemente, a aumentar a probabilidade de reincidência criminal. No entanto, as dificuldades que se apresentam no caminho para a desistência do crime poderão ser superadas, nomeadamente, pela motivação dos indivíduos para o fazerem (Farrall, 2002). Da mesma forma, tal como a existência de um plano para o futuro poderá ter influência no sucesso

²⁰ Certificado de Registo Criminal.

da decisão de não cometer mais crimes, este também poderá ser determinante na forma como os obstáculos que se proporcionam são superados (King, 2010). Já Sampson e Laub (2005) afirmam que as dificuldades são ultrapassadas pelo surgimento de acontecimentos de vida que pressupõem uma mudança na vida dos indivíduos, os *turning points*. Fox (2014) apresenta uma lista de fatores que poderão contornar as dificuldades apresentadas, promovendo a desistência do crime: criação de rotinas normativas; criação de modelos de comportamentos normativos; construção de identidades normativas através de um processo de *desetiquetagem* para evitar problemas ao nível da habitação, do emprego e da motivação; assistência prática para situações do dia-a-dia; promoção de relações de confiança: responsabilização/inclusão da própria sociedade; partilha de experiências indivíduos com experiências semelhantes; e promoção da integração na sociedade para um maior sentimento de pertença. LeBel e os seus colegas (2014) sugerem a promoção de projetos cujos mentores são antigos delinquentes, os *mutual-help groups*, com indivíduos considerados *wounded healers* (passaram pela mesma situação e assistem depois os outros), que receberam a formação necessária. É uma ideia importante para a promoção da desistência porque se partilham experiências, força e esperança, e adquirem-se conhecimentos e competências que podem ser partilhadas com outros para melhorar as suas vidas. Também beneficiam os indivíduos que já desistiram do crime e se encontram a ajudar, já que é aplicado o *helper therapy principle*, que consiste no benefício que o indivíduo que assiste recebe por ajudar, o reforço do processo de desistência: “*those who help are helped most*” (LeBel et al., 2014, p.2).

2.3) Explanatory Style e Desistência

O estudo do vocabulário e dos motivos que os indivíduos utilizam para justificar os seus comportamentos sempre interessou os investigadores da Criminologia. Temos o exemplo de Sykes e Matza e os seus estudos acerca das Técnicas de Neutralização dos comportamentos dos ofensores.

Poucos são os estudos, até à data, que relacionam o *explanatory style* e as suas dimensões com a reabilitação e consequente desistência do crime.

O *explanatory style*, que também pode ser denominado de *attribution style*, de uma forma sucinta, é o conjunto de verbalizações semelhantes que os indivíduos utilizam para justificar os diferentes acontecimentos de vida e os seus atos e comportamentos (cf. Maruna, 2004; Shmulsky & Gobbo, 2007): “*individuals spontaneously construct explanations (or attributions) for significant and unexpected life events, and these schematized interpretations*

are thought to be proximally responsible for the continuity of a person's actions over time, through 'reactive person-environment interactions'” (Maruna, 2004, p.185).

Assim, o processo de verbalização, segundo o *explanatory style*, parece ocorrer em três dimensões:

- i) interiorização (atribuição de responsabilidade por certo acontecimento a si próprio), em contraposição à exteriorização (responsabilização de terceiros);
- ii) estabilidade (perceção de que a situação vai continuar sempre da mesma forma), em contraposição com instabilidade (perceção de que a situação vai alterar-se brevemente);
- iii) globalização (perceção de que determinado acontecimento vai afetar as restantes dimensões de vida), em contraste com a especificação (perceção de que aquela situação só afetará aquela dimensão da sua vida) (idem).

Existem alguns estudos que relacionam estas três dimensões do *explanatory style* com a depressão, e apesar de existir pouca orientação ao nível da literatura sobre esta relação com a desistência do crime (nomeadamente dos indivíduos considerados delinquentes habituais e persistentes), não existem razões para acreditar que a psicologia do ofensor difere dos indivíduos que estão deprimidos, antes pelo contrário. De facto, ambas partilham antecedentes sociais e fatores de risco, como por exemplo, acontecimentos de vida traumáticos. No que toca às verbalizações, apenas difere em uma das características anteriormente apresentadas: o delinquente tem tendência a tornar externa a responsabilidade dos acontecimentos. Este facto é mais evidente nos delinquentes mais persistentes (cf. Maruna, 2004; Maruna & Mann, 2006).

O estudo de Maruna, datado de 2004, tem como hipótese principal a seguinte: os ofensores no ativo diferem no seu discurso em relação aos desistentes, envolvendo uma adaptação dos padrões de pensamento. De acordo com os elementos do *explanatory style*, os ofensores terão mais tendência a ver os acontecimentos positivos da sua vida como produtos de causas externas, instáveis e específicas, i.e., golpes de sorte; e ver acontecimentos negativos como um produto de causas internas, estáveis e globais.

O estudo inclui informação recolhida no *Liverpool Desistance Study* através de entrevistas de história de vida a cem cidadãos britânicos que passaram algum tempo na prisão por crimes variados, principalmente por crimes relacionados com droga e ofensas contra a propriedade. Foram excluídos do estudo indivíduos cuja primeira ofensa foi de carácter sexual e indivíduos sem uma carreira criminal evidente, i.e., com apenas uma condenação. Aproximadamente cinquenta e cinco dos indivíduos foram considerados como desistentes, uma vez que aparentavam estar comprometidos com a contenção em cometer crimes e

comportamentos desviantes. Trinta e quatro indivíduos foram classificados como persistentes, tendo os restantes sido classificados como pertencentes a uma área cinzenta e, por isso, excluídos do estudo.

As entrevistas foram gravadas e depois transcritas, preservando o tipo de linguagem que os intervenientes utilizaram, e introduzidos em programas informáticos de análise de conteúdo, coadjuvados por dois estudantes que identificaram acontecimentos de vida negativos e positivos, de forma a analisar o discurso dos indivíduos em relação a estes, de acordo com as três dimensões do *explanatory style*.

A interpretação dos conteúdos não seguiu uma explicação causal, uma vez que não lhes foi feita uma análise profunda, talvez pela dimensão da amostra: ao invés, através da codificação, procuraram correlações estatísticas. Assim estabeleceu-se como variável dependente a desistência do crime e seis variáveis independentes: determinadas pelas vertentes das dimensões do *explanatory style* que os ofensores geralmente têm (interiorização, estabilidade e globalização de acontecimentos negativos); e pelas vertentes que deveriam demonstrar de forma a enveredar no processo de desistência, características dos próprios desistentes (interiorização, estabilidade e globalização de acontecimentos positivos).

De seguida apresenta-se uma tabela, com exemplos dos discursos dos indivíduos pertencentes à amostra do estudo.

1. Internal Explanation Dimension Example	1. External Explanation Dimension Examples
<p><u>Negative Event</u>: I got put in a battered wives' home.</p> <p><u>Explanation</u>: Because I wasn't a very good mother to my children.</p> <p><u>Positive Event</u>: They [the prosecution] never got no evidence on me.</p> <p><u>Explanation</u>: Cuz I was clever.</p>	<p><u>Negative Event</u>: I just started to take drugs then.</p> <p><u>Explanation</u>: It was just where you lived, the thing to do.</p> <p><u>Positive Event</u>: I don't have much of a criminal record.</p> <p><u>Explanation</u>: 'Cause my family is in the police.</p>
2. Stable Explanation Dimension Example	2. Unstable Explanation Dimension Example
<p><u>Negative Event</u>: They withdrew the [work] placement and said I couldn't be employed by them.</p> <p><u>Explanation</u>: Because I am an ex-offender.</p> <p><u>Positive Event</u>: My mum and I get on great.</p> <p><u>Explanation</u>: She just knows me so well.</p>	<p><u>Negative Event</u>: I don't think I'm going to pass it [a qualifying test].</p> <p><u>Explanation</u>: Because I haven't fully applied myself to it.</p> <p><u>Positive Event</u>: I got off the heroin.</p> <p><u>Explanation</u>: 'Cause my girlfriend, she was pregnant.</p>

3. Global Explanation Dimension Example	3. Specific Explanation Dimension Example
<u>Negative Event</u> : I tried to kill myself. <u>Explanation</u> : The drugs were just making me crazy. <u>Positive Event</u> : I'm going on another [college] course. <u>Explanation</u> : Because I just want to do something positive with my life.	<u>Negative Event</u> : The last time I shoplifted was for food. <u>Explanation</u> : Because I couldn't afford to buy it. <u>Positive Event</u> : I am using Methadone now. <u>Explanation</u> : I'm using that to balance myself out now.

Tabela 1) Exemplos de excertos das entrevistas dos indivíduos para cada uma das seis vertentes do *explanatory style* (adaptado de Maruna, 2004, pp. 192, 193, 194)

“The findings from this exercise suggest an interesting, possible relationship between explanatory style and criminal desistance” (Maruna, 2004, p.196). As conclusões foram as seguintes:

- i) as atribuições internas de acontecimentos negativos parecem estar mais associadas aos ofensores persistentes, e por isso, alguém com estas representações terá menos capacidade de desistir, uma vez que os acontecimentos negativos são vistos como responsabilidade do próprio indivíduo;
- ii) quanto mais os indivíduos tiverem um discurso de interiorização, estabilidade e globalização dos eventos positivos das suas vidas, maior a probabilidade de estes estarem afastados da vida criminal;
- iii) *“these findings suggest that in our focus on offender neutralizations, criminologists might be missing a potent area for future research: offenders’ attributions for positive life events”* (idem, p.197), não só focando-se na dimensão da interiorização/exteriorização, mas principalmente nas dimensões da estabilidade/instabilidade e da globalização/especificação, que parecem estar mais correlacionados com a desistência (Maruna & Mann, 2006).

Da mesma forma, Shmulsky e Gobbo (2007) afirmam o seguinte: *“optimists are loosely defined as those who habitually make internal, global, and stable attributions for positive events and external, specific, and unstable attributions for negative events, and pessimists are those who tend to do the opposite”*. Acrescentam ainda que o sucesso é alcançado quando o *explanatory style* dos indivíduos é otimista. Assim, poderá ser feita uma relação entre o que é afirmado por Maruna (2004) e Farrall (2002): aqueles indivíduos que atribuem causas internas, globais e estáveis aos acontecimentos de vida positivos, estarão mais envolvidos no processo de desistência do crime, sendo igualmente estes, os mais otimistas em relação a este processo, e portanto mais motivados para deixar de cometer delitos.

No entanto, com o desenvolvimento de estudos que relacionam as dimensões do *explanatory style*, há agora uma nova perspectiva que sugere que a categoria de dimensões relativas à interiorização/exteriorização não têm tanta influência quando comparadas com as outras duas (Maruna & Mann, 2006).

Assim, tal como foi explicado anteriormente, os esquemas de interpretação proporcionados pelo *attribution style* são responsáveis pela continuidade de determinados comportamentos dos indivíduos. Desta forma, e segundo as conclusões retiradas, um indivíduo que tenha tendência a atribuir causas internas, estáveis e globais a acontecimentos de vida negativos, como o cometimento de crimes, terá tendência a comportar-se permanentemente dessa forma. Shmulsky e Gobbo (2007) indicam que esta tendência pode ser revertida através de técnicas de treino, denominadas de *attribution retraining*, que incentivam o indivíduo a aprender formas mais otimistas de *explanatory style*, que segundo investigações realizadas, aumentam a probabilidade de sucesso nos objetivos estabelecidos.

Maruna já havia denotado a importância do estudo das narrativas dos indivíduos que haviam desistido do crime e os persistentes, uma vez que estas os ajudam a compreender-se a si próprios. As narrativas são importantes no que toca à desistência por três motivos: proporcionam um distanciamento subjetivo dos acontecimentos do passado, ajuda o possível desistente a atribuir um significado a determinados acontecimentos de vida, e facilita a construção de novas identidades não-delinquentes (King, 2013b). Num estudo de 2001, Maruna constatou que os indivíduos persistentes tinham tendência a ver-se como determinados por passados negativos, i.e., como vítimas do acaso, podendo mudar se fossem ajudados por um *golpe de sorte* (Gadd & Farrall, 2004). Assim, os desistentes elaboram um *redemption script*, enquanto os indivíduos persistentes têm um *condemnation script*, sendo fatalistas e atribuindo a responsabilidade dos acontecimentos positivos a terceiros (Healy & O'Donnell, 2008). Estas assunções vão ao encontro do *explanatory style*.

3. PROBATION, SERVIÇOS DE REINserÇÃO SOCIAL E DESISTÊNCIA

A par do desenvolvimento da literatura acerca da desistência do crime, houve um ressurgimento do interesse pela ideia do *what works* ao nível das intervenções comunitárias, especialmente no Reino Unido. Isto aconteceu pelo aumento incontroado da população prisional e pela questão da reincidência entre indivíduos sob custódia dos serviços de reinserção

social (King, 2010). Como LeBel e os seus colegas (2008) afirmam, “*recidivism after a prison sentence is the norm rather than the exception*” (p.133).

A *probation*²¹ pressupõe um acompanhamento, tendo um papel essencial nos sistemas de justiça de todo o mundo, ao reabilitar para a redução do crime, na tarefa de castigar e de fazer o indivíduo reparar de forma construtiva o mal causado pelo crime cometido, assim como na disponibilidade de condições e recursos que de outra forma lhe seriam denegados (McNeil, 2011).

O essencial destes serviços é proporcionar ao indivíduo um apoio firme para a adaptação dos seus comportamentos às normas sociais e jurídicas, focando a intervenção em aspetos concretos da sua vida e o seu entorno, como por exemplo, a saúde mental e física, as relações familiares ou as condições habitacionais (United Nations – Department of Social Affairs, 1951).

A *probation* tem vindo a ser requerida em grande escala pelos tribunais americanos, principalmente desde finais dos anos oitenta do século XX, tendo um aumento entre 1980 e 1995 de cento e setenta e sete por cento (cf. Cullen et al., 2002; Morgan, 1995).

A essência dos serviços de *probation* tem sido alterada ao longo dos tempos, acompanhando mudanças nas teorias penalistas, nas políticas e na mentalidade da sociedade. O percurso da *probation* passou por diferentes paradigmas, desde um missionarismo que teve como objetivo salvar vidas, para uma profissionalização, que teve como objetivo *curar* os ofensores através de um tratamento de reabilitação, até um esforço pragmático que visa a criação de alternativas à detenção e ajuda prática para os infratores (McNeill, 2006).

Ao longo da década de 70 alguns autores como Bottoms e McWilliams criticaram o ideal de tratamento dos serviços de *probation*, deixando três cláusulas que deveriam ser tidas em conta: que o ato criminal é algo voluntário, contrastando com a maioria das doenças, que não o é; que o crime não é patológico num sentido estrito; e que os modelos de tratamento dos indivíduos negligenciam as causas sociais do crime. Assim sendo, para estes, os objetivos principais deveriam ser o apoio apropriado para os ofensores (reforçando os seus pontos fortes ao nível individual e social), a supervisão destes, a atribuição de penas não privativas de liberdade e, por último, a redução do crime. O último objetivo apontado deveria ser conseguido pelo cumprimento dos outros três (cf. McNeill, 2006; McNeill, 2011).

²¹ O termo de *probation*, quando é utilizado, refere-se aos serviços de reinserção social, que na literatura anglicana acerca do tema se denominam desta forma.

O mais importante é que o indivíduo, ao invés de ser um mero *objeto* a ser tratado, é alguém ativo e responsável pelo seu comportamento e pela mudança para uma vida prossocial, devendo ser apoiado (McNeill, 2006).

“Offenders desist as a result of individual actions (choice) in conjunction with situational contexts and structural influences linked to key institutions that help sustain desistance” (Piquero et al., 2007, p.171). Assim, o processo de mudança que é suposto existir no período de acompanhamento pela *probation* é a desistência, sendo esta conseguida com o apoio ao indivíduo para que este seja reintegrado na comunidade e desenvolvendo capacidades e atitudes que a suportem através de recursos sociais e culturais (cf. Farmer et al., 2012; King, 2013a; McNeill, 2006). De facto, McNeill (2006) defende que os serviços de reinserção social devem assumir-se menos como proporcionadores de tratamento correccional e mais como fonte de apoio para a desistência, cuja responsabilidade recai sobre o indivíduo, fomentando a *agency* e a sua reflexão. A desistência poderá também ser fomentada pela fixação como alvo as oportunidades e os pensamentos dos indivíduos, i.e., as suas narrativas de desistência (cf. King, 2013a; Maguire & Raynor, 2006). A estas tarefas denominam-se de *desistência assistida*²² (King, 2013a).

Chama-se a atenção para o impacto das intervenções do Sistema de Justiça Criminal. Sendo que há consenso em relação a dois aspetos que parecem contribuir para o sucesso dos indivíduos em parar de delinquir: a boa relação entre este e o técnico que o acompanha, e a manutenção do mesmo técnico durante todo o período de acompanhamento (cf. Farrall, 2004; King, 2010; Shapland et al., 2012).

Em Portugal, o acompanhamento em liberdade condicional é da competência da DGRSP²³. Esta Direção sucedeu à antiga DGRS²⁴, extinta pelo atual executivo de governo, que por sua vez, sucedeu ao antigo IRS²⁵, que havia sido fundado nos primeiros anos da década de oitenta do século XX, pela reforma penal de 1982.

A liberdade condicional consiste na substituição parcial do tempo de reclusão pela liberdade em meio comunitário. É uma medida de flexibilização da pena, aplicada em processo judicial próprio pelo Tribunal de Execução de Penas. Tem três modalidades: a simples, subordinada ao cumprimento de regras de conduta e com regime de prova. A mesma poderá ser concedida em três momentos da pena, dependendo sempre do consentimento do condenado:

²² *Assisted desistance*.

²³ Informação retirada após a consulta da página <http://www.dgrs.mj.pt/web/rs/penal>, em 25 de Março de 2014.

²⁴ Direção-Geral de Reinserção Social.

²⁵ Instituto de Reinserção Social.

cumprida metade da pena (tendo sempre que cumprir pelo menos seis meses), cumpridos dois terços da pena, ou cumpridos cinco sextos da pena (sendo esta última obrigatória). À exceção do último momento, que apenas exige o cumprimento do tempo da pena como requisito para a libertação, a concessão da liberdade condicional nos outros dois momentos depende sempre de um juízo de prognose favorável sobre o comportamento futuro do indivíduo.

É neste juízo de prognose que começa a colaboração da DGRSP, já que avaliam o indivíduo e as circunstâncias que o envolvem. Uma vez concedida a liberdade condicional, o objetivo do acompanhamento pelas equipas de reinserção social é apoiar o indivíduo na sua reinserção social após um período considerável de reclusão, visando áreas importantes da vida do arguido, nomeadamente, a situação familiar, profissional e inserção no seu meio envolvente.

Nas décadas de 80 e 90, fizeram-se esforços para desenvolver o estudo dos contributos das sanções e das intervenções judiciais para a desistência do crime. No entanto, até à data, poucos estudos que relacionam os serviços de reinserção social e a desistência foram feitos (cf. Farrall, 2002; King, 2010; Loeber & Le Blanc, 1990; McCulloch, 2005).

McNeill (2006) faz um resumo de alguns dos seus achados: *i*) o compromisso para a desistência assumido pelos indivíduos parece ser gerado pelo compromisso dos próprios técnicos e pela motivação, sentido de justiça e sensatez que estes demonstram; *ii*) não só o apoio dos serviços de reinserção social é importante na resolução de problemas que podem dificultar o processo de desistência, mas também os seus próprios recursos e as redes sociais nas quais se inserem, sendo até mais influentes; *iii*) apesar da resolução de conflitos familiares e a ajuda adequada para encontrar um emprego terem influência, parece ser a motivação dos indivíduos e os contextos sociais e pessoais que contribuem mais para o processo de desistência (sendo que o acompanhamento por parte dos serviços de reinserção social se deve focar mais nestes aspetos e nos défices dos indivíduos); e *iv*) a concordância entre técnico e utente no que toca a objetivos a atingir e responsabilidades parece ir ao encontro do que caracteriza o paradigma do *what works* em intervenções da justiça penal.

O mais importante será uma boa relação entre indivíduos e técnicos, que poderá ajudar no processo de desistência do crime, para além de que a *probation* será um aspeto positivo para o indivíduo, quando os técnicos são profissionais neutros, respeituosos e comprometidos, já que é proporcionado apoio prático e fomenta-se as narrativas prossociais (cf. Barry, 2013; King, 2010; King, 2013a). King acrescenta outros aspetos: *i*) a relação bilateral entre técnico e indivíduo é alimentada pela lealdade e empenho que ambas as partes demonstram e passa também pela capacidade de ambos em ouvir e falar; *ii*) o apoio para a resolução de conflitos

pessoais e problemas sociais parece ter muita influência na desistência; *iii*) a *probation* serve um ideal de reabilitação; e *iv*) os indivíduos realçam a importância de serem considerados sujeitos ativos nos seus processos de mudança (cf. King 2010; King, 2013a).

Alguns autores, através dos seus estudos, chegaram à conclusão que apesar dos participantes do estudo demonstrarem empatia em relação aos técnicos que os acompanhavam, afirmando que eram bons ouvintes, e prestáveis, não consideraram que o apoio oferecido fosse o suficiente (cf. McCulloch, 2005; King, 2013a). Ao invés de se encarregarem de apoiar na resolução de problemas que afetam as suas vidas, e que poderão travar o processo de desistência, que segundo Farrall (2002) será a prática mais benéfica, os indivíduos reportaram que os técnicos apenas se encarregavam de tarefas simples, como o preenchimento de formulários ou a escrita de cartas que aqueles necessitavam. No entanto, de forma geral, afirmaram que as suas experiências de *probation* contribuíram para que pensassem mais no futuro, percecionando-o como mais positivo, e ajudaram a incrementar a sua capacidade para a tomada de decisões, reorientando a sua *agency* (King, 2013a).

Passaremos agora à exposição mais pormenorizada de alguns estudos consultados.

Farrall (2002) investigou o papel da supervisão por parte dos serviços de reinserção social, da motivação dos indivíduos e das circunstâncias sociais e pessoais na desistência do crime. Ao nível metodológico, não recolheu dados unicamente derivados de fontes oficiais, mas também de parte dos indivíduos em acompanhamento e dos técnicos através de três séries de entrevistas. As conclusões mais importantes do estudo foram as seguintes: *i*) quer os técnicos de *probation*, quer os indivíduos reportaram que quase todos os indivíduos estavam motivados para desistir do crime; no entanto, os dois grupos de participantes discordaram em relação à capacidade para desistir; *ii*) os indivíduos que se mostraram mais motivados para desistir, e que foram identificados pelos técnicos como tal, reportaram ter menos problemas que se poderiam interpor no caminho para a desistência do que aqueles menos motivados, não sendo esta diferença estatisticamente significativa; *iii*) os indivíduos mais motivados apontaram como obstáculos os problemas familiares e com o companheiro sentimental, e problemas ao nível emocional; *iv*) parecem ser a estabilidade ao nível familiar e do emprego que se apresentam como as mudanças mais significativas nas vidas dos indivíduos e que influenciam a desistência do crime; *v*) a motivação dos indivíduos também parece ser um fator-chave para a desistência do indivíduo; e *vi*) apesar do impacto da *probation* na desistência do crime ser reduzido no cômputo geral, se for analisado caso a caso, o resultado parece ser diferente. O autor chegou à conclusão da relativa influência dos serviços de *probation* no processo de desistência quando

foram analisados os dados do seu estudo desde uma perspectiva *macro*. No entanto, se fossem analisados caso a caso, existiam indivíduos que reportavam que o acompanhamento de que eram alvo tinham uma importância imensa, mais do que qualquer outro fator (mesmo aqueles que se constatou que eram mais influentes e que são apontados, inclusivamente, pela literatura) (cf. Farrall, 2002; Farrall, 2004).

Apesar das conclusões contraditórias, o que é certo é que existe consenso acerca da ideia de que existem papéis que devem necessariamente ser preenchidos por técnicos de reinserção social: o desenvolvimento da motivação, das oportunidades e das capacidades dos indivíduos (cf. Farmer et al., 2012; King, 2013a; McNeill, 2006).

Até à data, não existe nenhum estudo adaptado à realidade portuguesa que relacione a liberdade condicional acompanhada pela DGRSP e a desistência do crime.

1. OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Após a revisão da literatura que foi feita sobre o tema, é necessário agora indicar as questões de investigação que comandaram este estudo.

O objetivo geral deste foi explorar a questão da desistência numa amostra de indivíduos portugueses, tendo como base outros estudos efetuados no mesmo âmbito.

Especificamente, as questões de investigação que se colocaram foram:

- i) testar a hipótese segundo a qual as dimensões do *explanatory style* (interiorização/exteriorização, estabilidade/instabilidade e globalização/especificação) apresentam padrões diferenciados de discurso que se relacionam com o maior ou menor envolvimento no processo de desistência;**
- ii) identificar os acontecimentos de vida e fatores que estão associados a um prognóstico favorável de desistência do crime;**
- iii) identificar as principais dificuldades associadas a um prognóstico não favorável de desistência do crime; e**
- iv) comparar as diferenças de perspetiva entre técnicos de reinserção social e indivíduos em relação ao estado do processo de desistência destes, fatores que o influenciam e dificuldades que se apresentam.**

Algumas das questões de investigação indicadas surgiram pela preocupação que autores como Farrall (2002) e Farrington (2007) mostraram em áreas de investigação no âmbito da desistência do crime, nomeadamente: o estudo de fatores de desistência aferidos através de análises às mudanças intraindividuais dos indivíduos, o estudo de fatores de proteção promotores da desistência, e o estudo das intervenções e das sanções penais que influenciam o processo de desistência.

2. METODOLOGIA

3.1) Caraterização do Estudo

A presente investigação insere-se no estudo dos processos relativos ao desenvolvimento da delinquência e aos processos envolvidos na desistência²⁶, tratando-se de um estudo exploratório, cujo principal objetivo é fazer uma análise desde um ponto de vista *micro*, ou seja, explorar os processos e os fatores de desistência para cada indivíduo.

Segundo Silverman (2000), a escolha de métodos de investigação depende do objeto de estudo em questão. Apesar de grande parte dos estudos da Criminologia Desenvolvimental se tratarem de estudos transversais e quantitativos, para os propósitos do presente estudo, pareceu mais adequado utilizar as metodologias qualitativas, que têm aliás contribuído para a compreensão dos processos subjacentes à desistência do crime (Laub & Sampson, 2011). Nomeadamente, permitem aceder em profundidade aos acontecimentos de vida de cada indivíduo e ao significado e relevância que estes lhe atribuem, e permitem explorar a perceção e experiências de cada um dentro do processo de desistência. A escolha dos métodos qualitativos também se prende com o objetivo de estudar um grupo (possíveis desistentes) do qual pouco se sabe.

Os métodos qualitativos inserem-se no paradigma interpretativo, onde o objeto de análise é a ação física e os significados que os atores que interagem com ela lhe atribuem: determinadas circunstâncias podem corresponder a significados diferentes de uma perspetiva social (Silverman, 2000).

Dentro da investigação qualitativa, a presente investigação utilizou em parte o método biográfico, já que, de forma a aceder às perspetivas dos indivíduos em relação a diferentes situações da sua vida, se tentaram explorar de forma abrangente diferentes dimensões desta, obrigando o participante a *contar a sua história* (Travers, 2001). Também se aproxima ao estudo de caso porque, como foi dito acima, pretende-se uma análise *micro* do processos e fatores de desistência para cada indivíduo, analisando-se dados provenientes de diferentes métodos e fontes, sendo os resultados apresentados especificamente para cada um deles.

²⁶ No que toca às investigações nesta área, e nomeadamente na realização de entrevistas, Maruna (2012) ressalta a dificuldade de saber distinguir entre sinais de autenticidade e a manipulação nas interações entre os investigadores e os participantes do estudo.

3.2) Constituição da Amostra

Na impossibilidade de estudar a totalidade da população, deverá ser selecionada uma amostra, que nos métodos qualitativos é de pequena dimensão, pela quantidade de dados que se recolhem e pela dificuldade que se coloca na sua análise por questões de tempo e de variedade de achados.

Tratando-se de um estudo exploratório, na presente investigação optou-se por uma amostra por conveniência, com o objetivo de adequá-la ao objeto de estudo e às suas questões de investigação, já que este tipo de amostragem é utilizado quando é necessária a recolha de informação para um determinado conceito, e para tal se precisam de especificar critérios para a sua seleção (Silverman, 2000): *“nesta ótica, os indivíduos não são escolhidos em função da importância numérica da categoria que representam, mas antes devido ao seu carácter exemplar”* (Ruquoy, 1997, p.102).

Assim dirigiu-se um pedido de colaboração à DGRSP, requerendo-se a participação de algumas das equipas de reinserção social na presente investigação, não tendo sido exigido nenhum critério de seleção das equipas. Foi autorizada a inclusão de indivíduos pertencentes a três equipas de reinserção social²⁷.

Desta forma, a amostra final foi constituída por dez indivíduos dessas equipas que preencheram os requisitos mencionados abaixo, verificados pelos técnicos, seguindo o exemplo de King (2013b), no seu estudo explicado anteriormente. Inicialmente seriam catorze indivíduos, mas foi impossível localizar dois deles, outro não pôde participar por motivos de ordem económica, e o último recusou-se a fazer parte do estudo.

É importante referir que, ao contrário do que aconteceu nos estudos consultados durante a pesquisa bibliográfica acerca do tema, não existiu qualquer tipo de compensação pela participação neste projeto, sendo esta de carácter voluntário.

Os indivíduos foram selecionados de acordo com as exigências da investigação. Para tal, pediu-se a colaboração para que cada uma das equipas sinalizassem indivíduos que obedecessem a alguns critérios previamente estabelecidos.

Como **critérios gerais** estabeleceram-se os seguintes:

- i) que os indivíduos estivessem há, pelo menos, seis meses em acompanhamento em liberdade condicional;
- ii) que tivessem, pelo menos, duas condenações;

²⁷ As equipas da DGRSP que colaboraram no estudo não foram reveladas por uma questão de preservação do anonimato, quer destas, quer dos indivíduos que constituíram a amostra.

- iii) que tivessem na sua história criminal apenas registos de criminalidade comum²⁸; e
- iv) que não tivessem qualquer transtorno psiquiátrico.

Como **critério específico** estabeleceu-se que os indivíduos sinalizados correspondessem a dois grupos diferentes: cerca de metade, indivíduos que a equipa considerasse ter, à partida, condições de integração social e portanto sobre os quais existisse um prognóstico favorável relativamente à desistência, e a outra metade ser de indivíduos que apresentassem indicadores de persistência no crime, com um enquadramento social pouco favorável, comportamentos e atitudes atuais antissociais ou novas ocorrências no seu registo criminal.

O primeiro critério geral mencionado foi estabelecido pelo facto de se pretender uma uniformidade no que tocava ao tempo de acompanhamento já transcorrido. Para além disso, Wodditch e os seus colegas (2014) defendem que as mudanças nas necessidades criminógenas dinâmicas que se associam à desistência acontecem após seis meses de acompanhamento em liberdade condicional, pelo que importa estudar este momento do acompanhamento. O facto de apenas se selecionarem indivíduos com, pelo menos, duas condenações justificou-se pela necessidade de uma amostra com uma carreira criminal, não se podendo afirmar que um indivíduo com uma condenação a tenha. Para além disso, a literatura existente sobre o estudo da desistência, exclui estes indivíduos. Farrington (2007) retira importância ao estudo da desistência em indivíduos com apenas uma condenação, já que não considera esta como uma carreira criminal. Por último, o critério estabelecido acerca dos tipos de crimes cometidos também é suportado pela maioria da literatura existente²⁹. De facto, o estudo de Maruna de 2004 também não considera indivíduos condenados por crimes sexuais.

Por sua vez, o critério específico referido prende-se com a própria exequibilidade do estudo, de forma a responder às questões de investigação colocadas.

3.3) Métodos de Recolha de Dados

Os métodos de recolha de dados escolhidos foram: a análise documental dos *dossiers* dos indivíduos que compuseram a amostra, existentes nas equipas da DGRSP onde estavam a ser acompanhados, o método de inquérito por questionário a técnicos de reinserção social, e a realização de entrevistas aos indivíduos.

²⁸ Excluindo assim os homicídios e os crimes sexuais.

²⁹ Uma exceção é o *Sheffield Desistance Study*, conduzido por Anthony Bottoms e Joanna Shapland em 2011, que admitiu crimes de uma lista standardizada, que incluía crimes sexuais e crimes violentos, roubos, furtos, fraudes, vandalismo e ofensas relacionadas com drogas.

Como Farrall no seu estudo de 2002, optou-se pela combinação de métodos, pela complementaridade que acrescentam, e, sobretudo, para cumprir com os objetivos das questões de investigação especificadas. Os dados obtidos a partir da análise documental serviram, sobretudo, para recolher informação que não seria necessária focar nas entrevistas. As narrativas obtidas a partir das entrevistas, serviram para aceder às perspetivas, significados e atribuições que os indivíduos utilizam, permitindo depois a análise destas de acordo com os objetivos do estudo, nomeadamente a classificação de indivíduos face à desistência, de acordo com os seus padrões de discurso. Por último, os questionários serviram, primeiro de tudo, para especificar os critérios de seleção dos dois grupos de indivíduos de acordo com os prognósticos de desistência da delinquência, proporcionando também a perceção da avaliação técnica em relação aos seus fatores, de acordo com o conhecimento obtido durante o acompanhamento em liberdade condicional.

a) Análise Documental

A análise documental focou-se na obtenção de informação objetiva acerca do indivíduo, presente nos seus *dossiers* pessoais, tratando-se de informação recolhida pelos técnicos de reinserção social durante as entrevistas de acompanhamento em liberdade condicional. Assim pretendeu-se recolher informação acerca de:

- i) **dados sociodemográficos;**
- ii) **história criminal**, incluindo comportamentos desviantes e criminais na infância, na adolescência e na idade adulta, período de reclusão, e período de liberdade condicional;
- iii) **percurso escolar**, incluindo o desempenho, a relação com professores e funcionários, e a relação com os colegas;
- iv) **família**, abrangendo o agregado familiar e a relação com a família;
- v) **habitação**, recolhendo informação acerca do meio habitacional, condições do local de habitação, e relação com os vizinhos;
- vi) **situação profissional**, incluindo informação sobre a situação profissional atual, o historial de emprego, as relações laborais e a formação profissional;
- vii) **relações maritais**, incluindo também informação sobre a **paternidade**;
- viii) **atividades de lazer e recreativas e grupo de pares**, recolhendo dados sobre o tempo-livre, associações às que pertence, e grupo de pares;
- ix) **dependências**, incluindo informações sobre o consumo de droga, álcool e jogos de azar e fortuna;

- x) **saúde;**
- xi) **atitudes e crenças acerca dos comportamentos do passado; e**
- xii) **outros aspetos.**

Este método de recolha de dados justificou-se por três motivos: primeiro, para obter informação que poderia não ser conseguida através das entrevistas, sendo esta de fonte fidedigna; permitiu também aceder às considerações dos técnicos de acompanhamento em liberdade condicional acerca dos indivíduos; e, por outro lado, serviu para preparar a seguinte fase da recolha de dados, i.e., as entrevistas, já que se conheceu, de certa forma, o *background* do indivíduo.

b) Questionários

Depois de efetuada a análise documental, procedeu-se à aplicação dos questionários aos técnicos de reinserção social. O principal objetivo destes foi obter dados sobre a avaliação técnica, com o intuito de classificar os indivíduos de acordo com o seu prognóstico de desistência do crime, assim como para a identificação dos fatores subjacentes a essa avaliação. Pretendeu-se assim a mera enunciação de fatores e dificuldades associados ao processo de desistência, não sendo pretendido o seu tratamento estatístico.

Seguidamente serão apresentadas as principais dimensões do questionário³⁰ construído, sendo importante referir que sofreu várias alterações, de forma a melhorá-lo e a facilitar a sua aplicação e preenchimento.

A primeira questão refere-se ao prognóstico dos indivíduos face à desistência do crime. Assim, os técnicos deveriam indicar se estes teriam um prognóstico favorável ou não favorável à desistência.

A segunda questão refere-se às razões que justificavam o prognóstico: tendo que classificar-se os fatores gerais de ‘nada importante’ para ‘muito importante’, numa escala de um ao quatro. Os fatores gerais são a idade, a história criminal, as características pessoais do indivíduo, os aspetos relacionados com os contextos nos quais o indivíduo se insere, os aspetos relacionados com o acompanhamento efetuado em liberdade condicional, e os acontecimentos de vida marcantes para o indivíduo.

³⁰ Modelo do questionário apresentado como Anexo 1.

Seguidamente, **detalharam-se os fatores gerais**. Primeiro, os técnicos deveriam indicar se seriam relevantes ou não relevantes para o prognóstico, e caso fossem relevantes, se estes seriam favoráveis ou não favoráveis a este:

- i) os **fatores pessoais** detalhados são: a motivação para a mudança, o sentido de responsabilidade, o autocontrolo alto, a estabilidade emocional, as capacidades cognitivas, a capacidade para atingir objetivos previamente definidos, a capacidade para resolução de problemas, o sentimento de vergonha pelo passado criminal, o sentimento de remorso ou arrependimento pelo passado criminal, a compreensão pelo sofrimento e pelos danos causados às vítimas dos seus comportamentos criminais, a adoção de papéis socialmente aceites, e as atitudes e crenças prossociais;
- ii) os **fatores contextuais** especificados são: o apoio familiar, o cumprimento de obrigações familiares, o apoio de pares prossociais, o apoio de pares antissociais, a situação socioeconómica, ter emprego, o percurso laboral, a motivação e empenho para encontrar ou manter emprego, o ambiente social do local de residência, e o envolvimento em atividades de lazer e recreação;
- iii) por ultimo, os **aspetos relacionados com o acompanhamento por liberdade condicional** mencionados são: a relação com o técnico de reinserção social que o acompanha, a intensidade do acompanhamento técnico, e o cumprimento das injunções e obrigações impostas.

Por último, são especificados os **acontecimentos de vida**: o casamento ou a relação sentimental estável, a paternidade, encontrar um emprego estável, terminar a escolaridade obrigatória (ou formação profissional ou curso de nível secundário ou superior), e a mudança de residência. Nesta última questão, os técnicos deveriam indicar se os acontecimentos de vida eram aplicáveis ou não, e se seriam favoráveis, não favoráveis, ou não relevantes para o prognóstico.

c) Entrevistas

O principal método de recolha de dados utilizado foi a entrevista. A entrevista é caracterizada por se basear num contacto direto entre o investigador e os participantes, sendo que estes últimos exprimem as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências (Silverman, 2000).

Mais precisamente, utilizou-se a entrevista semiestruturada já que se adequa mais aos objetivos desta investigação. Primeiro, foi possível aceder às perspetivas dos indivíduos não só

no que toca às suas experiências no mundo do crime, e em relação à sua perspectiva acerca do cometimento de atos criminais no futuro, mas também, de uma forma geral, perceber o modo como estes *contam a sua história*. Também permitiu ao indivíduo maior expressão, nomeadamente no que tocou à identificação e explicação de acontecimentos e situações, que possibilitariam mais tarde a análise das categorias do *explanatory style* no seu discurso, percebendo-se as mudanças internas deste.

Para além disso, a utilização da entrevista semiestruturada cedeu ao investigador uma certa margem de liberdade quanto às questões colocadas ao entrevistado. Ou seja, embora tivessem sido definidas uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, formuladas *a priori*, no decorrer das entrevistas existiu a possibilidade de explorar aspetos referidos pelos entrevistados, permitindo um acesso mais pormenorizado ao íntimo deste.

Nas entrevistas também importou focar alguns aspetos da vida dos indivíduos, nomeadamente, os fatores mencionados anteriormente como aqueles que parecem ter influência para a desistência do crime. Assim, elaborou-se um guião de entrevista, com categorias construídas com base na literatura existente, tendo sofrido também várias reformulações. Farrington (2007) e King (2013b) consideraram oportuna a recolha de dados acerca da história criminal dos indivíduos, questões relacionadas com a família, grupo de pares, escolaridade, e vizinhança. Também é acrescentado que durante as entrevistas efetuadas no âmbito do estudo da desistência do crime deveriam ser colocadas questões que abordassem as expectativas e planos de futuro dos indivíduos, assim com as dificuldades que se colocam no caminho para a desistência (cf. King, 2013b; LeBel et al., 2008). Seria igualmente importante questionar os indivíduos acerca do período de *probation*, assim como a relação que estes têm com os seus técnicos de acompanhamento (cf. Bottoms & Shapland, 2011; King, 2010; King, 2013b). Recorreu-se também a algumas questões que Dan McAdams utiliza no seu modelo de *Life Story Interview*³¹. Maruna e os seus colegas (2004), assim como Farmer e os seus colegas (2012) também utilizaram este método no seu estudo.

Então, as principais dimensões do guião de entrevista³² construído são:

- i) **as fases de vida conforme a divisão do indivíduo;**
- ii) **a história criminal;**
- iii) **o sistema de justiça e o período de reclusão;**

³¹ Documento disponível em: <http://www.sesp.northwestern.edu/docs/Interviewrevised95.pdf>, acedido em 17/12/2013.

³² Guião de entrevista apresentado como anexo2.

- iv) **a liberdade condicional;**
- v) **as rotinas;**
- vi) **o local de residência;**
- vii) **a família;**
- viii) **o emprego,**
- ix) **o percurso académico e de formação profissional;**
- x) **o grupo de pares, as dependências;**
- xi) **a desistência do crime;**
- xii) **a imagem do *self*; e**
- xiii) **o futuro.**

d) Grelhas de Observação de Entrevistas

Paralelamente, também foi necessário preencher uma grelha de observação, que registava dados significantes das entrevistas para cada indivíduo, apesar de não terem particular relevo para a presente investigação. Com este método de recolha de dados pretendeu-se registar aspetos não perceptíveis na própria transcrição das entrevistas, nomeadamente, a postura do indivíduo.

A grelha de observação inclui informação acerca da entrevista sobre a fluência do discurso, o registo linguístico utilizado, as expressões gestuais, o local onde decorreu, as interrupções no seu decurso, a disponibilidade do entrevistado, e a duração da mesma.

3.4) Procedimentos de Recolha de Dados

Seguindo a recomendação de Dufour e os seus colegas (2013), a recolha e análise de dados foi efetuada em simultâneo.

Na recolha de dados, o primeiro procedimento foi solicitar aos técnicos de reinserção social que selecionassem os indivíduos de acordo com os critérios de constituição da amostra já mencionados.

Após esta seleção, procedeu-se à análise documental dos *dossiers* dos indivíduos selecionados, tendo-se preenchido para cada indivíduo a grelha já explicitada³³.

³³ Note-se que a informação relativa ao nome dos participantes não foi revelada pela questão do anonimato do estudo, apenas serviu para identifica-los aquando a recolha de dados. Posteriormente, atribuiu-se um código a cada participante.

Depois do preenchimento das grelhas de análise documental, solicitou-se aos técnicos de reinserção social que completassem o questionário relativo a cada indivíduo³⁴. Foi explicado o objetivo do preenchimento deste, assim como esclarecidas algumas dúvidas que surgiram. Os técnicos mostraram-se um pouco reticentes em relação ao prognóstico atribuído aos indivíduos, justificando este facto por não poderem ter conhecimento sobre todos os fatores presentes no questionário. Para além disso, explicaram que os prognósticos só poderiam ser dados com algum grau de certeza quando os indivíduos terminassem o acompanhamento em liberdade condicional.

O seguinte procedimento realizado, no início das entrevistas, foi informar os indivíduos dos objetivos do estudo, explicando pormenorizadamente os procedimentos a realizar, utilizando uma linguagem adequada e adaptada a estes. Informou-se também cada participante que as informações recolhidas tinham um carácter anónimo, que apenas serviriam para fins académicos e que poderiam abandonar o estudo, se assim o desejassem, a qualquer momento. Outro aspeto importante foi a assinatura de um documento de Consentimento Informado³⁵, que foi guardado como forma de garantia da disponibilidade de participação de cada indivíduo.

Da mesma forma, entregou-se a cada participante um documento no qual se garantiu as mesmas condições referidas acima, o documento de Afirmação de Intenção³⁶.

Após a obtenção do consentimento dos indivíduos para utilizar a informação que seria recolhida nas entrevistas, e depois de explicar os propósitos e as condições desta, procedeu-se à realização das mesmas.

O guião de entrevista construído, não foi seguido rigorosamente, já que se tratava de uma entrevista semiestruturada, tendo-se deixado mais espaço ao participante para se expressar e mencionar aspetos que lhe parecessem relevantes. Este tipo de entrevista permitiu uma interação face-a-face entre o entrevistado e o entrevistador, captando-se de forma mais eficaz e profunda o ponto de vista do primeiro. Durante as entrevistas, tentou-se a todo o custo não influenciar as respostas fornecidas, mantendo por isso (e ainda que de forma discreta) uma certa distância para com o entrevistado. Assim sendo, tentou-se evitar qualquer tipo de gesto ou reação às respostas fornecidas pelos indivíduos. Contudo, ao mesmo tempo, procurou-se estabelecer uma empatia com o informante, de modo a que este se sentisse à vontade, predominando um tom informal e de conversa natural e espontânea. De facto, é muito

³⁴ É importante referir que os próprios técnicos desconheciam os códigos atribuídos a cada participante.

³⁵ Modelo de Consentimento Informado apresentado como anexo 3.

³⁶ Modelo de Afirmação de Intenção apresentado como anexo 4.

importante que o entrevistado se sinta relacionado à investigação e que compreenda que o seu ponto de vista é valorizado. Desta forma, houve um esforço para demonstrar aos indivíduos que se seguia o seu discurso, que havia interesse em ouvi-los, em limitar ao máximo possíveis interrupções (suscetíveis de quebrar a continuidade do discurso do informante) e a encorajá-los a aprofundar o seu raciocínio. Os silêncios e pausas demasiado longas foram também desencorajados pelo investigador, visto estes poderem tornar o ambiente constrangedor e desconfortável para o entrevistado.

Simultaneamente à realização das entrevistas, que foram gravadas em formato áudio, procedeu-se à sua transcrição. A transcrição, que seguiu as regras adotadas da pesquisa qualitativa, obedeceu fielmente ao registo linguístico dos indivíduos, não omitindo qualquer parte do seu discurso. Esta tarefa foi de grande importância para evitar perdas de informação.

3.5) Procedimentos de Análise dos Dados e Exposição de Resultados

Seguidamente, procedeu-se à análise de dados de forma a ir ao encontro dos objetivos e questões previamente definidos no início da investigação, refletindo-se depois na apresentação dos resultados. Assim sendo, fez-se uma análise individual dos dados recolhidos através dos métodos já apresentados.

O primeiro procedimento efetuado foi a caracterização da amostra, partindo dos dados recolhidos a partir da análise documental dos *dossiers* individuais presentes nas equipas de reinserção social de cada participante.

Tendo as entrevistas transcritas, procedeu-se à leitura das mesmas, efetuando-se uma sinopse para cada indivíduo, com dados recolhidos através das entrevistas, da análise documental efetuada, e da observação da entrevista. A sinopse consistiu numa súmula dos dados recolhidos, facilitando a posterior codificação das entrevistas.

Na fase da codificação das entrevistas, começou-se por fazer um agrupamento temático. No entanto, com o decorrer deste procedimento, revelou-se necessária uma codificação que categorizasse mais pormenorizadamente o discurso dos indivíduos. Assim, a codificação final das entrevistas foi revelada de acordo com as dimensões do guião de entrevista construído e pelo próprio discurso dos participantes³⁷.

³⁷ Categorias da codificação das entrevistas apresentada no anexo 5.

A partir da codificação das entrevistas e destas sinopses, puderam ressaltar-se dimensões da vida às quais cada indivíduo outorgava explicações e significados. Depois disso, compilaram-se em jeito de história ou resumo, para um seguimento mais lógico.

Com o decorrer da codificação das entrevistas, surgiu um impasse: não seria possível identificar no discurso dos indivíduos as dimensões do *explanatory style* através desta. Então, procedeu-se ao reconhecimento de acontecimentos de vida positivos e negativos para cada indivíduo entrevistado, podendo identificar-se mais facilmente as dimensões do *explanatory style* (interiorização/exteriorização, estabilidade/instabilidade e globalização/especificação). Após identificar estes acontecimentos de vida, classificaram-se de acordo com as referidas dimensões, sendo depois assinaladas as que seriam indicadoras de padrões de discurso que evidenciavam maior envolvimento no processo de desistência. O parecer sobre a desistência desde a análise do discurso era dada pela maioria das expressões: se havia mais expressões relativas às categorias associadas ao discurso de desistente ou mais associadas ao discurso de persistente.

Em relação aos questionários, primeiro foi feita uma análise individual do prognóstico de desistência de cada participante, e procedeu-se ao levantamento de fatores, acontecimentos de vida, ou dificuldades associadas a este prognóstico. Depois, procedeu-se ao mesmo levantantamento de fatores e acontecimentos de vida para cada um dos grupos. Assim, para o grupo de indivíduos categorizados como tendo um prognóstico favorável à desistência do crime, identificaram-se os fatores e acontecimentos de vida que mais contribuíram para este. Já para o grupo de indivíduos com prognóstico não favorável, identificaram-se as dificuldades que mais o influenciaram.

Feito isto, passou-se à comparação de prognósticos de desistência: aquele atribuído pelos técnicos de reinserção social que acompanhavam os indivíduos e o aferido através das categorias do *explanatory style*.

Estes procedimentos de análise dos dados refletiram-se na apresentação dos resultados no próximo capítulo.

Primeiro apresenta-se os resultados caso a caso para cada indivíduo, incluindo: os dados demográficos e de história criminal dos indivíduos; passando para a exposição das partes mais relevantes das narrativas dos indivíduos; seguidamente do prognóstico de desistência atribuído pelos técnicos, assim como os fatores de desistência, acontecimentos de vida ou dificuldades que contribuíram para este; e o prognóstico de desistência aferido a partir das categorias do *explanatory style*, comparando-o com o dos técnicos.

Seguidamente, são apresentados os fatores e acontecimentos de vida apontados pelos técnicos para o grupo de indivíduos com prognóstico favorável à desistência. Passando-se depois, para a súmula de fatores e acontecimentos de vida associados à desistência referidos pelos indivíduos³⁸. Da mesma forma, também se expõem as principais dificuldades indicadas pelos técnicos no grupo de indivíduos com prognóstico não favorável à desistência.

³⁸ Nesta parte foram tomados em conta todos os fatores indicados pelos indivíduos independentemente dos seus prognósticos, uma vez que todos manifestaram estar envolvidos no processo de desistência da delinquência.

1. CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Obedecendo aos critérios de seleção já referidos e à vontade dos próprios indivíduos selecionados em participar, a amostra do presente estudo foi constituída por dez indivíduos das equipas da DGRSP onde foi autorizada a realização do mesmo.

A idade dos indivíduos que pertenceram à amostra variou entre os vinte e cinco anos de idade e os sessenta e três, sendo que dois deles estavam na casa dos vinte, quatro na dos trinta, dois na dos quarenta, um na dos cinquenta e outra na casa dos sessenta anos de idade. Todos eles eram de nacionalidade portuguesa.

Ao nível da distribuição de crimes, os indivíduos tinham sido condenados por: crimes contra a propriedade, incluindo roubo, furto, furto e uso de veículo, recetação, usurpação e dano com violência; crimes contra as pessoas, especificamente, coação, ofensa à integridade física, sequestro e maus-tratos ao cônjuge; crimes contra a vida em sociedade, dos quais tráfico de droga, condução sem habilitação legal e detenção de arma proibida; e crimes contra o Estado, incluindo desobediência, falsidade de depoimento, abuso de confiança e falsificação de documentos.

Em relação ao número de condenações, sete dos indivíduos tinha três condenações no seu percurso criminal, dois tinham quatro, e um tinha duas condenações³⁹.

Para efeitos do próprio estudo, os indivíduos também foram selecionados de acordo com o seu prognóstico de desistência: seis dos indivíduos foram classificados pelos técnicos como tendo um prognóstico favorável à desistência (E1, E3, E5, E8, E9 e E10) e quatro com um prognóstico não favorável (E2, E4, E6 e E7).

³⁹ É necessário referir que a maior parte dos indivíduos tinham condenações por cúmulo jurídico, demonstrando a sua extensa trajetória criminal.

2. ANÁLISE CASO A CASO

Primeiro de tudo, fará-se a uma exposição dos resultados individuais mais relevantes de cada participante, obtidos através dos três métodos de recolha de dados utilizados, como descrito no capítulo da metodologia: primeiro apresentam-se os dados relativos à idade e história criminal, passando-se para a apresentação do prognóstico sugerido pelos técnicos de reinserção social, assim como a enunciação de fatores, acontecimentos de vida e dificuldades associadas. Depois expõem-se as narrativas dos indivíduos, sendo, por último, contrastado o prognóstico dos técnicos com o resultado da análise do discurso através das dimensões do *explanatory style*.

2.1) Indivíduo E1

E1 é um indivíduo de quarenta e quatro anos de idade, com três condenações por vários crimes de roubo e coação. Apesar de ter sido consumidor de droga durante um período de tempo considerável, na atualidade encontra-se abstinente e ainda em tratamento.

De acordo com o técnico, tem um **prognóstico favorável à desistência do crime**. Para este prognóstico contribuíram os fatores gerais da idade, características pessoais do indivíduo, aspetos relacionados com os contextos nos quais se insere e os aspetos relacionados com o acompanhamento efetuado em liberdade condicional.

Especificamente, foram considerados oito fatores pessoais com relevância para este prognóstico. O técnico de acompanhamento em liberdade condicional considerou que E1 é um indivíduo que está motivado para a mudança, tendo sentido de responsabilidade, assim como estabilidade emocional, autocontrolo alto, capacidades cognitivas, e capacidade para a resolução de problemas. É considerado também que adotou papéis socialmente aceites, tendo atitudes e crenças prossociais.

Relativamente aos aspetos relacionados com os contextos de inserção do indivíduo, foram considerados três: ter o apoio familiar, o cumprimento de obrigações familiares, ter emprego e estar motivado para mantê-lo.

Por último, relativamente aos aspetos relacionados com o acompanhamento em liberdade condicional, são destacados os três presentes no questionário: tem relação positiva com o técnico que o acompanha, a intensidade do acompanhamento é influente, e cumpre com as injunções e obrigações impostas.

Como acontecimentos de vida influentes, são destacados o ter encontrado um emprego estável, e ter terminado a escolaridade obrigatória, assim como formações profissionais.

Passando agora à narrativa do indivíduo, começa-se pela dimensão mais importante para a presente investigação, o crime.

E1 explica o envolvimento em crimes por vários motivos, parecendo o mais importante o consumo de drogas. Esta adição, que superou há cerca de seis anos, afetou-o por completo, classificando-a como a fase má da sua vida: *“meti-me na droga e afundei-me completamente... foi a pior fase da minha vida, afundei-me na totalidade...”*, tendo prejudicado vários aspetos na sua vida, como a sua situação económica, o afastamento de alguns amigos, e especificamente, separou-se da companheira, uma vez que como o próprio explica, continuou a fumar droga às escondidas.

Explica também que só não perdeu a família porque conseguiu reconquistá-la a tempo, já que considera que lhes provocou muito sofrimento, *“o mal que estava a fazer aos meus pais... e pedir dinheiro... tava a fazer, tava a fazer muito mal aos meus pais (...) Tava a matá-los aos poucos... Tava a dar cabo deles...”*.

O consumo de droga começou num jeito de brincadeira, tendo sido influenciado também pelo ambiente social do bairro onde habitava: *“depois ter droga à porta de casa, não ter de me deslocar pra outras áreas, sair fora do bairro, ter que ir pra zonas desconhecidas, procurar a droga... não, tínhamos ali perto, vamos experimentar”*.

Atribui a decisão de cessar o consumo de droga a motivos familiares, ao sofrimento que estava a causar aos pais, assim como a ele próprio, já que se considerava uma pessoa dependente.

Para além da droga, explica o cometimento de crimes com a situação económica pouco favorável naquele momento, já que estava desempregado e precisava de dinheiro para o consumo. Também é explicado pelo ambiente antissocial do seu bairro. *“Andava metido na droga, não tinha dinheiro, não havia trabalho na altura, não havia meios de sustentar a droga e levou-me ao crime, que era uma maneira fácil de arranjar dinheiro. Era uma maneira fácil de arranjar dinheiro e levou-me ao crime, e olhe... e andava a roubar, a assaltar multibancos, a assaltar as pessoas nos multibancos... (...) Eu saía de casa, dava meia dúzia de passos e droga, dava mais meia dúzia, droga, mais meia dúzia, droga... Pra onde me virasse, pra qualquer lado onde me virasse havia droga, havia crime, havia tudo...”*.

Acredita que há muitas coisas que podem levar as pessoas a cometer crimes, nomeadamente a situação económica ou a falta de apoio familiar: *“muita coisa pode levar uma pessoa a cometer um crime, tanta coisa! Tanta coisa pode fazer voltar ao crime! Falta de*

dinheiro, do essencial, onde moram, há pessoas que não têm apoio familiar nenhum, não ter... ser sem-abrigo, há muita maneira de voltar ao crime. Muita coisa pode acontecer...”

Para E1, o facto de ter estado preso teve vários significados: pressupôs a pior fase da sua vida, já que considera que foi sempre uma pessoa respeitadora e trabalhadora; adjetiva este período com palavras desagradáveis; tendo significado também um atraso na sua vida. Também expressou o medo que teve quando entrou pela primeira vez, por estar rodeado de todo o tipo de delinquentes, incluindo homicidas e violadores. Assim, considera que: *“foi uma baixa muito grande na minha vida... Uma bofetada que eu levei (...) Foi uma experiência de vida muito má... Por isso digo que essa foi uma fase má da minha vida! (...) Aquilo é muito duro! (...) é uma sensação horrível e única... (...) Aquilo é um atraso de vida pa quem lá está... Quando se está preso a vida não anda, a vida para. Para, por tudo, porque não se vive, ali não se vive, aquilo é um mundo que quem entra na cadeia o mundo para. Parou, parou ali, não desenvolve, não há desenvolvimento, não há nada...”*

Contrastando com esta ideia, considera que estar na prisão pode ter compensado noutros aspetos. Expressa esta ideia quando fala da formação académica e profissional que terminou na prisão: *“tirei vários cursos de formação através do centro de emprego... Ainda valeu a pena, no meio de tudo ainda valeu a pena...”*

E1 considera que é errado pensar que não se vai voltar a ser preso, porque de um momento para o outro isso pode acontecer. Em condenações anteriores, ele próprio pensou que não voltaria, mas acabou por cometer outros crimes, atribuindo o fracasso a si próprio: *“eu é que falhei. Eu é que falhei, que voltei a... continuei com os consumos da droga quando saí, continuei com os consumos de droga e tornou-me a levar ao mundo do crime. No espaço de sete meses, tava outra vez no mundo do crime”*.

Atualmente, E1 considera que voltar a cometer crimes não é uma opção, querendo estar longe disso, como também longe do mundo da droga. Encontra motivação para deixar de cometer crimes no facto de não compensar, na sua família, no facto de ter um emprego e de ter feito formação profissional, e por contar com o apoio de vizinhos e do grupo de pares: *“o crime não compensa... (...) a liberdade ser muito boa! (...) E tenho os meus pais, já não aguentavam mais outra, outro choque destes, eu voltar ao mundo da droga pra eles era matá-los, era acabar com eles. Com eles e com a família toda e amigos... Não, nem pensar (...) Conseguir fazer um curso na C. (local onde frequentou a formação), conseguir arranjar um emprego, ter o apoio familiar, de amigos, ter o apoio de vizinhos, ter tudo neste meio, ter tudo favorável a mim, só isso é o essencial!”*

Já em relação ao acompanhamento em liberdade condicional, considera que ajuda, ainda que pouco, nesta decisão que tem de não voltar ao crime, porque *“as pessoas não têm tanta tendência a perder-se... a voltar ao mundo do crime...”*, destacando a boa relação com a técnica de acompanhamento, já que o apoia e lhe dá bons conselhos.

A família foi um dos motivos apontados para não voltar a cometer crimes. Para além do papel atribuído aos pais, já mencionado anteriormente, não quer fazê-los sofrer mais com os seus atos. O indivíduo destaca a irmã como sendo a pessoa mais marcante na sua vida: *“em todos os motivos, foi sempre uma pessoa que nunca me abandonou... Tenho os meus pais também, mas pondo-os a eles de parte, a minha irmã foi sempre uma pessoa que me ajudou em tudo, em tudo. Ainda hoje me continua a apoiar. Quando saí do E.P. foi a primeira pessoa que me deu apoio, apoio financeiro, apoio moral, em tudo, tudo, tudo! Ainda hoje continua a ser. Qualquer coisa que eu tenha de errado ou que pense fazer alguma coisa de errado, é a ela que eu recorro”*.

Dois dos outros motivos apresentados por E1 são o grupo de pares e os vizinhos, assim como o apoio que estes lhe proporcionam. Em relação ao grupo de pares, diz que se afastou de muitas pessoas que não interessavam por estarem relacionados com o crime e a droga, destacando a boa relação e o apoio dos amigos: *“aquelas amizades que continuam no mundo da droga e alguns no mundo do crime. São amizades que, de momento, não me interessam pra nada... Nem de momento nem em longo tempo (...) Fiz muitas amizades, tenho amigos de trabalho, amigos de infância, amigos de amigos, tudo isso. E a relação que tenho é boa, é boa, é estável, muito sociável, uma boa relação... Conto até com o apoio deles!”*.

Em relação aos motivos para não delinquir, fala também no facto de ter emprego. E1 é um indivíduo que segundo as suas próprias palavras, teve sempre tendência a procurar emprego, estando atualmente empregado por referência de uma pessoa amiga.

Po último, em relação à sua vida na atualidade, diz: *“tou no bom caminho... (...) Pontos positivos é... é o que eu tenho conseguido desde que saí da cadeia. Que não é fácil sair de um E.P. ao fim de anos, praticamente dez anos de reclusão...”*, esperando *“continuar longe da droga, longe do mundo do crime, porque não leva a lado nenhum. São dois mundos que não levam a lado nenhum (...) espero continuar conforme estou. Se continuar conforme estou já é bem bom!”*.

Depois de se identificar as categorias do *explanatory style* no discurso de E1, verificou-se também que é um indivíduo que parece estar **mais envolvido no processo de desistência do**

crime. De vinte e nove expressões acerca de acontecimentos de vida positivos e negativos, vinte e uma apresentavam as dimensões que se encontram associadas a indivíduos desistentes.

Seguidamente, são apresentados exemplos destas dimensões favoráveis à desistência da delinquência, à exceção da instabilidade dos acontecimentos negativos, já que não a expressou:

Acontecimentos Positivos	
Cessação do Consumo de Drogas	Interiorização
	(...) <u>pedi transferência para o E.P. Izeda, pa Bragança... Pa não ter visitas... Pa me afastar... Tive de me afastar porque eu dentro da cadeia também tava a consumir... Também tava a consumir (...) de maneira, pra me limpar e pra não andar a pedir dinheiro aos meus pais, afastei-me (...) Tomei consciência do meu problema... (...) mas também por mim, não é?! Aquilo não � vida pa ninguém, quem andar na droga aquilo não � vida pa ninguém. Eu deixei porque tava a sofrer (...) tava dependente, tava a sofrer, (...) Então... juntei tudo e levou-me a parar, a tar quieto, a deixar de consumir drogas (...)</u>
Ter uma vida estável	Globalização
	(...) Que não � fácil sair de um E.P. ao fim de anos, praticamente dez anos de reclusão... <u>Conseguir fazer um curso na C. (local onde frequentou o curso), conseguir arranjar um emprego, ter o apoio familiar, de amigos, ter o apoio de vizinhos, ter tudo neste meio, ter tudo favorável a mim, são isso é o essencial! (...) Olhe, espero continuar conforme estou. Se continuar conforme estou já é bem bom! (...) Tento lutar no dia-a-dia, ter um bom trabalho, ter dinheiro, tar junto dos meus amigos, dos meus pais... Luto! É uma luta diária, é uma luta diária! (...)</u>
Afastamento de Pares Desviantes	Estabilidade
	(...) Perdi as amizades que não interessam, aquelas amizades que continuam no mundo da droga e alguns no mundo do crime. <u>São amizades que, de momento, não me interessam pra nada... Nem de momento nem em longo tempo.</u> Espero nunca mais voltar a esses dois mundos... (...)
Acontecimentos Negativos	
Consumo de Droga	Exteriorização
	(...) (influência do bairro de habitação) <u>Experimentou, gostou, começou e é assim que se começa... E foi muito novo, foi uma experiência, depois ter droga � porta de casa, não ter de me deslocar pra outras áreas, sair fora do bairro, ter que ir pra zonas desconhecidas, procurar a droga... não, tínhamos ali perto, vamos experimentar, experimentámos, gostámos e continuámos, começámos com o vício (...) já foi um bairro muito problemático, o bairro de A (nome do local onde habita) já foi um bairro muito problemático, muito! Muita droga, muito crime, houve muito, muito, muito. (...) Porque é um passo... Eu saía de casa, dava meia dúzia</u>

	<u>de passos e droga, dava mais meia dúzia, droga, mais meia dúzia, droga... Pra onde me virasse, pra qualquer lado onde me virasse havia droga, havia crime, havia tudo... (...)</u>
Cometimento de Crimes	Especificação <u>(...) Andava metido na droga, não tinha dinheiro, não havia trabalho na altura, não havia meios de sustentar a droga e levou-me ao crime, que era uma maneira fácil de arranjar dinheiro. Era uma maneira fácil de arranjar dinheiro e levou-me ao crime (...)</u>

Tabela 2) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E1

2.2) **Indivíduo E2**

E2 é um indivíduo de trinta e um anos de idade. Tem quatro condenações por vários crimes de roubo, furto, tráfico de menor gravidade, condução sem habilitação legal, desobediência, falsidade de depoimento e abuso de confiança.

Foi classificado pelo técnico com um **prognóstico de desistência do crime não favorável**, tendo sido assinalados como fatores gerais influentes a história criminal e os aspetos relacionados com os contextos nos quais se insere.

Como características pessoais do indivíduo que poderão dificultar o processo de desistência do crime, e por conseguinte a reincidência, são apresentados: o baixo autocontrolo, a ausência de estabilidade emocional e de capacidade de resolução de problemas, e o facto de não sentir vergonha, remorso ou arrependimento pelo passado criminal, assim como a falta de compreensão pelo sofrimento e os danos causados às vítimas dos seus atos.

Apesar de terem sido assinalados bastantes dificuldades ao nível pessoal, foi considerado pelo técnico de acompanhamento que serão os contextos que terão mais peso no prognóstico sugerido. Os fatores indicados desta dimensão foram: a situação socioeconómica, o fato de não ter emprego, o percurso laboral do indivíduo, a fraca motivação para encontrar emprego, e o ambiente social do local de residência.

Não foram sinalizados acontecimentos de vida marcantes pela negativa neste indivíduo.

Passando às narrativas de E2, em relação ao crime, este atribui o seu cometimento ao facto de ter vivido num bairro problemático, onde havia a presença desses comportamentos, assim como ao grupo de pares, mas também à motivação económica: *“eu via toda a gente a fazer, convivia lá no bairro, porque eu raramente saía fora do bairro, e só via aquilo e prontos meti-me naquilo pra ganhar mais algum dinheiro, na altura. Era criança, era pa ganhar e pra gastar em coisas que não devia... (...) Via toda a gente, os meus amigos também já usavam a sua arma, eu também ajuntei o meu dinheiro e fui comprar a minha arma também pra ter...*

pra tar igual a eles... (...) eu meti-me muito nessas coisas por ver o que os outros faziam... Eu saía de casa e estavam lá. Via que os outros tinham armas e eu também queria ter uma, e pra conseguir o dinheiro traficava (...) Eu queria comprar uma carrinha nova, na altura, e pra isso precisava de dinheiro, por exemplo”.

Para E2, estar preso foi uma fase má da vida, tendo significado “a morte. Aquilo era o cemitério dos mortos-vivos... Para mim é... Aquilo é um cemitério... É um cemitério. Aquilo pra mim é... é... como é que eu hei de explicar. Para mim é uma pessoa que tá ali morta. Tá tão longe e ao mesmo tempo tão perto! Porque tá ali, mas tá afastado de tudo, da vida. É muito complicado”.

Destaca alguns acontecimentos marcantes dentro da prisão, que chegaram inclusivamente a amedrontá-lo: “as pessoas virem das visitas com os seus sacos e serem roubados... Ficarem mesmo sem nada para comer... (...) Vi, vi várias pessoas a morrer ao meu lado, a serem esfaqueadas ao meu lado e morrerem ao meu lado... Como a gente tamos no banho e ver a água a escorrer e ver o sangue todo e ver que é de lá do fundo de um que está estilhaçado lá no fundo. Essas coisas todas... São experiências que uma pessoa não esquece. Eu senti medo, queria fugir... Eu estar lá há mais tempo, sabendo como é, e eu próprio fugi!”.

Consumiu droga, tendo começado também pelo que via no bairro e pelas companhias, retirando-lhe importância. Diz que “fui experimentando e fui vendo que aquilo realmente é um calmante... Não é nada de mais...”.

Afirma nunca mais ter-se envolvido no mundo do crime, considerando vários motivos para não fazê-lo, como ter a companheira e os filhos, ter emprego, ter mudado de bairro, a própria idade, e por influência dos serviços de reinserção social: “porque eu sei trabalhar bem, sei deixar essa vida... (...) posso dizer que por ter a minha mulher comigo as coisas já mudaram muito, porque está sempre de olho no que eu faço, não me deixa sair da linha (...) foi ter uma mulher que me tá sempre, que me tá sempre com o olho em mim e me apoia e porque agora tenho mais filhos e a vida agora também não dá pra isso (...) uma pessoa muda de ambiente. Eu agora moro num sítio mais tranquilo, já não estou todos os dias a ver as pessoas a traficar, metidas no crime... (...) E a idade, porque a idade também pesa, começa a chegar a um ponto que a idade também pesa... (...) Já não dá pra eu andar aí a fazer o que eu, o que eu fazia dantes, não é?! É a responsabilidade também... (...) E o facto de ter de vir aqui também ajuda, porque temos a condicional e não nos podemos pôr em nada!”.

Da relação com a companheira e os filhos destaca o apoio que tem por parte deles, mesmo quando esteve preso, e diz que os considera as pessoas mais marcantes da sua vida: “a

minha mulher e os meus filhos, só. São eles que são tudo para mim... Porque foram tudo pra mim desde que os conheço, desde que conheci a minha mulher, foram tudo para mim...”, destacando esta última paternidade como um acontecimento marcante, já que nunca acompanhou as gravidezes da companheira por estar preso.

Em relação à influência do acompanhamento em liberdade condicional na decisão de não cometer mais crimes afirma que *“faz-me refletir às coisas... que é pra eu não me meter em mais nada. A não a fazer o meu trabalho... (...) Pra mim é bom, é suficiente... até porque nunca mais me meti em mais nada!”*, fazendo menção à relação que tem com a técnica que o acompanha: *“ela é atenciosa, tá sempre atenta a mim... Dá-me sempre conselhos, que até é importante... O mal-encarada dela pode ser pra me chamar à atenção... que já a conheço por causa disso e ela também já me falou nisso... (...) É uma pessoa atenciosa”*.

Considera que a desistência noutras pessoas se pode dever ao apoio que tenham por parte de outros, e a própria idade.

Também diz que se voltasse ao passado, *“aproveitava a vida de outra maneira... Quando saí a primeira vez da prisão, aproveitava a vida de outra forma, como estou a fazer agora... De outra forma... Aproveitava a vida de outra forma... Eu voltava atrás e não fazia as asneiras que fazia e tinha a vida boa que tinha antes, sem voltar à vida do crime”*.

Por último, contrastando-se com outras pessoas na mesma situação que ele, diz que considera ter *“um rumo de vida (...) Porque eu ando a fazer as coisas todas bem, porque eu sei trabalhar bem, sei deixar essa vida... (...) agora eu penso muito... A mentalidade é outra, a maneira de pensar é outra... a maneira de viver é outra...”*.

Também para este caso, a análise das dimensões do *explanatory style* parece concordar com a classificação de acordo com os técnicos de acompanhamento: **prognóstico não favorável à desistência**. De vinte expressões acerca de acontecimentos de vida positivos e negativos, apenas doze apresentavam as dimensões do *explanatory style* que se encontram associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados os exemplos de cada dimensão apontada como associada a indivíduos que persistem no crime desde o discurso de E2, à exceção da especificação e instabilidade dos acontecimentos positivos, já que não as expressou:

ACONTECIMENTOS POSITIVOS	
Mudanças por Ter Relação Marital Estável	Exteriorização
	(...) E posso dizer que por ter a minha mulher comigo as coisas já mudaram muito, <u>porque está sempre de olho no que eu faço, não me deixa sair da linha</u> (...)
ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Ter Estado Preso	Interiorização
	(...) Tive lá muito tempo, <u>por coisas que fiz quando era mais novo, quando era criança... Se fosse hoje já não o fazia...</u> Foi por coisas assim, de resto... (...)
Ter Estado Preso	Globalização
	(...) <u>Senti logo que era complicado. Ainda tive muito tempo mal comigo mesmo...</u> (...) <u>Aquilo é muito complicado</u> (...)
Ter Vida Instável	Estabilidade
	(...) <u>A minha vida foi sempre, foi um bocado complicada. Desde os treze, casei-me com treze, fui pai aos catorze... fui preso com dezoito anos, já era a terceira vez que fui preso. Desta última vez cumpri sete anos</u> (...)

Tabela 3) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E2

2.3) **Indivíduo E3**

E3 tem trinta e dois anos, e tem três condenações por vários crimes de roubo, furto, tráfico de menor gravidade, condução sem habilitação legal, desobediência, falsidade de depoimento e abuso de confiança⁴⁰.

Para o técnico que o acompanha, o indivíduo tem um **prognóstico favorável à desistência da delinquência**, pela sua idade e pelos aspetos relacionados com o acompanhamento efetuado em liberdade condicional.

Ao nível das características individuais, foram apontadas oito para este prognóstico: está motivado para a mudança, tem sentido de responsabilidade, autocontrolo alto, estabilidade emocional, capacidades cognitivas e capacidade para atingir objetivos previamente definidos e para resolução de problemas. Igualmente, tem atitudes e crenças prossociais.

Ao nível dos contextos, apenas são assinalados dois: o facto de ter emprego, e a motivação e o empenho para mantê-lo.

⁴⁰ Este indivíduo foi classificado com um prognóstico favorável à desistência por parte do técnico que o acompanha. Acontece que houve um desfasamento temporal entre o preenchimento do questionário e a realização da entrevista, uma vez que não foi possível fazê-la na data inicialmente agendada. Durante este intervalo, surgiu a informação que o indivíduo tinha sido alvo de duas queixas-crime, uma por furto e outra por violência doméstica.

Por último, nos aspetos relacionados com o acompanhamento em liberdade condicional, destacam-se a relação positiva que tem com o técnico de reinserção social que o acompanha, e o cumprimento das injunções e das obrigações impostas por parte do indivíduo.

Não são assinalados acontecimentos de vida que tenham influência positiva para o prognóstico de desistência de E3.

Na narrativa do indivíduo, o que mais se destaca é a forma como descreve os seus comportamentos criminais do passado. De facto, parecia entusiasmado quando os descreveu pormenorizadamente: *“oh, eu era maluco! Não tinha noção das coisas! Pensava que tava a jogar Playstation ou alguma coisa assim parecida... Não tinha noção das coisas, a sério que não tinha... (...) Eu ia ao café e andava de Uzi (arma), à cinta. Chegava ao café, sentava-me, de Uzi (arma) à cinta, pronto. Tava lá a tomar café e às vezes era três, cinco, sete: pousava na mesa do café, era, era mesmo tipo faroeste, era um jogo da Playstation, tal e qual...”*, explicando os seus comportamentos pela influência do ambiente social do bairro onde habitava com a mãe, e pelo grupo de pares desviantes que o acompanhavam, dizendo até que todos eles foram condenados conjuntamente com ele.

De acordo com E3, a prisão, apesar de ter sido a sua fase má, pressupôs *“crescer, amadurecer, assentar os pés no chão. Porque se calhar se não tivesse ido preso, se calhar ou tava morto ou tinha matado alguém”*, acrescentando que *“doze anos e meio preso, acredite que não é pa qualquer um...”*, não querendo lembrar-se desse período.

E3 parece não sentir vergonha pelo seu passado criminal, já que diz que *“não tenho nada a esconder de ninguém... Eu não matei ninguém, não violei ninguém, por isso... Se calhar se fosse por algum desses crimes, se calhar ainda podia tentar esconder”*.

Diz que no passado não pensava, e na atualidade afirma não cometer crimes, descrevendo-se como alguém com ideias fixas desde que saiu da prisão, porque *“não quero ir preso, simplesmente isso. É, não quero ir preso (...) Simplesmente isso. E simplesmente pah, não vale a pena mesmo”*. No entanto, admite a possibilidade de voltar a cometer um crime, caso este envolvesse uma soma avultada de dinheiro, fazendo até referência a um filme no qual isso acontece, porque *“tanto levo dez ou quinze por roubar cem como por roubar dez milhões! Então ao menos sempre roubo os dez milhões”*.

Não considera que os serviços de reinserção social tenham um papel influente na hora de desistir do crime, já que não é este acompanhamento que impede os indivíduos de cometer crimes. Da mesma forma, também não realça a relação que tem com a técnica de

acompanhamento, já que “*não tenho nada a apontar contra nem a favor!*”. Espera com ansiedade que o período de acompanhamento termine “*que é pra esquecer mesmo de vez!*”.

O indivíduo parece não ter muita relação com a família, facto que é sugerido pela utilização da seguinte expressão: “*olhe, a minha família... que é que eu posso dizer? Família que eu tenho, não posso dar pa adoção...*”. Em acréscimo a esta ideia, há um aspeto que o indivíduo sugere dele próprio que parece justificar o facto de contar com apoio familiar apenas se o solicita: “*eu nunca fui de pedir muita coisa a ninguém, que eu sou de dar a volta sempre eu por cima. Tenho eu que conseguir dar a volta*”.

Em relação também à família, dá destaque às vivências de violência doméstica do pai, alcoólico, sobre a mãe: “*quando eu tinha doze, treze anos, eu não ia deixar ele bater na minha mãe, nem nada disso, não é?! Metia-me a meio... houve uma ou outra vez que eu coleí o ponteirinho e disse-lhe ‘ouve lá, não me faças perder a cabeça que eu esqueço-me que és meu pai e ponho-te a dormir...’*. Não é?! É fodido, uma pessoa chega a casa e vê a mãe a levar chapadas, uma pessoa fica, não...”

Relativamente à ex-companheira, com a qual terminou a relação há relativamente pouco tempo, apenas diz que houve “*uma grande discussão, ui!... Prontos, fisicamente não houve nada, houve uma grande discussão, ela até chamou a polícia*”.

Não considera ter ninguém marcante na sua vida: “*eu não gosto de marcas... Eu pra mim, marcas é tatuagens...*”.

Por último, E3 afirma que a sua vida está mais calma porque assim o quer, até porque “*se tivesse a mesma imagem andava aí aos tiros e às bombas e aos socos nas trombas!*”. Acrescenta ainda que a sua vida “*dava-lhe era uma enciclopédia, você não tá mesmo a ver a enciclopédia que dava!*”.

Neste caso, a análise do discurso feita através das dimensões já indicadas parece **não concordar com o prognóstico favorável à desistência do crime** apontado pelo técnico de acompanhamento. De quinze expressões acerca de acontecimentos de vida positivos e negativos, apenas nove apresentavam as dimensões do *explanatory style* que se encontram associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados exemplos de cada dimensão apontada como associada a indivíduos mais próximos de persistirem no crime desde o discurso de E3, à exceção da especificação e instabilidade dos acontecimentos positivos, já que não as expressou:

ACONTECIMENTOS POSITIVOS	
Mudanças na sua vida	Exteriorização
	(...) <u>Olhe, crescer, amadurecer, assentar os pés no chão. Porque se calhar se não tivesse ido preso, se calhar ou tava morto ou tinha matado alguém</u> (...)
ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Ter Deixado a Escola	Interiorização
	(...) <u>Na altura a escola pra mim era uma chacha... aquilo era tudo uma chacha... Nós andávamos lá, só por andar lá! Andávamos lá só pra galar as raparigas, que era essa a realidade! Não andávamos lá a fazer nada! Nós não íamos às aulas, não íamos a lado nenhum. Pra quê que andávamos lá a fazer?! É a realidade Dra.! Oh, andávamos lá Dra., na altura andávamos às miúdas, a fumar, depois eram as raparigas e não sei quê! Éramos os maiores e prontos... era assim!</u> (...)
Ter Estado Preso	Globalização
	(...) <u>Olhe a pior delas todas foi tar doze anos e meio preso</u> (...) <u>se tava preso tava mal</u> (...) <u>Olhe, marcaram! Dia dezanove de Fevereiro de 2002, o dia que fui preso</u> (...) <u>Quando eu entrei estava triste</u> (...)
Fraca Relação com a Família	Estabilidade
	(...) <u>Humm... Ah! Olhe, a minha família... que é que eu posso dizer? Família que eu tenho, não posso dar pa adoção... Ahah...</u> (...)

Tabela 4) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E3

2.4) **Indivíduo E4**

E4 tem vinte e oito anos de idade e tem quatro condenações por crimes de furto, roubo, recetação e condução sem habilitação legal. No seu *dossier* consta que continua a ter comportamentos desviantes: apesar de não ser um crime, E4 foi multado por viajar em transportes públicos sem título de transporte.

O técnico que o acompanha no seu período de liberdade condicional considerou que tem um **prognóstico não favorável à desistência**, por fatores relacionados com as suas características pessoais e com os aspetos contextuais nos quais se insere.

Ao nível das características pessoais do indivíduo, considerou-se que não está motivado para a mudança e que não tem sentido de responsabilidade. Para além disso, não adota papéis socialmente aceites, nem tem atitudes e crenças prossociais.

Em relação aos contextos de inserção, são indicados como fatores que contribuem para o prognóstico não favorável à desistência o apoio familiar, a situação socioeconómica do indivíduo, o seu percurso laboral e a falta de motivação, e empenho para encontrar emprego.

Também neste caso não são apontados acontecimentos de vida negativos que influenciem o prognóstico em causa.

Já em relação às narrativas do próprio indivíduo, este considera o período de reclusão como a pior fase da sua vida, tendo sido um desperdício de tempo, uma vez que *“atrasa a maior parte da vida de uma pessoa aquilo”*. No primeiro dia na prisão sentiu-se *“assustado, não sabia o que é que ia-me acontecer”*.

É importante realçar a revolta de E3, porque considera que a última reclusão devia ter acontecido no momento em que cometeu os crimes, *“em vez de me mandar quando me deviam mandar, não... mandaram-me quando eu tava a seguir a minha vida normal”*. No entanto tem consciência dos seus atos: *“tá certo que devia pagar pelos meus erros”*.

Acredita que o facto de ter estado preso é um elemento estigmatizador: *“é difícil... Trabalhar aqui, já teve preso... (...) Mas é um bocado complicado...”*, tendo vivido alguma que outra experiência.

Atribui ao bairro onde habitava e aos problemas sociais presentes, e à companhia de pares desviantes, conjuntamente aos problemas familiares, nomeadamente situações de violência, a explicação do cometimento de crimes. Para além disso, acrescenta o fator idade: *“eu fiz essas coisas, essas pequeninas coisas porque era criança e tinha pouco, tinha muitas dificuldades de vida... Não sabia pa onde me virar, nem pa onde me desenrascar”*.

E4 não parece ter um percurso laboral pautado pela estabilidade, já que fez referência a vários despedimentos, *“era por chegar tarde ou era por faltas, ou era por... sei lá... era por essas coisas, pequenos pormenores”*.

Em relação à família, considera que tem apoio, destacando-se o facto de um irmão estar preso na atualidade: *“são sempre dispostos a ajudar. Sempre preocupados, se uma pessoa tá bem, se tá mal... Tão sempre dispostos para tudo”*.

Tem a perceção a imagem sobre si próprio se alterou com o tempo, uma vez que está *“mais maduro um bocado, um bocadinho. Nem se compara ao que era antes ao que sou agora. Eu também fui sempre a mesma pessoa, não é?! É mais é o raciocínio (...) As pessoas envelhecem”*, refletindo-se na imagem que os outros têm dele: *“eu acho que a maior parte que eles pensam de mim, olha, eu acho que eles olham como eu tou a melhorar o sistema de vida, como eu tou a lutar pelas coisas”*.

Por último, em relação ao posicionamento face ao cometimento de crimes, diz que *“desde o momento que eu saí é que eu meti na cabeça que tinha de melhorar as coisas, de resto... E a minha mãe e tudo não merecem passar as coisas que uma pessoa fez. Tá a*

entender?! Tento melhorar um pouco o sistema de vida (...) pa não magoar aqueles que mais gostam de nós.”. No entanto, admite a possibilidade de reincidência em caso de necessidade da família.

Mais uma vez, a posição do técnico em relação ao **prognóstico não favorável** deste indivíduo e a análise das dimensões do *explanatory style* são concordantes. De quinze expressões acerca de acontecimentos de vida, apenas nove apresentavam as dimensões associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados exemplos de cada dimensão apontada como associada a indivíduos mais próximos de persistirem no crime desde o discurso de E4, à exceção da instabilidade dos acontecimentos positivos, já que não as expressou:

ACONTECIMENTOS POSITIVOS	
Ter Fase Boa	Exteriorização
	(...) <u>a minha fase boa foi ter aprendido boas... tipo, boas áreas, ter tipo formações... profissionais... (...) e fui aprendendo com a vida. Tive jardinagem... Foi o que foi-me dando a vida... fui aprendendo, fui aproveitando... (...)</u>
Ter Fase Boa	Especificação
	(...) <u>a minha fase boa foi ter aprendido boas... tipo, boas áreas, ter tipo formações... profissionais... (...)</u>
ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Cometimento de Crimes	Interiorização
	(...) <u>só queria fazer essas coisas malucas e pronto... alinhava em tudo (...)</u>
Ter Estado Preso	Globalização
	(...) <u>a minha fase má foi ter ido preso (...)</u> Olha, só foi um bom desperdício de tempo, olhe... <u>foi uma péssima experiência</u> . De resto, eu não sei que quer que lhe diga. <u>Atrasa a maior parte da vida de uma pessoa aquilo (...)</u> <u>Uma pessoa quer é seguir pra frente, recuperar as coisas... mas nunca consigo, aqueles anos nunca consigo recuperá-los (...)</u> <u>É difícil... Trabalhar aqui, já teve preso... (...)</u>
Ter Estado Preso	Estabilidade
	(...) Olha, só foi um bom desperdício de tempo, olhe... <u>foi uma péssima experiência</u> . De resto, eu não sei que quer que lhe diga. <u>Atrasa a maior parte da vida de uma pessoa aquilo (...)</u> <u>Uma pessoa quer é seguir pra frente, recuperar as coisas... mas nunca consigo, aqueles anos nunca consigo recuperá-los (...)</u>

Tabela 5) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E4

2.5) Indivíduo E5

E5 tem vinte e cinco anos de idade e possui no seu registo criminal três condenações por crimes de tráfico de estupefacientes, furto, ofensa à integridade física e roubo.

Tem um **prognóstico de desistência favorável**, de acordo com a perspectiva técnica, uma vez que são assinalados quase todos os fatores do questionário como positivos. Todos os fatores ao nível geral tiveram a mesma influência para prognóstico favorável de desistência, já que todos foram assinalados com um três na escala que varia entre o um e o quatro, correspondendo o quatro ao ‘muito importante’.

Ao nível das características pessoais, apenas um fator é considerado não favorável. De resto: está motivado para a mudança, tem sentido de responsabilidade, estabilidade emocional, tem capacidades cognitivas, capacidades para atingir objetivos previamente definidos, capacidade para resolução de problemas, sente vergonha e remorso ou arrependimento pelo passado criminal, e compreende o sofrimento e os danos causados às vítimas pelos seus atos. Também é assinalado o fato de adotar papéis socialmente aceites e ter crenças e atitudes prossociais.

Relativamente aos fatores dos contextos de inserção, é assinalado que E5 tem apoio familiar e cumpre com as suas obrigações familiares, conta com o apoio de pares quer prossociais quer antissociais, tem uma situação económica favorável, tem emprego e motivação para mantê-lo, e está envolvido em atividades de lazer e recreação prossociais.

Passando para os aspetos relacionados com o acompanhamento em liberdade condicional, parece que têm influência neste prognóstico a intensidade do acompanhamento e o cumprimento das obrigações e injunções por parte do indivíduo.

Como acontecimentos de vida marcantes e com possível influência para o processo de desistência são assinalados o facto de ter uma relação sentimental estável, a paternidade e o facto de estar a frequentar um curso de formação profissional.

Durante todo o discurso do indivíduo foi perceptível a importância atribuída por este à companheira e à filha: *“tenho mulher e uma filha. Foi o que me ajudou na vida (...) a dimensão familiar é a minha vida”*. Destaca-as como pessoas marcantes na sua vida.

O indivíduo atribui ainda importância à paternidade: *“o mais marcante foi mesmo o nascimento da minha filha! (...) é o ter mais uma pessoa a quem eu posso dar meu braço... De resto... Veio por mim, não é?! Veio porque eu fiz, porque eu quis”*.

Em relação à companheira, o indivíduo realça a importância desta na decisão de levar uma vida normativa, porque *“só o facto de ela me ter posto no caminho bom, num caminho novo, já diz tudo...”*.

O indivíduo distingue dois aspetos que implicaram alguma mudança na sua vida: *“o ter estado na prisão ajudou-me a perceber melhor o mundo, entender melhor as coisas... Mais a minha filha quando nasceu, ainda ajudou-me mais ela nascer...”*.

Em contraposição, faz referência à morte da mãe, e ao afastamento e desinteresse do pai, como algo negativo, sendo que *“foi nesse fase que eu também me meti onde não me devia meter”*. Acrescenta outras explicações para o cometimento de crimes, como o facto de se tratar de uma forma de ganhar dinheiro fácil, os pares antissociais, a falta de maturidade, e a falta de apoio, caracterizando o seu percurso criminal como *“um ciclo vicioso que se foi tornando. E agravando”*. As mesmas atribuições são indicadas para ter desistido da escola, com quinze anos.

Também atribui ao grupo de pares o início do consumo de drogas, assim como, mais uma vez, foi a filha que o fez cessar com o consumo, assim como a sua própria força de vontade: *“lá vou eu bater outra vez na mesma tecla... ahah... A minha filha, lógico... (...) foi com a minha força de vontade”*.

Quando foi preso, diz que sentiu *“receio... do que ia enfrentar, não é?! Raiva...”*, mas também tristeza por não poder ver a filha nascer, destacando como marcante *“quando fui julgado, quando foi a sentença”*.

Também E5 fala em dificuldades em arranjar emprego por ter estado preso, não tendo referido experiências particulares. No entanto, em relação a este aspeto diz que *“as pessoas têm o erro de julgar as pessoas pela aparência... Julgar, julgam as pessoas por fora e não por dentro. E às vezes esbarram-se”*. Em relação ao percurso laboral apenas diz que *“o meu único trabalho foi o tráfico”*, tendo depois retificado, falando num trabalho como empregado de balcão.

Em relação à família, referiu que tem uma irmã, cuja relação considera que *“podia ser melhor, mas... se eu não tivesse feito o que fiz”*.

Do grupo de pares apenas destaca *“um amigo também que posso dizer que é o meu braço direito (...) éramos os dois chavalos, tavamos os dois a aprender da vida...”*, considerando-o também como uma pessoa marcante na sua vida. De resto, em relação aos amigos diz que *“tenho poucos, mas tenho bons”*.

Relativamente ao cometimento de crimes diz que “*dessa água não penso beber mais*”, sendo que em condenações anteriores não pensou nisso, “*porque não houve iniciativas, não é, para isso...*”. Como já foi referido, está motivado a não cometer mais crimes por causa da companheira e da filha, mas realça também “*a força de vontade, se uma pessoa não tiver força de vontade, não faz aquilo que quer*”, e o receio de voltar para a prisão.

Considera que a desistência em terceiros é motivada pelo tempo perdido na prisão e por terem alguém ao lado que os apoie.

Contrapõe a imagem social à imagem desviante: “*embora os crimes que eu fiz, embora entre aspas as merdas que eu fiz, fui sempre muito respeitador com todas as pessoas... Independentemente de quem elas sejam, foi sempre assim*”.

Diz também que desde que iniciou a liberdade condicional evoluiu, “*acho que evolui sempre todos os dias desde que comecei... Pelo menos tento evoluir... (...) Ser uma pessoa melhor, ser uma pessoa responsável*”. Para além disso, “*Tento ser um bom pai e um bom chefe de família. Fazer tudo o que posso...*”.

Acha que desde a perspectiva dos outros é “*um rapaz muito stressado, não é?! Divertido... Respeitador... Intencioso... (...) teimoso, resmungão*”.

Por último, realça como frase marcante: “*uma pessoa para dar dois passos para a frente tem de dar um pra trás...*” porque “*foi isso que aprendi muitas vezes... (...) Porque por muito que a vida seja muito direta, eu tento dar a volta, não é?! Por muito que haja caminhos mais fáceis mas que prejudiquem, há sempre outra forma...*”.

Igualmente, acerca deste **prognóstico favorável**, a posição do técnico e a análise do discurso do indivíduo são concordantes. De vinte e cinco expressões acerca de acontecimentos, dezassete apresentavam as dimensões do *explanatory style* que se encontram associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados exemplos dessas dimensões, desde o discurso de E5, à exceção da instabilidade dos acontecimentos negativos, já que não a expressou:

ACONTECIMENTOS POSITIVOS	
Paternidade	Interiorização
	(...) <u>O mais marcante foi mesmo o nascimento da minha filha! Porquê?! Quem tem filhos, sabe, não é?! Como é que eu vou explicar... Como é que eu vou explicar... É o ter mais uma pessoa a quem eu posso dar meu braço... De resto... Veio por mim, não é?! Veio porque eu fiz, porque eu quis. Não sei... (...)</u>

Paternidade	Globalização
	(...) <u>ajudou-me a perceber melhor o mundo, entender melhor as coisas... (...) Mais a minha filha quando nasceu, ainda ajudou-me mais ela nascer... (...)</u>
Ter Estado Preso	Estabilidade
	(...) <u>O ter estado na prisão ajudou-me a perceber melhor o mundo, entender melhor as coisas... (...)</u>
ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Cometimento de Crimes	Exteriorização
	(...) <u>isto tinha eu quinze anos e fui surpreendido pela PSP por causa um furto de uma carteira. Isso eram as companhias... os amigos... (...) O que se passou... O que é que se passou... Dinheiro fácil, não é?! Iludir-se... Também não tinha ninguém que me apoiasse, não é?! Alguém que me endireitasse e me ajudasse... Companhias também muito... (...) pelo facto da minha mãe ter morrido muito cedo (...) Eu morava com o meu pai, mas sem relação. Aparecia de vez em quando a casa, quando queria... mas também não se importava (...) Só que pronto, a companhia dos amigos e também um bocado as coisas que aconteceram não ajudaram muito, não é?! Levou a que eu desistisse da escola e eu procurasse outros caminhos... E também com, tinha falta de dinheiro, também tinha incentivo aí... (...) por causa das coisas que passei durante a vida, não é (...) Talvez falta de um bocado de atenção... quando era mais puto, de amor e carinho. Falta de aprendizagem... Falta de alguma coisa ou de muita, neste caso (...)</u>
Cometimento de Crimes	Especificação
	(...) Levou a que eu desistisse da escola e eu procurasse outros caminhos... E também com, <u>tinha falta de dinheiro, também tinha incentivo aí... (...)</u>

Tabela 6) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E5

2.6) **Indivíduo E6**

E6 tem quarenta e seis anos de idade e tem três condenações por crimes de detenção ilegal de arma, tráfico de menor gravidade e falsificação de documentos.

Foi considerado que o indivíduo tem um **prognóstico não favorável à desistência do crime**, sendo que os fatores mais influentes foram: a idade, a história criminal, as características pessoais deste, os aspetos relacionados, e os contextos nos quais se insere.

Segundo a consideração do técnico, E6 apresenta todos os fatores pessoais presentes no questionário como não favoráveis à desistência. Por isso, é um indivíduo que não está motivado para a mudança, não tem sentido de responsabilidade, nem tem estabilidade emocional. Para

além disso, parece ter baixo autocontrolo, assim como fracas capacidades cognitivas, e a ausência de capacidade para atingir objetivos previamente definidos e para a resolução de problemas. Também não sente vergonha, remorso ou arrependimento pelo seu passado criminal, nem compreende o sofrimento e os danos que causou às vítimas dos seus comportamentos. Por fim, não adota papéis socialmente aceites, nem tem atitudes e crenças prossociais.

Ao nível dos contextos, parecem ser o apoio de pares antissociais, o seu percurso laboral, e a fraca motivação e empenho para manter o seu emprego, os fatores mais influentes para o prognóstico apresentado.

Mais uma vez, não são assinalados acontecimentos de vida relevantes para o prognóstico.

Relativamente às narrativas, o indivíduo começa por destacar na sua fase positiva, quando considerava que *“tinha uma vida estável”*, o nascimento da filha, contrapondo com fases más *“que me levaram à cadeia”*. Em relação a fases más da sua vida, realça o tempo na prisão, sendo o próprio facto de ter estado lá um acontecimento marcante: *“Olhe, o que me marcou foi a cadeia...”*.

Explica que o cometimento de crimes se deveu principalmente a dificuldades derivadas de negócios mal-sucedidos e ao desemprego, conjuntamente com o envolvimento com pares desviantes: *“porque tinha lá alguns clientes que não pagaram e depois por influência de outras pessoas meti-me em coisas que não me devia ter metido e fui pa cadeia”*. Classifica estes momentos como *“momentos também de aflição”*.

Explicou que dentro da prisão se desviou de certas pessoas e comportamentos, *“pessoas com maus instintos, que tão sempre a magiar que é que hão-de fazer, como... olhe, deixa ver se este entra pos esquemas lá dentro... Foi uma coisa que eu sempre me desviei”*. O facto de ter estado preso, para E6 *“é uma lição de vida”*.

Quando saiu em liberdade, diz que *“parece que nos sai um peso das costas! Parece que o ar não é o mesmo, que é mesmo assim! São ambientes diferentes!”*.

Consumiu droga, desvalorizando a experiência: *“aquilo não era vício na altura, fumava, às vezes fumava, não era nada de importante”*.

Atualmente E6 tem uma relação marital estável, até porque se não o fosse, *“a minha esposa não tinha estado cinco anos a ir pa cadeia!”*. Em relação à família em geral, o indivíduo afirma que *“sinto-me apoiado, não me viraram as costas”*. Considera inclusivamente que a família são os únicos amigos que tem. Quando esteve preso, os familiares falavam com ele e

“ninguém achava piada à situação, era uma situação complicada. Prontos, e às vezes falávamos, que não tinha necessidade nenhuma de ter feito o que fiz... eh pah, aquelas coisas...”, contando sempre com o seu apoio.

Justifica o facto de afirmar que não tem amigos com a expressão: “os amigos se vêem na cadeia e nos hospitais. Duas pessoas ou três foram visitar-me, mas posso contar pelos dedos as vezes que lá foram”.

Em relação à imagem que tem de si próprio, diz apenas que continua “a encarar as coisas da mesma maneira... pronto, tenho que encarar as coisas de frente”.

Em condenações anteriores pensa que as circunstâncias de vida eram outras, “era novo, e prontos, via as coisas de outra maneira (...) era aquela coisa de... sei lá... a ilusão” e que “não refleti bem as coisas quando me meti nas coisas”. Atualmente afirma relativamente ao cometimento de crimes que “depois de passar por esta experiência, não quero experimentar outra vez. Não é bom.”. E6 resume muito facilmente os motivos que encontra para não voltar a delinquir, “gostar de mim mesmo, gostar da minha família, eee... não quero andar o resto da minha vida, andar a correr pa tribunais e essas coisas todas...”.

Por último, em relação ao seu percuso até à atualidade, considera “que tamos no bom, no bom caminho...”.

A classificação obtida através da análise do discurso classifica E6 como um **indivíduo mais envolvido no processo de desistência**. De vinte e uma expressões acerca de acontecimentos de vida positivos e negativos, dezasseis apresentavam as dimensões que se encontram associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados exemplos de cada dimensão apontada aos indivíduos mais próximos de desistirem do crime desde o discurso de E6, à exceção da instabilidade dos acontecimentos negativos, já que não a expressou:

ACONTECIMENTOS POSITIVOS	
Cessação do Consumo de Droga	Interiorização
	(...) Só que aquilo... Oh, tou eu aqui a fumar isto, e <u>deixei</u> (...) <u>Não me disse nada aquilo. Sinceramente... Já foi há muito tempo., deixei mesmo, não vou fumar mais e não fumei</u> (...) <u>Cheguei à conclusão que não me dizia nada...</u> (...)
Saír em Liberdade	Globalização
	(...) <u>agora o sentimento desde que se sai daquele portão pra fora, parece que nos sai um peso das costas! Parece que o ar não é o mesmo, que é mesmo assim! São ambientes diferentes!</u> (...)

Ter Boa Relação com a Filha	Estabilidade
	(...) <u>Com a minha filha?! É boa!</u> Por acaso hoje até vai jantar lá a casa... (...) Coiso, não... eu mesmo quando me divorciei nunca houve aquela coisa de agora vais ficar, a menina vai passar o fim-de-semana, não... Fui sempre uma pessoa que nunca quis confusões... Ia busca-la, quando queria vir, vinha, quando não queria, não vinha... (...)
ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Cometimento de Crimes	Exteriorização
	(...) Prontos, eu trabalhei com o meu pai e depois estabeleci-me e depois <u>as coisas não correram muito bem porque tinha lá alguns clientes que não pagaram e depois por influência de outras pessoas meti-me em coisas que não me devia ter metido</u> e fui pa cadeia (...) <u>as coisas descambaram</u> (...) <u>E apareceu-me uma pessoa</u> (...) <u>E depois é aquela situação das pessoas, as pessoas falam... e um gajo depois, vai, vai, vai... e quando dá por ela tá metido no barulho...</u> (...)
Cometimento de Crimes	Especificação
	(...) <u>Foi uma situação má da vida... Foi quando eu levei a primeira escaldadela de um cliente. Foram três mil e seiscentos contos e eu...</u> <u>fiquei a abanar. Tinha contas pa pagar, prontos. E apareceu-me uma pessoa que eu com a necessidade e coiso, meti-me nisso</u> (...) <u>Andava a precisar de dinheiro. É assim, eu depois de sair da cadeia andei a trabalhar e depois as coisas também não correram muito bem...</u> <u>depois nessa altura quando foi isso, andava desempregado, não é?! E pronto...</u> (...) <u>Só que foi também um momento também de aflição que eu tinha coisas pa resolver e prontos... e meti-me nesse negócio. É assim, eu perdi muito dinheiro eee...</u> (...)

Tabela 7) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E6

2.7) **Indivíduo E7**

E7 tem sessenta e três anos de idade, tendo duas condenações por crimes de tráfico de estupefacientes e detenção de arma proibida.

Para o **prognóstico não favorável à desistência** de E7 contribuíram, principalmente, os fatores gerais da idade, a história criminal, as características pessoais do indivíduo e os aspetos relacionados com os contextos de inserção.

São apontados poucos fatores: ao nível das características pessoais, E7 é considerado um indivíduo que não está motivado para a mudança, não sente vergonha, remorso ou arrependimento pelo seu passado criminal, e não compreende o sofrimento e os danos que causou nas vítimas dos seus comportamentos criminais; já em relação aos contextos, apenas é indicado o apoio dos pares antissociais.

Também não se indicaram acontecimentos de vida relevantes para o prognóstico.

Na sua narrativa, E7 apenas destacou uma fase na sua vida, classificando-a como negativa, correspondendo ao período atual: *“atualmente até estou a passar uma fase muito má... Não é?! Porque fui operado ao coração. Eeee, e ando com problemas. É a fase que eu tenho da minha vida”*. As suas rotinas são muito afetadas por este problema.

Explica o cometimento de crimes por ter precisado de dinheiro: *“a vida, a vida não sorria e uma pessoa que quer quer dinheiro ee... meti-me nisso”*.

A prisão teve um papel bastante negativo no percurso do indivíduo, já que pressupôs a perda em várias dimensões da sua vida. De acordo com as suas palavras, *“pra mim significou muita coisa... Perdi muita coisa... (...) Na altura eu tinha uma fábrica grande e tive de a pôr mais pequena, tive que a fechar... E perdi muita coisa”*.

Quando esteve preso, contou com o apoio da companheira e da mãe, sendo que esta última se mostrou um pouco sentida: *“a minha mãe, a minha mãe não interpreta muito bem a situação (...) Porque chegou-me a dizer ‘oh pah tu tinhas tudo pra ser feliz e não precisavas de te meter nisto...’”*.

Relativamente ao sistema prisional, E7 encontrou diferenças entre condenações: *“primeira vez quando eu estive o sistema era mais, mais compreensivo, mais brando... A primeira vez que estive... E agora a segunda vez notei mais repressão, mais... (...) É uma perceção, uma regra geral”*.

É da opinião que o acompanhamento em liberdade condicional podia ser mais útil em muitos aspetos, não tendo especificado quais: *“porque a gente sai e, e eles praticamente não querem saber de nada. Só, só perguntam qual é a sua vida, o que é que você faz, o que não faz (...) Há muita coisa que podiam fazer!”*.

Considera que a relação marital que mantém há quarenta e três anos *“é uma relação maravilhosa”*.

E7 disse que em condenações anteriores pensou não voltar a delinquir, mas aconteceram *“altos e baixos”*. A sua posição face ao cometimento de crimes na atualidade é muito vinculada: *“não vou cometer mais crime nenhum. Isso é seguro. Porque entendo que não devo voltar a fazer mais, mais asneiras. É só isso que tenho a dizer”*. Aponta como motivos a idade, e o facto de se *“uma pessoa faz qualquer coisa e depois tá sujeito a ir preso, portanto é preferível não fazer nada”*.

Neste caso, os prognósticos obtidos através das duas análises são concordantes: E7 tem um **prognóstico não favorável à desistência**. De doze expressões acerca de acontecimentos

de vida, apenas seis apresentavam as dimensões do *explanatory style* que se encontram associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados exemplos de cada dimensão associada a indivíduos mais próximos de persistirem no crime desde o discurso de E7 em relação aos acontecimentos de vida negativos, já que não expressou essas dimensões relativamente a acontecimentos positivos:

ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Cometimento de Crimes	Interiorização
	(...) <u>Uma pessoa, uma uma pessoa quer ganhar dinheiro (...) uma pessoa que quer quer dinheiro ee... meti-me nisso. Não sei explicar (...)</u>
Ter Estado Preso	Globalização
	(...) <u>Pra mim significou muita coisa... Perdi muita coisa... (...) Perdi... Na altura eu tinha uma fábrica grande e tive de a pôr mais pequena, tive que a fechar... E perdi muita coisa. A outra fábrica, a que tenho atualmente continuou a trabalhar, ficou a minha esposa responsável... (...)</u>
Ter Problemas de Saúde	Estabilidade
	(...) eu trabalho com a minha esposa, <u>embora eu não faça muito porque eu também não posso, porque fui operado ao coração, depois que sai do, depois que sai do estabelecimento prisional. Fui operado ao coração eee tenho andado a lutar contra, contra... contra a situação, não é?! (...) Atualmente até estou a passar uma fase muito má... Não é?! Porque fui operado ao coração. Eeee, e ando com problemas (...)</u> <u>É uma fase má, não é monetária, é problemas... Problemas de saúde, que é pouca, não é?! Fui operado ao coração, por aí começou. E sinto-me, sinto-me muito em baixo... Sinto-me debilitado, não me sinto a cem por cento. E é, é o que eu sinto (...)</u>

Tabela 8) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E7

2.8) Indivíduo E8

E8 tem trinta e sete anos de idade, e constam no seu registo criminal três condenações por crimes de roubo, furto, sequestro, ofensa à integridade física agravada pelo resultado e maus-tratos a cônjuge.

De acordo com a consideração técnica, a idade, a história criminal, as características pessoais e os aspetos relacionados com os contextos de inserção, foram os fatores gerais mais importantes na classificação de **prognóstico favorável à desistência**.

Das características pessoais, foram assinaladas a motivação para a mudança, a estabilidade emocional, o facto de sentir remorso ou arrependimento pelo passado criminal e a compreensão pelo sofrimento e pelos danos causados às vítimas dos seus comportamentos criminais. Também adota papéis normativos etem atitudes e crenças prossociais.

Dos fatores relacionados com aspetos dos contextos de inserção do indivíduo presentes no questionário, destacaram-se o apoio familiar, o cumprimento com as obrigações familiares e o facto de ter uma situação económica favorável, tendo sido os restantes fatores considerados irrelevantes para o prognóstico em causa.

Nos aspetos relacionados com o acompanhamento por liberdade condicional, foram assinalados a relação com o técnico de reinserção social que o acompanha, e o cumprimento com as obrigações e injunções impostas.

Relativamente aos acontecimentos de vida marcantes, o facto de ter uma relação sentimental estável parece ter influência no processo de desistência. Apesar de ter sido assinalada a mudança de residência, esta não releva para o prognóstico.

O indivíduo conota o período de reclusão como uma fase negativa: *“olhe, ter estado preso é uma das fases... Mais não tenho, foi essa! Portei-me mal, fui preso! (...) A prisão foi o que mais me marcou em toda a vida”*. Por contraste, classifica como positiva a fase que vive na atualidade, desde que saiu em liberdade.

E8 considera que cometeu os crimes porque *“na altura não tinha cabeça... (...) Não pensava em nada...”*, tendo sido influenciado também pelo grupo de pares.

Tem a convicção de que *“hoje em dia qualquer pessoa pode ir pa cadeia, não é?! Tá-se bem... Ou por necessidade, ou por outra coisa, qualquer pessoa pode ir lá parar”*.

Revelou que quando entrou na prisão, *“pensei em matar-me... Foi uma sensação horrível, estar ali fechado, sem estar habituado, porque era a primeira vez... Até pensei em matar-me...”*. Diz que *“não há mesmo palavras que expliquem o que se passa e uma pessoa se sente lá dentro, é muito complicado...”*, destacando como acontecimentos marcantes ver *“pessoas a morrerem, vi de tudo... (...) a gente vir do ginásio ou de jogar à bola e chegar à cela e ver uma pessoa enforcada... (...) Porrada...”*. Para E8 estar preso *“deu cabo da minha vida! Perdi tudo! Tudo, tudo! Sinto que já não sou a pessoa que era, ganhei medo e por isso não quero lá voltar! Foi perder tempo na vida e perder o tempo que podia estar cá fora...”*.

Do acompanhamento em liberdade condicional, destaca a relação positiva com a técnica: *“excelente! Não tenho razão de queixa... (...) Dá-me bons conselhos, e tenta que eu*

ande sempre na linha a dar-me conselhos... (...) o que não devo fazer...”. O acompanhamento por si próprio “relembra-me do passado e porque é que cá estou”.

E8 também vivenciou o estigma por ter estado preso na hora de encontrar trabalho: “já fui discriminado! Já... Pelo meu registo criminal já me tiraram de ter o emprego...”.

Quando esteve preso beneficiou do apoio da atual companheira, cuja relação é pautada pelo respeito, assim como da restante família. No entanto, a própria família alertou o indivíduo: “’olha que se voltares, acabou... não há cá visitas não há nada! Acabou!’”.

A dimensão familiar parece ser muito importante para E8: “pra mim é tudo! Tudo. Tudo. Sem família não vamos a lado nenhum”, destacando a família em geral como pessoas marcantes na sua vida.

A sua posição face ao crime é veemente: “prefiro morrer que tar preso”, encontrando simplesmente no tempo que esteve preso o motivo para não delinquir.

Por último, E8 classifica a sua vida como “uma vida de sofrimento”.

Também neste caso o prognóstico apontado pelo técnico e o que sugere a análise de discurso através do *explanatory style* são concordantes: **prognóstico favorável à desistência da delinquência**. De doze expressões acerca de acontecimentos de vida, nove apresentavam as dimensões associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados exemplos de cada dimensão apontada como associada a indivíduos mais próximos de desistirem do crime desde o discurso de E8, à exceção da instabilidade dos acontecimentos negativos, já que não a expressou:

ACONTECIMENTOS POSITIVOS	
Não Cometimento de Crimes	Interiorização
	(...) Nada, não quero. Acabou... O que vivi já me chegou. Tive lá muito tempo, as experiências são muito más, nada compensa a liberdade... Eu só quero é esquecer isso tudo (...) Razões, olhe... Eu não quero nada disso, acabou! Eu é que sei o que passei! Eu não quero voltar a cometer crimes porque não quero voltar à prisão, pela experiência que lá tive! É isso mesmo... É um sofrimento muito grande que só as pessoas que lá estiveram entendem... (...) Olhe, ganhei medo... é só... Não quero voltar lá pa dentro... (...)
Ter Boa Relação com a Família	Globalização
	(...) Felizmente tenho o apoio de toda a gente que me rodeia, dos meus... Nunca me falharam (...) Pra mim é tudo! Tudo. Tudo. Sem família não vamos a lado nenhum. Mesmo lá dentro! Sem visitas, sem nada... é complicado! É muito complicado! A minha família é que me ajudou bastante neste processo... deram-me tudo! (...)

Ter Relação Marital Estável	Estabilidade
	(...) <u>Eu neste momento moro com a minha companheira (...) Já estava, já! Sempre me apoiou, mesmo estando preso! É uma relação excelente, simplesmente... (...)</u>
ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Cometimento de Crimes	Exteriorização
	(...) <u>faz aquilo que vê, porque era o que via lá no bairro... (...) Isso era antigamente, era miúdo... Não é?! Jogávamos à bola, andar de bicicleta, isto... (...) e depois quando dei por ela tava algemado! E foi assim, numa brincadeira, não é?! (...)</u>
Ter uma Fase Má	Especificação
	(...) <u>Diferentes?! Olhe, ter estado preso é uma das fases... Mais não tenho, foi essa! Portei-me mal, fui preso! (...) É só isso! Foi uma fase difícil, não desejo a ninguém! Não desejo a ninguém, vê-se coisas muito desagradáveis lá dentro... (...)</u>

Tabela 9) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E8

2.9) Indivíduo E9

E9 tem cinquenta e cinco anos de idade. Constam no seu registo criminal três condenações por crimes de tráfico de droga, detenção de arma proibida e usurpação. O seu percurso criminal foi muito pautado pelo consumo de drogas, adição que superou há cerca de vinte anos.

Para o **prognóstico favorável** de E9, contribuíram com a mesma importância todos os fatores gerais apresentados no questionário.

Nos fatores pessoais, foram assinalados o facto de ter motivação para a mudança e sentido de responsabilidade, ter estabilidade emocional, e ter capacidade para a resolução de problemas. Para além disso, é indicado que sente vergonha pelo seu passado criminal, assim como remorso ou arrependimento, e compreende o sofrimento e os danos causados às vítimas pelos seus atos. Para além disso, é considerado que adota papéis socialmente aceites e tem atitudes e crenças prossociais.

Ao nível dos contextos, indicam-se o apoio familiar e o cumprimento das obrigações familiares, e o facto de ser apoiado por pares prossociais. Também têm relevância para o prognóstico em causa a sua situação económica, o seu percurso laboral, e a motivação e empenho para encontrar emprego.

Em relação aos aspetos relacionados com a liberdade condicional, todos são assinalados como favoráveis para o prognóstico de desistência: a relação com o técnico de acompanhamento, a intensidade deste, e o cumprimento das injunções e obrigações impostas.

O facto de ter uma relação marital estável e a paternidade são assinalados também como influentes para a favorabilidade do prognóstico.

No início da sua narrativa, E9 começou por identificar uma fase positiva da sua vida até ao momento no qual enveredou pelo crime. Destaca a importância de ter estado numa mesa de voto numas eleições, *“que já daí pode ver qual é a minha carreira até aí... de ser humano, de um ser estável, amigo do amigo, trabalhador... Trabalhei sempre...”*. Como acontecimentos de vida marcantes nesta fase destaca o aumento da família: *“o nascimento dos meus filhos, que é a coisa mais preciosa que Deus me deu... Os meus netos, as minhas noras, porque é sempre mais um membro que entra para a família... É os, os momentos mais marcantes, é ver a família crescer”*. A partir de 1995, a vida de E9 sofreu um giro: *“a minha vida aí teve uma mudança total! Uma mudança total porque o estilo de vida mudou, porque as coisas mudaram e eu tive que fazer certas e determinadas coisas que não devia ter feito! E por isso, fui preso”*.

Explica que cometeu os crimes *“por necessitar (...) Já vem de trás, quando saí, tentei-me orientar mas não consegui... Não consegui, as despesas eram muitas e os encargos, os encargos de vida no meio familiar... Não consegui e apareceu-me a oportunidade”*. As necessidades de que fala são derivadas do consumo de droga. Atribui a culpa a si próprio: *“eu o que fiz foi sozinho e mais nada, não... fui a minha cabeça que não funcionou, ou melhor, funcionou mas não resultou”*.

E9 considera que os seus atos do passado o afetam em vários níveis: *“se eu não faço aquilo, eu não ficava com a vida riscada...”*. Nomeadamente, fala da imagem negativa sobre si próprio que ainda tem na atualidade, por de certa forma ter falhado aos filhos: *“imagem feia porque não soube segurar e dar aos meus filhos aquilo que o meu pai me deu a mim. E aquilo que o meu pai me deu, eu não consegui dar aos meus filhos. Por isso é uma imagem de não ter conseguido. É uma imagem muito negativa”*.

Influenciado também pelo grupo de pares, iniciou-se no consumo de droga, começando no haxixe, passando pela heroína e terminando na cocaína, considerando que com esta adição *“deixamos de ser quem somos”*. Encontrou na família a motivação para cessar com o consumo, descrevendo a situação que o consciencializou do seu problema: *“Deixei de trazer dinheiro pra casa pra sobreviverem, eu levava-o todo! Fosse meu, que não fosse. Até que um dia cheguei a uma altura, que eu tinha o meu filho mais novo (...) queria comer e não tinha”*.

Para E9, uma pessoa que entra na prisão *“cai mesmo no fundo do poço...”*.

Quando saiu da prisão demonstrou preocupação, *“preocupava-me porque tenho medo de ser intercetado pela polícia. Eu tenho que lhe mostrar, tenho que lhe dizer que saí há cinco ou seis meses da cadeia”*.

Em relação ao acompanhamento em liberdade condicional, descreve-o como estando *“presos cá fora, é a expressão, estamos presos cá fora...”*. Considera também que deveriam prestar-lhe mais apoio noutros assuntos, nomeadamente nos seus problemas com a habitação e o emprego: *“são coisas que me dão mais benefício, mais interesse tratar dessas coisas, que me tratassem desses assuntos! (...) mas afinal, aquilo que me interessa a mim, não me tratam nada!”*.

E9 é um indivíduo que também sofreu os efeitos da estigmatização por ter estado preso. Questiona-se: *“quem é que me vai dar emprego, um ex-prisioneiro?!”*, tendo vivido esta situação quando se candidatou para um posto de trabalho como segurança.

Apesar de ter estado separado da companheira durante algum tempo, contou sempre com o seu apoio, assim como do resto da família, *“quando havia dinheiro pra ir. Caso contrário, tava sozinho...”*.

A família para o indivíduo é *“tudo! Tudo! É quem me faz viver. É quem me faz andar”*, considerando que os únicos amigos que tem é a família. No entanto, a relação com a filha e o neto, com os quais habita, foi um bocado prejudicada porque, segundo E9 *“ali já tou a mais, em casa da minha filha já tou a mais. Ela não tem a privacidade dela, o meu neto também não e tamos lá nós... E já não há aquela união de pai, filha e neta”*.

Diz que quem o conhece, *“sabe que eu sou estável, sou uma pessoa que gosto de ajudar, uma pessoa que facilito, não implico com certas e determinadas pessoas, às vezes prefiro ficar a perder pa não ter conflitos... Se tiver com sede, dou-lhe água...”*.

Na atualidade, não perspetiva cometer novos crimes, encontrando motivação para não delinquir na família e no facto de não querer voltar a falhar aos seus, e na religião. Segundo E9, *“é como na religião... É pensar que uma pessoa tem que perdoar como Deus perdoou a quem o matou... (...) viver com o pão de cada dia, ser abençoado por Deus, ajudar mediante aquilo que se pode... É isto, é a minha luzinha também...”*.

Por último apresenta como frase marcante *“tudo o vento levou”*, sendo o vento tudo o que deixou de ter.

E9 é mais um caso no qual os dois prognósticos oferecidos pelo questionário e pela análise de discurso não têm a mesma posição: o discurso revelou maior associação a um

prognóstico não favorável. De vinte e três expressões acerca de acontecimentos de vida positivos e negativos, apenas nove apresentavam as dimensões do *explanatory style* que se encontram associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados exemplos de cada dimensão associada a indivíduos mais próximos de persistirem no crime desde o discurso de E9, à exceção da especificação e da instabilidade dos acontecimentos positivos, já que não as expressou:

ACONTECIMENTOS POSITIVOS	
Não Cometimento de Crimes	Exteriorização
	(...) <u>É como na religião... É pensar que uma pessoa tem que perdoar como Deus perdoou a quem o matou... Que temos uma doutrina que nos ensine os dez mandamentos, que possamos criar uma relação com Deus, que tenta perdoar o outro e quer que sejamos todos perdoados... Se nós não perdoarmos os outros, nós também não seremos perdoados... E é isto, é viver sobre este aspeto... Viver com o pão de cada dia, ser abençoado por Deus, ajudar mediante aquilo que se pode... É isto, é a minha luzinha também...</u> (...)
ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Consumo de Droga	Interiorização
	(...) <u>Consumia haxixe, consumia ‘branca’, ou seja, cocaína e heroína. Consumi de tudo, pra não morrer estúpido (...)</u> <u>E depois agarrei-me à ‘branca’ e destruí tudo</u> (...)
Consumo de Droga	Globalização
	(...) <u>E depois agarrei-me à ‘branca’ e destruí tudo. E depois daí a necessidade de fazer coisas que não devia fazer... Se eu não faço aquilo, eu não ficava com a vida riscada...</u> (...) <u>Só prejudica, só prejudica... Deixamos de ser quem somos</u> (...)
Ter Falhado à Família	Estabilidade
	(...) <u>eles perderam, não tinham e ainda não têm pra certos e determinados assuntos que é preciso às vezes um pai ou um amigo...</u> <u>e os meus filhos, os meus irmãos, a minha irmão, os meus sobrinhos... todos eles perderam, perderam com a minha falta...</u> <u>Durante estes últimos quatro anos, perderam isso...</u> (...) <u>A imagem feia porque não soube segurar e dar aos meus filhos aquilo que o meu pai me deu a mim. E aquilo que o meu pai me deu, eu não consegui dar aos meus filhos. Por isso é uma imagem de não ter conseguido.</u> <u>É uma imagem muito negativa</u> (...) <u>A imagem negativa tá na mesma. A imagem negativa tá na mesma, porque eu não consegui e hoje já são todos homens! Eu perdi, perdi o total, o total, doze anos, doze anos que não pude tar com eles todos os dias, porque tava ausente. E naquelas alturas que eles mais precisavam de mim e eu não tava presente, portanto, isto magoa...</u> (...)

Tabela 10) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E9

2.10) Indivíduo E10

E10 tem trinta e nove anos de idade, e constam no seu registo criminal três condenações por crimes de furto, roubo, dano com violência e tráfico de droga.

O indivíduo parece ter um **prognóstico favorável à desistência**, sendo que todos os fatores gerais, à exceção da história criminal tiveram influência na sua classificação como indivíduo com prognóstico de desistência favorável.

Ao nível das características individuais, foram assinalados todos os fatores: é um indivíduo motivado para a mudança, tem sentido de responsabilidade, autocontrolo alto, estabilidade emocional, possui capacidades cognitivas, capacidade para atingir objetivos previamente definidos, assim como para a resolução de problemas. Sente vergonha e remorso ou arrependimento pelo seu passado criminal, e compreende o sofrimento das vítimas e os danos causados com os seus atos. De igual forma, adota papéis prossociais, tendo crenças e atitudes de acordo com estes.

Em relação aos aspetos acerca dos contextos de inserção do indivíduo, são assinalados: o apoio familiar e o cumprimento das obrigações familiares, o apoio de pares prossociais, a sua situação económica, o facto de ter emprego, o seu percurso laboral e a motivação e empenho para manter o emprego, e o ambiente social do local de residência. O apoio de pares antissociais e o envolvimento em atividades de lazer e recreação parecem ser irrelevantes para o prognóstico.

Dos aspetos relacionados com o acompanhamento em liberdade condicional destacam-se a relação com o técnico de acompanhamento e o cumprimento das injunções impostas.

O próprio indivíduo considera que desde que saiu da prisão tem tido uma vida estável: *“basicamente, a vida tem-me corrido bem e as pessoas também acreditaram que eu era capaz, não é?!”*.

A sua fase negativa correspondeu ao tempo que esteve envolvido no mundo do crime, nomeadamente porque *“não vi o crescimento da minha filha e tiraram-me a liberdade, não é?!”*. Em contraposição, considera duas fases positivas na sua vida, quando nasceu a filha, e quando lhe foi concedida a liberdade condicional mais cedo, podendo *“mostrar à minha família que tinha aprendido de vez a lição e que ainda podia ser útil pra eles em alguma coisa, não é?!”*.

Justifica o cometimento dos crimes com vários motivos: *“era muito imaturo, era jovem, tinha liberdade a mais e... conviver com jovens também irresponsáveis e as dificuldades que de certa forma existia no meio familiar, no meu, não é?! Também ajudou um bocadinho... depois*

a vida fácil no crime, em obter o dinheiro fácil, do crime". Para além disso, aponta como explicação o facto de ser muito influenciável.

Quando entrou na prisão, pensou que o *"mundo tinha acabado"*. Considera que o facto de ter estado preso o mudou: *"o rosto que eu trago hoje foi de certa forma transformado pelo sistema prisional. Porque eu recordo-me e vejo fotos de antes de ser recluso e hoje olho ao espelho e vejo que o meu rosto é completamente diferente"*. De facto, as pessoas que convivem com E10 no quotidiano dizem o mesmo sobre ele: *"eu tenho um rosto que parece que carrego o mundo em cima..."*. Acrescenta ainda que a experiência de reclusão o tornou numa pessoa fria. Durante a última reclusão pediu transferência para outro estabelecimento prisional por considerar que aquele no qual estava *"não era o local certo para, digamos para me tornar a educar"*, considerando que o último o *"tornou a educar e a ver o mundo como ele é, com responsabilidade, não é?! Para hoje, ao fim de mais de dois anos eu ter realmente encaminhado a minha vida como deve de ser..."*. Apenas consegue identificar experiências positivas do seu período de reclusão, nomeadamente, jogar pela seleção de um dos estabelecimentos prisionais nos que esteve, trabalhar com pessoas de fora da prisão, ou trabalhar na sua área: *"eu sentia-me orgulhoso (...) o chefe da serralharia via que já percebia, não é, e elogiava-me... eu sentia-me orgulhoso (...) acreditaram em mim"*.

Iniciou o consumo de droga no primeiro estabelecimento prisional no qual esteve, influenciado pelas companhias, tendo deixado por influência do estabelecimento prisional para o qual pediu transferência, e porque se empenhou para que acontecesse. Considera que a droga o abstaía um pouco da realidade que estava a viver: *"de uma certa forma, tirava-me da realidade, não é, da experiência que estava a passar..."*.

Da relação com o seu técnico de acompanhamento em liberdade condicional, E10 destaca a motivação que lhe é dada: *"ele faz-me acreditar que é possível andar nesta vida boa e não tornar a cometer erros pra ir, pra ir lá pa dentro, pr'aquele pesadelo, não é?!"*.

Relativamente à família, o indivíduo atribui importância à melhoria na relação com a filha, já que não acompanhou o seu crescimento: *"eu pra ela era um estranho, mas dia após dia as coisas têm melhorado muito"*. Quando esteve preso contou com o apoio da companheira, da filha e da mãe. Em relação a esta última e ao pai, o indivíduo refere-se de uma forma negativa, já que foi uma avó e uma tia que o educaram: *"não é que quisesse outros pais mas sempre ambicionava que eles fossem melhores, não é?! Que pensassem melhor, mas prontos..."*. Acrescenta ainda que ele não faria o que os pais lhe fizeram à própria filha.

Destaca-se a sua facilidade em encontrar emprego e o seu próprio empenho: “*nunca tive dificuldade no trabalho. O trabalho sempre me apareceu*”.

Na atualidade afirma que não comete crimes: “*ao ponto de encontrar alguma coisa no chão porque alguém deixou cair e eu apanhar e entregar à pessoa. Há uns tempos atrás, se calhar, nem fazia isso, não é?!*”. Encontra motivação para seguir uma vida normativa na sua forma de pensar e na ameaça de poder perder o que conquistou até agora, nomeadamente o amor e respeito da companheira e da filha. Não atribui nenhum papel ao acompanhamento em liberdade condicional nesta decisão.

Aponta como frase marcante “*o querer, a força de vontade e não desistir*”: porque “*hoje poderia não estar aqui, poderia estar na cadeia, não é?! Agora, eu quis muito, tive muita força de vontade...*”.

Em E10, a posição do técnico e a análise de discurso de acordo com as dimensões referidas, oferecem o mesmo **prognóstico de desistência favorável**.

De trinta e oito expressões acerca de acontecimentos de vida positivos e negativos, vinte e sete apresentavam as dimensões do *explanatory style* que se encontram associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência.

Seguidamente, são apresentados exemplos de cada dimensão apontada como associada a indivíduos mais próximos de desistirem do crime desde o discurso de E10:

ACONTECIMENTOS POSITIVOS	
Ter Arranjado Emprego	Interiorização
	(...) essa pessoa falou ao companheiro dela, que tem essa fábrica (...) <u>E então fui à experiência, o meu trabalho agradou, sou competente naquilo</u> e faz agora dois anos em julho que lá estou (trabalho na fábrica) (...) <u>Mas tudo dependia do meu trabalho, podia eu não me adaptar ou o patrão não se adaptar a mim. Mas no meu caso, tudo correu bem</u> (trabalho na esplanada) (...) <u>Depois eu também nunca, nunca tive dificuldade no trabalho. O trabalho sempre me apareceu</u> (...) o sujeito da esplanada, <u>gostou tanto do meu trabalho e da pessoa como eu sou, que tando bom tempo chama-me pra ir trabalhar ao sábado e ao domingo lá na esplanada</u> (...)
Jogar pela Seleção do Estabelecimento Prisional	Globalização
	(...) <u>Eu sentia-me orgulhoso, naquilo, em querer ganhar e depois ganhar. A gente não ganhava nada, mas só a vitória...</u> (...)
Formação Profissional	Estabilidade
	(...) <u>O ter tirado o curso de serralharia, que hoje me é útil</u> (...)

ACONTECIMENTOS NEGATIVOS	
Reincidência após a Primeira Condenação	Exteriorização
	(...) Eu acho que também não tinha muita noção da realidade e <u>aquilo passou-me um bocadinho ao lado... Não me assustou muito porque foi uma entrada e uma saída muito rápida</u> , porque estive na prisão (...)
Ter-se Tornado uma Pessoa Fria	Especificação
	(...) <u>Porque o estabelecimento prisional fez de mim uma pessoa muito fria... tirou-me alguns sentimentos até... tipo ao ponto de vermos um filme, às vezes que nos comove, não é, com aquelas cenas... a mim não me comove muito... Fez de mim outra pessoa, não é?! Uma pessoa mais fria...</u> (...)
Consumo de Droga	Instabilidade
	(...) <u>E de uma certa forma, tirava-me da realidade, não é, da experiência que estava a passar...</u> (...)

Tabela 11) Exemplos das dimensões do *explanatory style* em E10

3. FATORES E ACONTECIMENTOS DE VIDA ASSOCIADOS AO PROGNÓSTICO FAVORÁVEL DE DESISTÊNCIA DO CRIME

Para a apresentação desta parte dos resultados, tomou-se em consideração os fatores e acontecimentos de vida associados ao prognóstico favorável de desistência dos seis indivíduos assim classificados pelos técnicos através dos questionários. Conjuntamente, também se tiveram em consideração os fatores apontados nas narrativas, já que, independentemente da sua classificação pelos técnicos, todos os indivíduos afirmaram estar envolvidos no processo de desistência da delinquência.

Analisando os questionários referentes aos seis indivíduos com o prognóstico favorável à desistência do crime, podem destacar-se como fatores com maior importância: nove relacionados com as características pessoais, cinco relacionados com os contextos de inserção dos indivíduos, e dois referentes aos aspetos do acompanhamento efetuado em liberdade condicional.

A principal característica pessoal apontada pelos técnicos é a motivação para a mudança, estando presente nos seis indivíduos. Também um dos indivíduos considerou a motivação para mudar como um fator importante na sua experiência pessoal de desistência.

Este achado vai ao encontro da literatura existente sobre o tema, já que é considerada por muitos como o fator mais importante na hora de desistir da delinquência, pela vontade de evitar problemas e pela ponderação entre custos e benefícios do crime (cf. Bottoms & Shapland, 2011; Farrall, 2002; Farrall, 2004; Maguire & Raynor, 2006; Piquero et al., 2007). Sendo considerado que a motivação para a mudança poderá ser motivada pelos próprios serviços de *probation* (Bottoms & Shapland, 2011).

Esta última ideia exposta vai ao encontro da referência de um dos indivíduos, que destaca a motivação para a mudança que o técnico lhe proporciona.

Tal como alguns autores haviam defendido, como Farrington (2003) ou Gadd e Farrall (2004), também as atitudes e crenças prossociais e a estabilidade emocional se revelaram como fatores determinantes do prognóstico favorável de desistência do crime na presente investigação, estando presentes também nos seis indivíduos com prognose favorável à desistência.

A capacidade de resolução de problemas gera um pouco de debate como fator-chave para a desistência da delinquência: a presente investigação considerou a sua importância em cinco dos seis indivíduos classificados com prognóstico favorável à desistência.

Por último, em relação aos fatores associados às características pessoais dos indivíduos, destacaram-se também capacidades cognitivas, o sentimento de remorso ou arrependimento, e a compreensão pelo sofrimento e danos causados às vítimas, estando presentes em quatro dos indivíduos com prognose favorável à desistência. Em relação ao sentimento de remorso, definido como a aquisição de uma perspetiva alterada acerca dos comportamentos do passado, a sua importância também é suportada pela evidência empírica sobre o tema (LeBel et al., 2008).

Dois dos indivíduos entrevistados realçaram outro fator associado às características pessoais do indivíduo: a idade. Foi feita uma relação entre este fator e a aquisição de responsabilidade, causada pela adoção de papéis normativos, nomeadamente, ser pai, o que implica um *corte* com os comportamentos do passado, assim como com a identidade desviante (cf. Farrington, 2003; Gadd & Farrall, 2004; Maruna & Roy, 2007; Smith, 2002).

Relativamente aos contextos de inserção do indivíduo, parece ter particular relevo para os indivíduos em causa o apoio familiar e o cumprimento das obrigações familiares, presentes em cinco indivíduos. Nas narrativas dos participantes também se realçou a importância da dimensão familiar no processo de desistência e o facto de os indivíduos não quererem desiludir e provocar o sofrimento desta pelos seus actos. Foi referido por quatro dos indivíduos

entrevistados. Especificamente, alguns indivíduos evidenciaram as companheiras sentimentais e os filhos, neste caso não pelo facto do apoio, mas sim pela qualidade da relação.

Na literatura da desistência, a família é apontada como um dos fatores estruturais mais importantes na promoção do processo de desistência do crime, na qual também se destaca a própria relação com esta (cf. Bottoms et al., 2004; Forrest & Hay, 2011; Siennick & Osgood, 2008; Weaver & McNeill, 2014). Os indivíduos procedem ao que Weaver e McNeill (2014) designam de *relational reflexivity*, ou seja, à ponderação dos seus atos, de forma a preservar a relação que têm com a família.

Os técnicos também realçaram a motivação e o empenho para encontrar ou manter emprego, em cinco dos participantes do estudo, assim como a situação socioeconómica e o emprego, em quatro deles.

Já um dos indivíduos fez referência ao grupo de pares e ao facto de não querer desiludi-los como uma motivação para a desistência do crime.

Igualmente, outro dos indivíduos referiu a religião como um fator na sua experiência de desistência, pelas orientações seguidas.

Dos aspetos relacionados com o acompanhamento efetuado em liberdade condicional, e ao encontro da literatura existente sobre o tema, é apontada a boa relação com o técnico como um fator favorável à desistência do crime (cf. Bottoms & Shapland, 2014; Farrall, 2004; King, 2010; Shapland et al., 2012).

Muitos são os que consideram que a experiência de reclusão tem pouco efeito no processo de desistência. No entanto, na presente investigação, são quatro os indivíduos que fizeram referência a este fator, sendo um dos mais importantes nesta amostra. Este fator é defendido por Shapland e os seus colegas (2012), assim como Farrall (2002), situando no tempo de encarceramento o foco principal, já que proporciona a reflexão dos indivíduos.

Já em relação aos acontecimentos de vida, desde a perspectiva dos técnicos, deverão destacar-se todos, uma vez que a importância destes não se prende com a presença ou ausência destes, mas a maneira como os próprios indivíduos o percecionam. Para além disso, são mais evidentes nas narrativas dos indivíduos.

Assim, o casamento ou ter uma relação marital estável, e a paternidade parecem contribuir favoravelmente para o prognóstico de desistência do crime em quatro e três indivíduos, respetivamente. Encontrar um emprego estável ou terminar a escolaridade obrigatória, uma formação profissional ou um curso de nível secundário ou superior, também foram apontados a dois indivíduos, tendo sido acrescentada a frequência de um curso de

formação profissional (ainda não terminado) como acontecimento de vida favorável a um dos indivíduos.

Nas narrativas dos indivíduos a identificação de acontecimentos de vida como *turning points* não é muito evidente. Um indivíduo realça a conclusão da escolaridade obrigatória e a formação profissional feita dentro da prisão, e outro a mudança para um bairro com menos problemas sociais. Há maior relevo para a paternidade e a relação sentimental estável, referida por dois dos indivíduos entrevistados. Estes dois acontecimentos de vida parecem assumir particular relevo em um dos indivíduos, E5, dizendo o seguinte: “*só quando fui detido é que conheci a minha companheira e depois a minha filha*”.

Os acontecimentos de vida assinalados, quer por técnicos quer pelos indivíduos nas suas narrativas, vão ao encontro da literatura sobre o tema, que muito sucintamente, atribui ao casamento, à paternidade, ao surgimento ou manutenção de um emprego estável, ao início de uma carreira militar, ao término da escolaridade obrigatória, ou à mudança de bairro de habitação um papel decisivo na desistência da delinquência, pressupondo um *corte* com o passado (cf. Farrington, 2003; Farrington, 2007; Loeber & Le Blanc, 1990; Maruna & Roy, 2007; Moffitt, 1993; Piquero et al., 2007; Sampson & Laub, 1992; Sampson & Laub, 2005; Wikström, 2005).

Curiosamente, um dos indivíduos fez referência ao facto de ter conseguido reatar a relação com a sua família quando decidiu retomar a vida normativa e livre de droga. A esta situação Cid e Martí (2012) chamam de *returning point*, porque os laços já existiam, tendo, no entanto, que ser renovados.

4. DIFICULDADES ASSOCIADAS AO PROGNÓSTICO NÃO FAVORÁVEL À DESISTÊNCIA DO CRIME

Desta vez, apenas serão consideradas as dificuldades assinaladas pelos técnicos de reinserção social, porque tal como foi dito anteriormente, todos os indivíduos afirmaram estar envolvidos no processo de desistência do crime.

Assim, foram analisados os questionários referentes aos quatro indivíduos com o prognóstico não favorável à desistência do crime para o levantamento das dificuldades e dos acontecimentos de vida que parecem influenciar este prognóstico. De acordo com os resultados da presente investigação, parecem ser as dificuldades relacionadas com os contextos nos quais

os indivíduos se inserem as que têm maior preponderância para o prognóstico não-favorável de desistência. Das dificuldades destacam-se: quatro relacionadas com as características pessoais, e cinco relacionadas com os contextos de inserção dos indivíduos.

Nas dificuldades relacionadas com as características pessoais dos indivíduos, há maior relevo para a fraca motivação para a mudança, assim como a ausência de sentimento de vergonha em relação ao passado criminal, a ausência de sentimentos de remorso ou arrependimento por este, e a falta de compreensão pelo sofrimento e danos causados às vítimas, estando presentes em três dos quatro indivíduos com prognóstico não favorável à desistência.

A fraca motivação é defendida como uma das principais dificuldades pela literatura, já que pressupõe uma maior dificuldade para a resolução de problemas. (cf. Farrall, 2002; Healy e O'Donnell, 2008). Também os outros dois fatores mencionados contam com o suporte empírico (cf. LeBel et al., 2008; King, 2010). Nomeadamente, Leibrich, defende que a vergonha pelo passado criminal é o principal motivo para os indivíduos deixarem de cometer crimes quando comparados com delinquentes ainda no ativo (LeBel et al., 2008, p.136).

Já nos aspetos relacionados com os contextos nos quais os indivíduos se inserem, foram apontados como principais dificuldades: o apoio de pares antissociais, a situação económica desfavorável e não ter emprego, estando presentes em dois dos indivíduos; e ter um percurso laboral instável e fraca motivação ou empenho para procurar ou manter o emprego, contribuindo para um prognóstico não favorável à desistência em três indivíduos.

Os achados da presente investigação sobre as dificuldades relativas aos contextos de inserção dos indivíduos parece ser consistente com a literatura acerca do tema. Em relação à associação a pares antissociais, esta pode moldar as rotinas dos indivíduos, relacionando-os com atividades criminais (cf. Farrall, 2002; Farrall, 2004, LeBel et al., 2008). Já os problemas económicos são considerados a dificuldade mais presente naqueles indivíduos que persistem no crime (cf. Bottoms & Joanna Shapland, 2011; LeBel et al., 2008), sendo o resultado de outras situações, nomeadamente, o facto de não terem emprego (cf. Farrall, 2002; Maruna, 2012; Tripodi et al., 2010), que muitas vezes é derivado ao estigma que sofrem por serem ex-reclusos. Esta dificuldade foi a única que se conseguiu identificar nas narrativas dos indivíduos, já que quatro deles referiram ter vivido esta experiência⁴¹.

De acordo com os questionários, não parecem existir acontecimentos de vida dos indivíduos que influenciam o prognóstico não favorável à desistência.

⁴¹ Ainda que dois destes tivessem sido identificados como indivíduos mais envolvidos no processo de desistência do crime, quer pelo prognóstico dos técnicos, quer pela análise das dimensões do *explanatory style*.

5.1) CONCLUSÕES E DISCUSSÃO

Primeiro de tudo, serão destacados os principais resultados da investigação.

Começa-se por apresentar os resultados obtidos a partir dos prognósticos atribuídos pelos técnicos aos indivíduos.

Os principais fatores relacionados com as características dos indivíduos presentes naqueles com um prognóstico favorável à desistência do crime são: a motivação para a mudança, as atitudes pró-sociais e a estabilidade emocional, estando o primeiro fator presente em seis, e o segundo e o terceiro em cinco indivíduos classificados pelos técnicos com um prognóstico de desistência favorável.

Estes achados vão ao encontro do que é dito na literatura existente, já que é considerado que a motivação para a mudança é o fator subjetivo com mais força para o processo de desistência (cf. Bottoms & Shapland, 2011; Farrall, 2002; Farrall, 2004; Maguire & Raynor, 2006; Piquero et al., 2007). Em relação aos outros dois, também existe evidência empírica que o suporta (cf. Farrington, 2003; Gadd & Farrall, 2004)

Já o tópico da capacidade de resolução de problemas (presente também em cinco dos seis indivíduos considerados mais próximos à desistência) gera um pouco de debate como fator-chave para a desistência: enquanto Farrall (2004) o define como tal, Maguire e Raynor (2006) acreditam que a resolução de problemas não é suficiente para a promoção da desistência, necessitando-se a aquisição de capital humano e social, não sendo portanto, dependente do indivíduo.

Relativamente aos fatores estruturais, assumem particular relevo nos casos estudados o apoio familiar e o cumprimento das obrigações familiares (presentes em cinco indivíduos), a motivação e o empenho para encontrar ou manter emprego (também presentes em cinco indivíduos), e a situação socioeconómica e o emprego (presentes em quatro deles), sendo que na literatura se destaca a família como um dos fatores estruturais mais importantes na promoção do processo de desistência do crime (cf. Bottoms et al., 2004; Forrest & Hay, 2011; Siennick & Osgood; Weaver & McNeill, 2014).

Por último em relação ao acompanhamento por liberdade condicional, cinco dos indivíduos têm como fator favorável à desistência a boa relação com o técnico, facto também comprovado pela literatura (cf. Bottoms & Shapland, 2014; Farrall, 2004; King, 2010; Shapland et al., 2012).

Relativamente ao grupo de indivíduos classificados pelos técnicos com um prognóstico de desistência não favorável, foram identificadas as dificuldades associadas a este. Em relação às características pessoais dos indivíduos, é relevada, estando conforme a literatura, a fraca motivação para a mudança, assim como a ausência de sentimento de vergonha em relação ao passado criminal, a ausência de sentimentos de remorso ou arrependimento por este e a falta de compreensão pelo sofrimento e danos causados às vítimas (presentes em três dos quatro indivíduos classificados com um prognóstico de desistência não favorável) (cf. Farrall, 2002; LeBel et al., 2008; King, 2010).

É nos contextos de inserção que os indivíduos participantes no estudo encontram mais dificuldade para enveredar no processo de desistência: o apoio de pares antissociais, a situação económica desfavorável e não ter emprego (presentes em dois dos indivíduos); e ter um percurso laboral instável e fraca motivação ou empenho para procurar ou manter o emprego, são as dificuldades mais destacadas. A associação a pares desviantes é sabida como um dos fatores mais importantes para o cometimento de novos crimes, assim como as dificuldades ao nível económico que os indivíduos enfrentam uma vez em liberdade. De acordo com a literatura, ter uma situação económica desfavorável é o principal fator para o cometimento de novos crimes (cf. Bottoms & Joanna Shapland, 2011; LeBel et al., 2008), sendo visto como um dos resultados de outros fatores, como os problemas ao nível do emprego, mais especificamente ao facto de não o ter (cf. Farrall, 2002; Maruna, 2012; Tripodi et al., 2010).

Já de acordo com as narrativas dos indivíduos, e concordando um pouco com os achados referidos acima, destacam-se fatores como a família, a paternidade e o próprio acompanhamento em liberdade condicional.

Um fator apontado por um dos indivíduos, que parece curioso, é a religião, existindo pouca ou nenhuma referência a esta na literatura existente.

Em relação aos acontecimentos de vida, que foram analisados caso a caso, já que variam de acordo com as interpretações e significados que os indivíduos lhes atribuem, verificou-se que há poucas referências a estes: um indivíduo destacou o facto de terminar a escolaridade obrigatória, assim como a formação profissional; a relação marital estável como influenciadora

dos comportamentos foi mencionada por dois indivíduos; assim como a paternidade, também referida por dois indivíduos.

Passa-se agora à discussão dos resultados relativos à principal questão de investigação deste estudo, ou seja, “testar a hipótese segundo a qual as dimensões do *explanatory style* (interiorização/exteriorização, estabilidade/instabilidade e globalização/especificação) apresentam padrões diferenciados de discurso que se relacionam com o maior ou menor envolvimento no processo de desistência”.

O primeiro que deve ser referido é que alguns prognósticos aferidos pela análise das dimensões do *explanatory style* não concordaram com aqueles sugeridos pelos técnicos de acompanhamento em liberdade condicional. Especificamente: E3 foi classificado com um prognóstico favorável, revelando o seu discurso o contrário; E6 foi considerado com prognóstico não favorável, tendo o seu discurso revelado um prognóstico favorável à desistência do crime; e, por último, E9 obteve um prognóstico favorável à desistência do crime, tendo a análise do seu discurso revelado o revés.

Especificamente, o caso de E3 parece ir ao encontro do que Maruna (2004) defende no seu estudo, uma vez que se sabe que este indivíduo, definitivamente, não desistiu do crime: porque pelo menos, foi alvo de duas queixas-crime no decorrer do seu período de acompanhamento em liberdade condicional (facto desconhecido pelo técnico aquando o preenchimento do questionário).

Ainda ao encontro do que defende Maruna (2004), a maior parte dos prognósticos efetuados pelos técnicos concordam com o revelado no discurso dos indivíduos: sete dos prognósticos coincidem.

Outra conclusão à qual se chegou foi o facto de para o mesmo acontecimento, estar presente a mesma dimensão, com as suas duas expressões. Nomeadamente, isto verificou-se muitas vezes na categoria da interiorização e exteriorização dos acontecimentos. Um exemplo evidente está no cometimento de crimes: os indivíduos ora atribuíam a sua ocorrência a causas exteriores (e.g. ao bairro onde habitavam e aos pares antissociais), ora atribuíam a si próprios (e.g. alegar que não tinha cabeça).

É preciso fazer referência, ainda às dificuldades que surgiram nesta investigação, nomeadamente, no momento de realização das entrevistas.

Primeiro de tudo, considera-se importante expor que, talvez pela falta de experiência na realização deste tipo de entrevistas, a primeira que se realizou denotou algum nervosismo e acabou por se cometer alguns dos erros a evitar neste momento de recolha de dados.

Depois, também relacionado com as entrevistas, outra dificuldade que surgiu foi o facto de muitos dos participantes não terem comparecido nas datas agendadas, tendo atrasado um pouco a recolha de dados.

Por último, também é importante referir as dificuldades que os técnicos tiveram em posicionar-se face ao prognóstico dos indivíduos. A expressão mais ouvida entre estes foi “*prognósticos só no final do jogo*”.

Tendo em conta a experiência obtida na realização desta investigação, há uma limitação que se destaca: a análise das dimensões do *explanatory style* parece beneficiar mais daqueles indivíduos com mais soltura para falar.

A segunda limitação do estudo prende-se com a falta de complementaridade de métodos quantitativos e qualitativos. Revela-se importante em investigações futuras, que haja a combinação dos dois métodos (sendo os métodos quantitativos analisados estatisticamente), de forma a complementar-se mutuamente em relação aos dados recolhidos e à sua posterior análise.

Por último, a terceira limitação que se pode considerar é o número reduzido da amostra seleccionada pelos critérios de seleção que foram estabelecidos.

Importa primeiro de tudo lembrar o que se pretendeu com as questões de investigação do presente estudo: perceber a existência de padrões diferenciados de discurso que se relacionam com um maior ou menor envolvimento no processo de desistência do crime, de acordo com o *explanatory style*; a identificação de fatores e acontecimentos de vida, assim como dificuldades influentes para o prognóstico de desistência; e a comparação das perspetivas de técnicos e indivíduos em relação ao estado no processo de desistência destes, e em relação aos fatores e dificuldades associadas a este processo.

Pode dizer-se que o primeiro objetivo deste estudo foi cumprido. Através da análise das narrativas dos indivíduos, conseguiram identificar-se as categorias do *explanatory style* associadas a indivíduos mais envolvidos no processo de desistência e aquelas associadas a delinquentes persistentes. Assim classificaram-se os indivíduos em relação a estas categorias, tendo-se comparado ao prognóstico de desistência sugerido pelos técnicos de reinserção social que os acompanhavam durante o período de liberdade condicional. Sete dos dez prognósticos coincidiam, sendo os outros três discordantes: dois indivíduos foram considerados como tendo um prognóstico favorável à desistência pelas considerações dos técnicos, sugerindo a análise do discurso o contrário; e um indivíduo classificado com prognóstico não favorável, foi considerado mais envolvido no processo de desistência do crime pela análise das categorias do *explanatory style*.

Também foi possível identificar, desde a experiência técnica, os fatores e acontecimentos de vida que se encontram associados ao prognóstico de desistência favorável, assim como as dificuldades associadas ao prognóstico não favorável à desistência da delinquência. Os resultados obtidos ressaltaram alguns dos fatores, acontecimentos e dificuldades apontados pela literatura acerca do tema, tal como foi referido no capítulo correspondente aos resultados e no das considerações finais. Nas narrativas dos indivíduos isto foi possível ao nível dos fatores e acontecimentos de vida associados à desistência do crime, só tendo sido referida uma dificuldade, até porque todos os indivíduos expressaram estar afastados do crime e da desviância.

Depois de ter sido feita referência aos objetivos da investigação, importa realçar a importância deste estudo.

Para além dos estudos de Maruna em 2001 e 2004, LeBel e os seus colegas (2008) realçaram a recente atenção que é dada às diferenças do padrão de pensamento e discurso entre os indivíduos envolvidos no processo de desistência do crime e os indivíduos ainda com uma carreira criminal ativa. Cid e Martí (2012) chegam a afirmar que as narrativas de desistência são fulcrais para que os indivíduos deixem de cometer crimes, daí a importância do seu estudo. Assim, a presente investigação pretendeu desenvolver a literatura existente neste campo. Este estudo surgiu também como uma pequena resposta às necessidades que King (2010) aponta: considerar o papel dos indivíduos no seu processo de desistência, a influência dos contextos sociais para que este ocorra, e o efeito que as intervenções dos serviços de reinserção social têm (apesar de não ter havido muita referência a este por parte dos indivíduos que constituíram a amostra). Finalmente, a investigação realizada parece ser pioneira, especialmente em Portugal, quer pelas suas questões de investigação, quer pela metodologia utilizada.

Por último, parece ser importante expor as principais limitações do presente estudo, assim como possíveis sugestões para investigações futuras.

Primeiro, a análise das dimensões do *explanatory style* depende da capacidade dos participantes em expressarem-se, pelo que: se um indivíduo se expressar pouco, não será possível a identificação de muitas categorias. Esta é uma limitação que não pode ser evitada, a menos que se excluam os indivíduos que não desenvolvam muito o seu discurso após a realização das entrevistas, já que não é possível saber *a priori* como estes são no seu íntimo. Nomeadamente neste estudo, existiu o caso de dois indivíduos que não desenvolviam muito as ideias que apresentavam, mesmo tendo sido estimulados para fazê-lo. Assim, durante a identificação de acontecimentos e posterior classificação de acordo com a ideia do *explanatory style*, foram reveladas poucas categorias das quais se podiam aferir resultados.

A segunda limitação prende-se com os métodos de recolha de dados construídos, nomeadamente os questionários. De forma a poder comparar-se melhor as perspetivas dos técnicos de reinserção social e dos indivíduos, deverá ser construído um questionário cujos fatores possam ser mensurados e quantificados. Assim, deverão conter uma escala ao nível da favorabilidade de cada fator, ou seja, não limitar-se à sua identificação, incluindo também a quantificação.

Por último, acrescenta-se uma limitação ao nível da dimensão da amostra: os seus critérios de seleção limitaram muito o seu número. Ao nível do tipo de crime, isto não aconteceu, tendo aparecido apenas um caso de homicídio, não podendo ser integrado no estudo. Já o número de condenações anteriores reduziu consideravelmente os indivíduos que poderiam

integrar a amostra: muitos apesar de terem cometido muitos crimes, apenas tinham uma condenação por cúmulo jurídico. O tempo de acompanhamento limitou ainda mais a dimensão da amostra. Esta limitação poderá ser superada, por exemplo, com a alteração do critério de seleção relacionado com o tempo de acompanhamento em liberdade condicional, pela redução do limite que foi definido.

Muito ficou por explorar, vendo-se uma possibilidade de acréscimo de conhecimento na transformação desta investigação num estudo longitudinal: na repetição ao longo do tempo destas entrevistas, com guiões de entrevista adaptados para cada momento posterior de recolha de dados, assim como à nova aplicação do presente questionário ou de uma versão melhorada.

BIBLIOGRAFIA

- Barry, M. (2007). Listening and Learning: The Reciprocal Relationship between Worker and Client. *Probation Journal*, 54 (4). 407-422.
- Barry, M. (2013). Desistance by Design: Offenders Reflections on Criminal Justice Theory, Policy and Practice. *European Journal of Probation*, 5 (2). 47-65.
- Bottoms, A., Shapland, J., Costello, A., Holmes, D. & Muir, G. (2004). Towards Desistance: Theoretical Underpinnings for an Empirical Study. *The Howard Journal*, 43 (4). 368-389.
- Bottoms, A. & Shapland, J. (2011). Steps Towards Desistance Among Male Young Adult Recidivists. In Stephen Farrall, Mike Hough, Shadd Maruna & Richard Sparks (Eds.), *Escape Routes: Contemporary Perspectives on Life After Punishment* (43-80). New York, USA: Routledge.
- Bottoms, A. & Shapland, J. (2014). Can Persistent Offenders Acquire Virtue? *Studies in Christian Ethics*, 27 (3). 318-333.
- Burnett, R. (2004). One-to-One Ways of Promoting Desistance: in Search of an Evidence Base. In Ros Burnett & Colin Roberts (Eds.), *What Works in Probation and Youth Justice* (180-197). Portland, USA: Willan Publishing.
- Cid, J. & Martí, J. (2012). Turning Points and Returning Points: Understanding the Role of Family Ties in the Process of Desistance. *European Journal of Criminology*, 9 (6). 603-620.
- Cullen, F. T., Eck, J. E. & Lowenkamp, C. T. (2002). Environmental Corrections – A New Paradigm for Effective Probation and Parole Supervision. *Federal Probation*, 66. 28-37.
- Dufour, I. F., Brassard, R. & Martel, J. (2013). An Integrative Approach to Apprehend Desistance. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 10 (10). 1-22.

- Dufour, I. F. & Brassard, R. (2014). The Convert, the Remorseful and the Rescued: Three Different Processes of Desistance from Crime. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 0 (0). 1-23.
- Farmer, M., Beech, A. R. & Ward, T. (2012). Assessing Desistance in Child Molesters: A Qualitative Analysis. *Journal of Interpersonal Violence*, 27 (5). 930-950.
- Farrall, S. (2002). *Rethinking What Works With Offenders*. Portland, Oregon, USA: Willan Publishing.
- Farrall, S. (2004). Supervision, Motivation and Social Context: What Matters Most When Probationers Desist? In George Mair (Ed.), *What Matters in Probation* (187-209). Portland, USA: Willan Publishing.
- Farrall, S. & Maruna, S. (2004) Desistance-Focused Criminal Justice Policy Research: Introduction to a Special Issue on Desistance from Crime and Public Policy. *The Howard Journal of Criminal Justice* 43 (4). 358–367.
- Farrall, S., Godfrey, B. & Cox, D. (2009). The Role of Historically-Embedded Structures in Processes of Criminal Reform: A Structural Criminology of Desistance. *Theoretical Criminology*, 13 (1). 79-104.
- Farrall, S., Bottoms, A. & Shapland, J. (2010). Social Structures and Desistance from Crime. *European Journal of Criminology*, 7 (6). 546-570.
- Farrall, S., Sharpe, G., Hunter, B. & Calverley, A. (2011). Theorizing Structural and Individual-Level Processes in Desistance and Persistence: Outlining an Integrated Perspective. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 44 (2). 218-234.
- Farrington, D. (2003). Developmental and Life-course Criminology: Key Theoretical and Empirical Issues. *Criminal Justice Periodicals*, 41 (2). 221-255.
- Farrington, D. (2005). Introduction to Integrated Developmental and Life-Course Theories of Offending. In David Farrington (ed.), *Integrated Developmental and Life-Course Theories of Offending: Advances in Criminological Theory*, vol.14 (1-14). New Jersey: Transaction Publishers.

- Farrington, D. (2006). Key Longitudinal-Experimental Studies in Criminology. *Journal of Experimental Criminology*, 2. 121-141.
- Farrington, D. (2007). Advancing Knowledge about Desistance. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 23 (1). 125-134.
- Fitzpatrick, C. (2011). What is the Difference between 'Desistance' and 'Resilience'? Exploring the Relationship between Two Key Concepts. *Youth Justice*, 11 (3). 221-234.
- Forrest, W. & Hay, C. (2011). Life-Course Transitions, Self-Control and Desistance from Crime. *Criminology & Criminal Justice*, 11 (5). 487–513.
- Fox, K. (2014). Theorizing Community Integration as Desistance-Promotion. *Criminal Justice and Behavior*, 2 (2). 1-13.
- France, A. & Homel, R. (2008). Developmental Criminology. In Barry Goldson (Ed.), *Dictionary of Youth Justice* (139-141). Willan Publishing.
- Gadd, D. (2006). The Role of Recognition in the Desistance Process. *Theoretical Criminology*, 10 (2). 179-202.
- Gadd, D. & Farrall (2004). Criminal Careers, Desistance and Subjectivity: Interpreting Men's Narratives of Change. *Theoretical Criminology*, 8 (2). 123-156.
- Gottfredson, M. R. & Hirschi, T. (1990). The Nature of Criminality: Low Self-control. In *A General Theory of Crime* (84-120). Stanford: Stanford University Press.
- Healy, D. & O'Donnell, I. (2008). Calling Time on Crime: Motivation, Generativity and Agency in Irish Probationers. *Probation Journal*, 55 (1). 25-38.
- Healy, D. (2010). Betwixt and Between: The Role of Psychosocial Factors in the Early Stages of Desistance. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 47 (4). 419-438.
- Kazemian, L. (2007). Desistance from Crime: Theoretical, Empirical, Methodological, and Policy Considerations. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 23 (1). 5-27.

- Ketele, J. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos, de Observações, de Questionários e de Entrevistas e de Estudos de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- King, S. (2010). *Going Straight On Probation: Desistance Transitions and the Impact of Probation*. PhD Thesis in Philosophy. University of Birmingham, Birmingham. 345pp.
- King, S. (2013a). Assisted Desistance and Experiences of Probation Supervision. *Probation Journal*, 60 (2). 136-151.
- King, S. (2013b). Early Desistance Narratives: A Qualitative Analysis of Probationers' Transitions Towards Desistance. *Punishment & Society*, 15 (2). 147-165.
- King, S. (2013c). Transformative Agency and Desistance from Crime. *Criminology & Criminal Justice*, 13 (3). 317-335.
- Laub, J. & Sampson, R. (2001). Understanding Desistance from Crime. *Crime and Justice*, 28. 1-69.
- LeBel, T., Burnett, R., Maruna, S. & Bushway, S. (2008). The 'Chicken and Egg' of Subjective and Social Factors in Desistance from Crime. *European Journal of Criminology*, 5 (2). 131-159.
- LeBel, T., Richie, M. & Maruna, S. (2014). Helping Others as a Response to Reconcile a Criminal Past: The Role of the Wounded Healer in Prisoner Reentry Programs. *Criminal Justice and Behavior*, 10 (10). 1-13.
- Le Blanc, M. (2005). A Integrative Personal Control Theory of Deviant Behavior: Answers to Contemporary Empirical and Theoretical Developmental Criminology Issues. In David Farrington (Ed.) *Integrated Developmental and Life-Course Theories of Offending*, vol.14 (125-163). London: Transaction Publishers.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Liberman, A. (2008). Synthesizing Recent Longitudinal Findings. In Akiva Liberman (Ed.), *The long view of crime: a synthesis of longitudinal research* (3-20). New York: Springer.
- Liem, M. & Richardson, N. J. (2014). The Role of Transformation Narratives in Desistance Among Released Lifers. *Criminal Justice and Behavior*, 41 (6). 692-712.
- Loeber, R. & Le Blanc, M. (1990). Toward a Developmental Criminology. In Norval Morris & Michael Tonry (Eds.), *Crime and Justice*, vol.12 (375-473). Chicago: Chicago University Press.
- Maguire, M. & Raynor, P. (2006). How the Resettlement of Prisoners Promotes Desistance from Crime: Or Does It? *Criminology & Criminal Justice*, 6 (1). 19-38.
- Maruna, S. (2004). Desistance From Crime and Explanatory Style: A New Direction in the Psychology of Reform. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 20 (2). 184-200.
- Maruna, S., Porter, L. & Carvalho, I. (2004). The Liverpool Desistance Study and Probation Practice: Opening the Dialogue. *Probation Journal*, 51 (3). 221-232.
- Maruna, S. & Roy, K. (2007). Amputation or Reconstruction? Notes in the Concept of “Knifing Off” and Desistance from Crime. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 23 (1). 104-124.
- Maruna, S. (2012). Elements of Successful Desistance Signaling. *Criminology & Public Policy*, 11 (1). 73-86.
- Massoglia, M. & Uggen, C. (2007). Subjective Desistance and the Transition to Adulthood. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 23 (1). 90-103.
- McCulloch, T. (2005). Probation, Social Context and Desistance: Retracing the Relationship. *Probation Journal*, 52 (1). 8-22.
- McGloin, J., Sullivan, C., Piquero, A. & Nieuwbeerta, A. (2011). Marriage and offending specialization: Expanding the impact of turning points and the process of desistance. *European Journal of Criminology*, 8 (5). 361 –376.

- McNeill, F. (2006). A Desistance Paradigm for Offender Management. *Criminology & Criminal Justice*, 6 (1). 39-62.
- McNeil, F. (2011). Probation, Credibility and Justice. *Probation Journal*, 58. 9-22.
- Moffitt, T. (1993). Adolescence-limited and Life-course-persistent Antisocial Behavior: a Developmental Taxonomy. *Psychological Review*, 100 (4). 674-701.
- Morgan, K. (1995). A Study of Probation and Parole Supervision Fee Collection in Alabama. *Criminal Justice Review*, 20 (44). 44-54.
- Morizot, J. & Le Blanc, M. (2007). Behavioral, Self, and Social Control Predictors of Desistance From Crime: A Test of Launch and Contemporaneous Effect Models. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 23 (1). 50-71.
- Osgood, D. W. (2005). Making Sense of Crime and the Life Course. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 602. 196-211.
- Paternoster, R. & Bushway, S. (2009). Desistance and the "Feared Self": Toward an Identity Theory of Criminal Desistance. *The Journal of Criminal Law & Criminology*, 44 (9). 1103-1156.
- Piquero, A., Farrington, D. & Blumstein, A. (2007). *Key Issues in Criminal Career Research: New Analysis of the Cambridge Study in Delinquent Development*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Piquero, A., Hawkins, J. & Kazemian, L. (2012). Criminal Career Patterns. In Rolf Loeber, & David Farrington (Eds.), *From juvenile delinquency to adult crime : criminal careers, justice policy, and prevention* (14-46). Oxford: Oxford University Press.
- Rocque, M. (2014). The lost concept: The (Re)Emerging Link between Maturation and Desistance from Crime. *Criminology and Criminal Justice*. 1-21.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de Entrevista e Estratégia do Entrevistado. In Luc Albarello et al. (Eds.), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sampson, R. & Laub, J. (1992). Crime and Deviance in the Life Course. *Annual Reviews of Sociology*, 18. 63-84.

- Sampson, R. & Laub, J. (2003). Life-Course Desisters? Trajectories of Crime Among Delinquent Boys Followed to Age 70. *Criminology*, 41 (3). 301-340.
- Sampson, R. & Laub, J. (2005). A Life-Course View of the Development of Crime. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 602. 12-45.
- Sampson, R., Laub, J. & Wimer, C. (2006). Does Marriage Reduce Crime? A Counterfactual Approach to Within-Individual Causal Effects. *Criminology*, 44 (3). 465-508.
- Shapland, J. & Bottoms, A. (2011). Reflections on Social Values, Offending and Desistance Among Young Adult Recidivists. *Punishment & Society*, 13 (3). 256-282.
- Shapland, J., Bottoms, A. & Muir, G. (2012). Perceptions of the Criminal Justice System among Young Adult Would-Be Desisters. In Friedrich Lösel, Anthony Bottoms & David Farrington (Eds.) *Young Adult Offenders: Lost in Transition?* (128-145). New York, USA: Routledge.
- Shmully, S. & Gobbo, K. (2007). Explanatory Style and College Students With ADHD and LD. *Journal of Attention Disorders*, 10 (3). 299-305.
- Siennick, S. & Osgood, D. (2008). A Review of Research on the Impact on Crime of Transitions to Adult Roles. In Akiva Liberman (Ed.), *The long view of crime: a synthesis of longitudinal research* (161-187). New York: Springer.
- Silverman, D. (2000) *Doing Qualitative Research: a Practical Handbook*. London: Sage Publications.
- Smith, D. J. (2002). Crime and the Life Course. In M. Maguire, R. Morgan & R. Reiner (Eds.), *Oxford Handbook of Criminology* (702-745). United Kingdom: Oxford University Press.
- Theobald, D. & Farrington, D. (2009). Effects of Getting Married on Offending: Results from a Prospective Longitudinal Survey of Males. *European Journal of Criminology*, 6 (6). 496-516.
- Thornberry, T. P. & Krohn, M. D. (2005). Applying Interactional Theory to the Explanation of Continuity and Change in Antisocial Behavior. In D. P. Farrington (Ed.), *Integrated*

- Developmental & Life-course Theories of Offending*, 14 (183-209). London: Transaction Publishers.
- Tripodi, S. J., Kim, J. S. & Bender, K. (2010). Is Employment Associated With Reduced Recidivism?: The Complex Relationship Between Employment and Crime. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 54 (5). 706-720.
- United Nations – Department of Social Affairs (1951). Probation and Related Measures. In B. Kay & C. Vedder (Eds.), *Probation and Parole* (3-27, 69-87). Springfield, USA: Charles C. Thomas Publisher.
- Weaver, A. & Weaver, B. (2013). Autobiography, Empirical Research and Critical Theory in Desistance: A View from the Inside Out. *Probation Journal*, 60 (3). 259-277.
- Weaver, B. & McNeill, F. (2014). Lifelines: Desistance, Social Relations, and Reciprocity. *Criminal Justice and Behavior*, 10 (10). 1-13.
- Webster, C., MacDonald, R. & Simpson, M. (2006). Predicting Criminality? Risk Factors, Neighbourhood Influence and Desistance. *Youth Justice*, 6 (1). 7-22.
- Wikström, P. H. (2005). The Social Origins of Pathways in Crime: Towards a Developmental Ecological Action Theory of Crime Involvement and its Changes. In David Farrington (Ed.), *Integrated Developmental and Life-Course Theories of Offending: Advances in Criminological Theory*, vol.14 (211-246). New Jersey: Transaction Publishers.
- Wooditch, A., Tang, L. L. & Taxman, F. S. (2014). Which Criminogenic Need Changes Are Most Important in Promoting Desistance From Crime and Substance Use? *Criminal Justice and Behavior*, 41 (3). 276-299.

QUESTIONÁRIO PARA PROJETO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CRIMINOLOGIA

No âmbito de um projeto de dissertação do Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, subordinado ao tema da desistência do crime, solicita-se a colaboração das equipas da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais para que preencham o seguinte questionário, após a seleção de indivíduos que cumpram os requisitos necessários para constituição da amostra.

ID	
-----------	--

1. Relativamente ao indivíduo em causa, o prognóstico de desistência da atividade criminal é:

<i>Favorável</i>	
<i>Não Favorável</i>	

2. Numa escala em que o 1 representa o “Nada Importante” e o 4 representa o “Muito Importante”, classifique os fatores gerais que contribuíram para a resposta anterior:

	1	2	3	4
<i>Idade</i>				
<i>História Criminal</i>				
<i>Caraterísticas pessoais do indivíduo (e.g. motivação para a mudança, autocontrolo, sentimentos, etc.)</i>				
<i>Aspetos relacionados com os contextos nos quais o indivíduo se insere (e.g. família, emprego, atividades de lazer, amigos, etc.)</i>				
<i>Aspetos relacionados com o acompanhamento efetuado em liberdade condicional</i>				
<i>Acontecimentos de vida marcantes para o indivíduo</i>				

3. No sentido de detalhar os fatores gerais acima mencionados, indique se cada um dos fatores pessoais é Relevante ou Não Relevante para o caso em concreto. Se for Relevante, classifique-o como Favorável ou Não Favorável ao prognóstico de desistência do indivíduo em causa.

		Relevante para Prognóstico		Não Relevante para Prognóstico
		Favorável	Não Favorável	
<i>Motivação para a mudança</i>				
<i>Sentido de responsabilidade</i>				
<i>Autocontrolo alto</i>				
<i>Estabilidade emocional</i>				
<i>Capacidades cognitivas</i>				
<i>Capacidade para atingir objetivos previamente definidos</i>				
<i>Capacidade para resolução de problemas</i>				
<i>Sentimento de vergonha pelo passado criminal</i>				
<i>Sentimento de remorso ou arrependimento pelo passado criminal</i>				
<i>Compreensão pelo sofrimento e pelos danos causados às vítimas dos seus comportamentos criminais</i>				
<i>Adoção de papéis socialmente aceites</i>				
<i>Atitudes e crenças prossociais</i>				
<i>Outros (indique, p.f. outros fatores relevantes)</i>	1.			
	2.			
	3.			

4. No sentido de detalhar os fatores gerais acima mencionados, indique se cada um dos fatores contextuais é Relevante ou Não Relevante para o caso em concreto. Se for Relevante, classifique-o como Favorável ou Não Favorável ao prognóstico de desistência do indivíduo em causa.

		Relevante para Prognóstico		Não Relevante para Prognóstico
		Favorável	Não Favorável	
<i>Apoio familiar</i>				
<i>Cumprimento de obrigações familiares</i>				
<i>Apoio de pares prossociais (amigos, colegas de trabalho, etc.)</i>				
<i>Apoio de pares antissociais (amigos, colegas de trabalho, etc.)</i>				
<i>Situação socioeconómica</i>				
<i>Ter emprego</i>				
<i>Percurso laboral</i>				
<i>Motivação/empenho para encontrar ou manter emprego</i>				
<i>Ambiente social do local de residência</i>				
<i>Envolvimento em atividades de lazer e recreação</i>				
<i>Outros (indique, p.f. outros fatores relevantes)</i>	1.			
	2.			
	3.			

5. No sentido de detalhar os fatores gerais acima mencionados, indique se cada aspeto relacionado com o acompanhamento efetuado em liberdade condicional é Relevante ou Não Relevante para o caso em concreto. Se for Relevante, classifique-o como Favorável ou Não Favorável ao prognóstico de desistência do indivíduo em causa.

	Relevante para Prognóstico		Não Relevante para Prognóstico
	Favorável	Não Favorável	
<i>Relação com o técnico de reinserção social que o acompanha</i>			
<i>Intensidade do acompanhamento técnico</i>			
<i>Cumprimento das injunções/obrigações impostas</i>			

6. No sentido de detalhar os fatores gerais acima mencionados, classifique os acontecimentos de vida (durante o cumprimento de pena de prisão e liberdade condicional): primeiro indique se o mesmo se aplica para o indivíduo em questão, e depois, caso se aplique, se este é favorável, não favorável ou não relevante para o prognóstico de desistência do mesmo:

		Aplicável	Não aplicável	Favorável	Não Favorável	Não Relevante
<i>Casamento / Relação sentimental estável</i>						
<i>Paternidade</i>						
<i>Encontrou um emprego estável</i>						
<i>Terminou a escolaridade obrigatória/formação profissional/curso de nível secundário ou superior</i>						
<i>Mudou de residência</i>						
<i>Outros (indique, p.f. outros acontecimentos de vida relevantes)</i>	1.					
	2.					
	3.					

Grata pela colaboração!

ANEXO 2

Guião de Entrevista

GUIÃO DE ENTREVISTA

OBJETIVOS DO ESTUDO, PROPÓSITOS E ÂMBITOS DA ENTREVISTA, TERMOS DE PARTICIPAÇÃO, ESCLARECIMENTOS

Primeiro de tudo gostaria de explicar-lhe os objetivos deste estudo. Esta entrevista tem o propósito de recolher dados para um estudo no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto.

Os dados que pretendo recolher referem-se, de uma forma geral, ao seu percurso de vida e, em especial, acerca dos seus contatos com o sistema de justiça. O principal interesse é ouvir o que tem para contar acerca da sua vida, incluindo o seu passado, da forma como o recorda, e o seu futuro, e a maneira como o imagina. Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendo aceder às suas perspetivas.

A participação neste estudo é voluntária, não recebendo qualquer tipo de compensação por esta. Poderá retirar-se do estudo a qualquer momento. Os dados recolhidos são confidenciais pelo que apenas eu, como investigadora terei acesso a eles, e o seu anonimato é completamente garantido, nunca sendo revelada a sua identidade. Tudo o que for dito não será utilizado para outros fins senão académicos. A entrevista será gravada em formato áudio, pelo que necessitarei da sua autorização para fazê-lo.

Preciso então que assine esta Declaração de Consentimento Informado, que me autoriza a realizar esta entrevista. De igual forma, vou entregar-lhe um documento de Afirmação de Intenção, no qual se esclarece o objetivo e o âmbito do estudo, assim como os termos da sua participação. Necessita de mais esclarecimentos acerca do carácter e objetivos desta entrevista?

QUESTÃO INTRODUTÓRIA	<i>Uma vez que saiu da prisão há relativamente pouco tempo, fale-me, de uma forma geral, da sua vida na atualidade... Da sua família, das rotinas, do trabalho...</i>
FASES DE VIDA CONFORME A DIVISÃO DO INDIVÍDUO	<p><i>Todos nós, por um motivo ou por outro, temos fases boas, menos boas ou más nas nossas vidas ou fases que podemos destacar.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Identificar fases</i> ➤ <i>Situar no tempo</i> ➤ <i>Identificar acontecimentos/situações marcantes</i> ➤ <i>Identificar o que marcou transição entre fases</i>
HISTÓRIA CRIMINAL / SISTEMA DE JUSTIÇA / PERÍODO DE RECLUSÃO	<p><i>Pela consulta que fiz ao seu dossier pessoal, tenho conhecimento que teve vários contatos com o sistema de justiça...</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Primeiro contato com o sistema de justiça</i> ➤ <i>Primeira experiência de reclusão:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>preventivamente/condenado</i> ▪ <i>estabelecimento prisional</i> ▪ <i>idade</i> ▪ <i>porquê</i> ➤ <i>Última reclusão:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>estabelecimento prisional</i> ▪ <i>idade</i> ▪ <i>porquê</i> ➤ <i>Atividades dentro da prisão:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>trabalho</i> ▪ <i>formação académica</i> ▪ <i>formação profissional</i> ➤ <i>Outros reclusos – pessoas conhecidas</i> ➤ <i>Semelhanças e diferenças entre condenações anteriores e atual:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>experiências, quotidiano, atividades, etc.</i>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>sentimentos, pensamentos e vivências</i> ➤ <i>Identificar experiência marcante na(s) reclusão(ões)</i> ➤ <i>Significado de estar preso</i>
LIBERDADE CONDICIONAL	<p><i>Atualmente encontra-se em período de acompanhamento em liberdade condicional, o que implica algumas obrigações às quais foi sujeito.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Identificar obrigações</i> ➤ <i>Frequência do acompanhamento</i> ➤ <i>Apoio solicitado</i> ➤ <i>Relação com o técnico</i> ➤ <i>Características que mais valoriza no técnico</i> ➤ <i>Opinião acerca:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>frequência do acompanhamento</i> ▪ <i>apoio prestado</i> ▪ <i>comparação entre o que pensava acerca do acompanhamento no início e na atualidade</i> ▪ <i>pontos positivos e negativos do acompanhamento</i> ▪ <i>evolução do indivíduo no acompanhamento (aprendizagem, comportamentos, motivação para a mudança, etc)</i>
ROTINAS	<p><i>Em liberdade...</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Primeiro dia em liberdade:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>- o que fez</i> ▪ <i>- sentimentos</i> ▪ <i>- pensamentos</i> <p><i>Tendo sido libertado, teve de criar novas rotinas de vida.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Descrição de um dia concreto da sua semana - ontem</i>
LOCAL DE RESIDÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Descrição do local de habitação:</i>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>recursos sociais</i> ▪ <i>vizinhança</i> ▪ <i>reação ao facto de ter estado preso</i> ▪ <i>agregado familiar</i>
FAMÍLIA	<ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Descrição da relação com a família:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>atualidade</i> ▪ <i>passado</i> ➤ <i>Descrição da relação com pais e irmãos</i> ➤ <i>Apoio familiar:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>atualidade</i> ▪ <i>quando preso</i> ➤ <i>Companheiro sentimental:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>descrição da relação</i> ▪ <i>semelhanças e diferenças na vida do indivíduo antes da relação e atualidade</i> ➤ <i>Papel da dimensão familiar</i>
EMPREGO	<ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Situação profissional:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>como encontrou o trabalho</i> ▪ <i>há quanto tempo nesta situação</i> ▪ <i>iniciativas na procura de emprego quando libertado</i> ➤ <i>Trabalho na área de formação profissional frequentada</i> ➤ <i>Percurso laboral:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>idade de início</i> ▪ <i>atividades profissionais desenvolvidas</i> ▪ <i>despedimentos (última vez, situações semelhantes)</i> ➤ <i>Emprego desejado:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>o quê</i>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>porquê</i> ▪ <i>iniciativas</i>
PERCURSO ACADÊMICO E DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL	<ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Formação profissional ou acadêmica fora da prisão</i> ➤ <i>Percurso acadêmico e relação com a escola na infância/adolescência</i>
GRUPO DE PARES	<ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Amizades:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>quantidade</i> ▪ <i>como conheceu</i> ▪ <i>relação</i>
DEPENDÊNCIAS	<p><i>Vamos falar agora de um assunto que parece ter alguma importância no seu percurso: as dependências.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Consumo de droga na atualidade</i> ➤ <i>Consumo excessivo de álcool na atualidade</i> ➤ <i>Passado</i> ➤ <i>Início do consumo</i> ➤ <i>Motivação para a dependência</i> ➤ <i>Cessação do consumo:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>quando</i> ▪ <i>descrição do processo</i> ▪ <i>motivação.</i> ➤ <i>Iniciativas para cessat�o do consumo</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>quais</i> ▪ <i>motivação</i> ▪ <i>grau de dificuldade</i> ➤ <i>Papel das dependências</i>
DESISTÊNCIA DO CRIME	<p><i>Vamos agora falar sobre um assunto muito específico...</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Pensamento sobre continuar a cometer crimes:</i>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>em condenações anteriores</i> ▪ <i>na atualidade</i> <p>➤ <i>Motivos pelos quais falharam as tentativas anteriores</i></p> <p>➤ <i>Razões para não delinquir:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>quais</i> ▪ <i>influência dos serviços de reinserção social na motivação</i> <p>➤ <i>Circunstâncias nas quais caberia alguma possibilidade de voltar a delinquir</i></p> <p>➤ <i>Facilitadores e obstáculos na desistência de terceiros</i></p> <p><i>Imagine que o seu período de liberdade condicional acabava hoje...</i></p> <p>➤ <i>O que fazia</i></p>
IMAGEM DO SELF	<p><i>Tendo em conta o seu percurso...</i></p> <p>➤ <i>Comparação dos momentos após as condenações anteriores e a atualidade:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>imagem de si próprio</i> ▪ <i>sentimentos</i> ▪ <i>semelhanças e diferenças</i> <p><i>Vamos imaginar que se punha no lugar do seu técnico...</i></p> <p>➤ <i>Opinião:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>imagem</i> ▪ <i>pontos positivos e negativos.</i> <p><i>E se se pusesse no lugar de um familiar em concreto ou de um amigo, alguém que o conheça na sua vida quotidiana...</i></p> <p>➤ <i>Igual?</i></p> <p>➤ <i>Pessoas (familiar, amigo ou outro) marcantes na vida do indivíduo:</i></p>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>quem</i> ▪ <i>porquê</i>
FUTURO	<p><i>Passando agora para o que ainda está por vir...</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Se fosse um livro, o próximo capítulo</i> ➤ <i>Vida daqui a cinco anos:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>como</i> ▪ <i>desejos e expetativas</i> ▪ <i>iniciativas tomadas</i>
QUESTÃO SÍNTESE	<p><i>Por último, continuando a perspetivar a sua vida como um livro...</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Título e frase de caraterização</i>
OUTRAS QUESTÕES	<i>Tem mais alguma questão que considere importante ser esclarecida ou acrescentada?</i>

Declaração de Consentimento Informado

Declaração de Consentimento Informado

Eu, _____

(nome do participante), aceito participar no estudo apresentado no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto. O estudo pretende recolher informação acerca do meu percurso de vida e, em especial, sobre os meus contatos com o sistema de justiça, através de uma entrevista.

Tenho conhecimento de que a participação neste estudo é voluntária, não recebendo qualquer tipo de compensação por esta. Tenho, igualmente, noção de que me posso retirar do estudo a qualquer momento.

Foi-me garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados, sendo que estes não serão utilizados para outros fins que não os académicos.

Tenho conhecimento que a entrevista será gravada em formato áudio.

(Assinatura do participante)

____ / ____ / ____

(Data)

Declaração de Afirmação de Intenção

Declaração de Afirmação de Intenção

Eu, Débora Ferreira, estudante do Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, declaro que a investigação da qual esta entrevista faz parte tem apenas fins académicos, sendo o seu único objetivo a recolha de informação acerca do percurso do participante e, em especial, dos seus contatos com o sistema de justiça.

A entrevista será gravada em formato áudio e a informação recolhida será tratada com confidencialidade, sendo garantido o anonimato do participante, pelo que apenas eu como investigadora terei acesso a ela.

O participante poderá retirar-se do estudo a qualquer momento, uma vez que a sua participação é voluntária e não tem compensação de nenhum tipo.

(Assinatura da investigadora)

____ / ____ / ____

(Data)

Categorias da Codificação das Entrevistas

- i) fases da vida do indivíduo:* positivas, negativas, acontecimentos marcantes;
- ii) história criminal:* percurso criminal, primeiro contacto com o sistema de justiça, motivação para o crime, caracterização dos comportamentos;
- iii) drogas:* no passado, início do consumo, motivação para o consumo, caracterização da droga, posição face ao consumo de droga, cessação do consumo, processo de desintoxicação, iniciativas para deixar o consumo, motivação para deixar o consumo, papel das drogas;
- iv) álcool;*
- v) outras dependências – tabaco;*
- vi) saúde:* problemas de saúde;
- vii) experiência de reclusão:* trajetória prisional, sentimentos, vivências, realidade nos estabelecimentos prisionais, pessoas conhecidas, ocupação, significado, considerações acerca do sistema de justiça/prisional;
- viii) liberdade condicional:* obrigações, apoios sociais, serviços prestados, relação com o técnico, opinião acerca do acompanhamento, considerações acerca da liberdade condicional, término da liberdade condicional;
- ix) em liberdade:* primeiro dia em liberdade, rotinas;
- x) local de habitação:* passado, atualidade, relação com vizinhos, reação dos vizinhos ao facto de ter estado preso, agregado;
- xi) emprego:* atualidade, relação com colegas de trabalho, iniciativas na procura de emprego, dificuldades para encontrar trabalho por ter estado preso, percurso laboral, despedimentos;
- xii) formação académica:* fora da prisão, dentro da prisão, relação com a escola;
- xiii) formação profissional:* fora da prisão, dentro da prisão, trabalho na área de formação;
- xiv) família:* caracterização, apoio quando esteve preso, apoio na atualidade, apoio prestado, relação geral, agregado de origem, relação com agregado de origem, agregado atual, relação com agregado atual, relação marital, paternidade, vivências, papel da família, reação da família ao facto de ter estado preso;

- xv) **grupo de pares:** passado, atualidade, relação com grupo de pares, apoio do grupo de pares, reação do grupo de pares ao facto de ter estado preso;
- xvi) **pessoa marcante;**
- xvii) **self:** percepção sobre a vida na atualidade, percepção acerca da vida no passado, caracterização do indivíduo, contraposição imagem prósocial vs. imagem antissocial, imagem no passado vs. imagem no presente, imagem no passado, imagem na atualidade, imagem desde a perspectiva do técnico, imagem desde a perspectiva de alguém que o conhece na atualidade, autoimagem vs. imagem de outros na mesma situação;
- xviii) **desistência:** posição face ao crime no passado, tentativas falhadas, posição face ao crime na atualidade, posição face aos comportamentos cometidos no passado, motivação para deixar de cometer crimes, possibilidade de reincidência, influência dos serviços prisionais e de reinserção social, desistência em terceiros – facilitadores/dificultadores;
- xix) **futuro:** futuro, objetivos/expectativas, iniciativas para concretizar os objetivos;
- xx) **frase marcante.**

